

**A relação entre encarregados de
educação e educadores de
infância/professores do 1º Ciclo do
Ensino Básico: as perceções de
crianças, encarregados de educação e
docentes.**

**Relatório de Estágio apresentado para a obtenção do grau de
Mestre na área da Educação Pré-escolar e Ensino do 1º ciclo do
ensino básico**

Helena Pedro Brites

Orientador:

Professor Doutor Ramiro Fernando Lopes Marques

dezembro, 2018

Agradecimentos

Quero desde já agradecer ao Professor Doutor Ramiro Marques por toda a orientação, disponibilidade, dedicação e confiança que depositou ao longo deste trabalho.

À minha família por me ter ajudado a concretizar o meu sonho, por me terem ajudado em todos os momentos, com todo o carinho, amor, paciência e nunca ter deixando de acreditar nas minhas capacidades.

Agradeço também a todos os professores e professoras da Licenciatura e do Mestrado que me transmitiram conhecimento e sabedoria para a realização deste trabalho.

A todos os docentes cooperantes que me ensinaram a ser uma melhor profissional e me deram conselhos para crescer.

A todos os meus amigos pelo apoio, dedicação, carinho e paciência.

Às minhas colegas de estágio pelos conselhos, apoio e trabalho colaborativo que me ajudou a tornar uma melhor profissional.

Por último quero agradecer a todos os entrevistados crianças, encarregados de educação e docentes que contribuíram para melhorar o meu Relatório Final e a minha futura prática.

Resumo

O Relatório "A Relação entre os Encarregados de Educação e os Educadores / Professores do Primeiro Ciclo" espelha o percurso realizado em dois anos de Mestrado de Educação de Pré-Escolar e Primeiro Ciclo, através da componente investigativa.

Este está dividido em dois grandes capítulos. O primeiro é referente aos quatro níveis de ensino pela qual passámos, fazendo uma breve caracterização, contextualização e reflexão do percurso. O segundo capítulo é referente à revisão da literatura e à investigação, realizámos várias pesquisas para fundamentar os contributos e os obstáculos do envolvimento das famílias, assim como as tipologias de Joyce Epstein e a evolução do sistema educativo.

A investigação foi realizada ao longo dos tempos de estágios, em que foram aplicadas várias entrevistas a docentes, crianças e EE (Encarregados de Educação).

A análise dos dados recolhidos apresenta diferenças nas dificuldades sentidas pelos EE assim como os docentes¹. No entanto, também, é notória a falta de aspetos negativos e os diferentes aspetos positivos existentes.

Palavras – Chave: Envolvimento, Participação, Docentes, Família.

Abstract

The Report entitled "The Relationship Between Guardians and Educators / Teachers of Grade School" mirrors the course created along two years of Pre-School and Grade School Education Masters, through the investigative component.

The prior is divided in two big chapters. The first concerns the four levels of teaching for which we've been through, making a brief characterization, contextualization and reflection of the course. The second chapter concerns the revision of literature and investigation, fulfilling innumerable researches to justify the contributions and the obstacles of the involvement of their families, as well as the typologies of Joyce Epstein and the evolution of the educational system.

The research was conducted during the internships, in which several interviews were carried out to the teachers, children and guardians.

The analysis of the collected data features differences in difficulties felt by both guardians and teachers. However, also, it's notorious the lack of negative aspects and the difference in different positive aspects.

Key-Words: Involvement, Participation, Teachers, Family.

¹ Entenda-se por docente: professor/s e educador/s

Índice

Agradecimentos.....	ii
Resumo	iii
Abstract	iii
Índice de Quadros	v
Índice de Figuras	v
Índice de Anexos	vi
Lista de Siglas	vii
Introdução.....	1
Parte I – Descrição dos Contextos de Estágio	2
1. Contexto de Estágio e Prática de Ensino no Pré-Escolar	2
1.1. Estágio em creche	2
1.1.1. Organização da sala e dos materiais	3
1.1.2. Caracterização do grupo.....	3
1.1.3. Projeto de Estágio.....	4
1.1.4. Autoavaliação do percurso de aprendizagens realizado	7
1.2. Estágio em jardim de infância	9
1.2.1. Organização da sala e dos materiais	9
1.2.2. Caracterização do grupo.....	10
1.2.3. Projeto de Estágio.....	11
1.2.4. Autoavaliação do percurso de aprendizagens realizado	13
2. Contexto de Estágio e Prática de Ensino no 1º Ciclo do Ensino Básico	15
2.1. Estágio em 1º Ciclo (1º ano).....	15
2.1.1. Organização da sala e dos materiais	16
2.1.2. Caraterização do grupo.....	17
2.1.3. Projeto de Estágio.....	17
2.1.4. Autoavaliação do percurso de aprendizagens realizado	20
2.2. Estágio em 1º Ciclo (4º ano).....	22
2.2.1. Organização da sala e dos materiais	23
2.2.2. Caraterização do grupo.....	23
2.2.3. Projeto de Estágio.....	24
2.2.4. Autoavaliação do percurso de aprendizagens realizado	25
Parte II – Prática Investigativa	27
Introdução.....	27
1. Revisão da Literatura	28
1.1. Conceitos	28
1.2. Legislação.....	29
1.3. Os Benefícios da Colaboração dos Pais	36

1.4. Obstáculos à colaboração dos pais nas escolas	38
1.5. Tipologia de Joyce Epstein.....	39
2. Metodologia	41
2.1. Opções Metodológicas.....	41
2.2. Participantes do Estudo	41
3. Análise dos dados.....	43
3.1. Análise das entrevistas aplicadas às crianças.....	43
3.2. Análise das entrevistas realizadas aos EE	47
3.3. Análise das entrevistas aos docentes	54
4. Reflexão Final	64
Considerações Finais	66
Referências	68
Legislação consultada	71
Anexos	72

Índice de Quadros

Quadro 1 – Quadro de caracterização do grupo de Creche.	3
Quadro 2 – Quadro de caracterização do grupo de JI	10
Quadro 3 - Quadro de caracterização do grupo de 1º ano.....	17
Quadro 4 - Quadro de caraterização do grupo de 4º ano.....	23
Quadro 5 - Evolução da Legislação.	30
Quadro 6 - Análise das entrevistas às crianças.	43
Quadro 7 - Análise das entrevistas aos EE.....	47
Quadro 8 - Análise das entrevistas aos docentes.....	54

Índice de Figuras

Figura 1 - Criança a explorar o papel autocolante com os pés.....	5
Figura 2 - Criança produzir som com o lego.	5
Figura 3 - Crianças a colar os bocadinhos de papel.....	5
Figura 4 - Criança a delinear o boneco de neve.	6
Figura 5 - Criança a colocar o cachecol no boneco de neve.	6
Figura 6 - Criança a identificar o que falta no boneco de neve.....	6
Figura 7 - Criança a sentir a textura da pena.	12
Figura 8 - Criança a cheirar a lã.....	12
Figura 9 - Tabela do revestimento.....	12
Figura 10 - Grupo a observar o cartão.....	13

Figura 11 - Crianças a realizar a atividade.....	13
Figura 12 - Alunos a tecer a letra n em cartão.	19
Figura 13 - Criança a delinear a cabeça do colega.	20
Figura 14 - Crianças a decorar a coroa.	20
Figura 15 - Criança a cortar os bicos da coroa.....	20
Figura 16 - Criança a grafar a coroa.	20
Figura 17 - Análise das respostas corretas e erradas.....	24
Figura 18 - Observação da questão.....	25
Figura 19 - Análise dos pontos.....	25

Índice de Anexos

Anexo I – Pedido de autorização para entrevistar as crianças
Anexo II – Pedido de autorização para entrevistar os EE
Anexo III – Guião de entrevista às crianças
Anexo IV – Transcrição das entrevistas das crianças
Anexo V – Guião de entrevista aos EE
Anexo VI – Transcrição das entrevistas dos EE
Anexo VII – Guião de entrevista aos docentes
Anexo VIII – Transcrição das entrevistas das docentes

Lista de Siglas

EE	Encarregado de Educação
IPSS	Instituições Particulares de Solidariedade Social
JI	Jardim de Infância
NEE	Necessidades Educativas Especiais
OCEPE	Orientações Curriculares para a Educação em Pré-Escolar
SNIPI	Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação

Introdução

O presente relatório pretende retratar todo o trabalho que foi desenvolvido ao longo de dois anos no Mestrado de Educação Pré-Escolar e Primeiro Ciclo do Ensino Básico. O trabalho está dividido em duas grandes partes. Na primeira encontra-se todo o percurso relacionado com a prática nos contextos de pré-escolar (creche e JI (Jardim de Infância)) e 1º Ciclo do Ensino Básico. Na segunda parte é apresentada e desenvolvida a questão de investigação.

Na primeira parte apresenta-se o contexto de pré-escolar que foi realizado no 1º ano de Mestrado, em que é apresentado o contexto, a organização da sala e dos materiais, a caracterização do grupo, o projeto de estágio e por fim a autoavaliação do percurso de aprendizagens realizado. Ainda na primeira parte é, também, apresentado o contexto referente ao 1º ciclo, já realizado no 2º ano de Mestrado, com a mesma estrutura apresentada no pré-escolar.

Na segunda parte do relatório desenvolve-se a questão investigativa que teve início no decorrer dos contextos de estágio, onde encontramos a explicação da temática, a revisão da literatura, as opções metodológicas, os participantes do estudo, a recolha e análise dos dados e reflexão final.

O relatório termina com as considerações finais onde está refletido todo o percurso realizado ao longo da formação como futura profissional.

Parte I – Descrição dos Contextos de Estágio

1. Contexto de Estágio e Prática de Ensino no Pré-Escolar

Os dois estágios, realizados no âmbito do Mestrado de Pré-Escolar e Primeiro Ciclo do Ensino Básico, ocorreram em duas instituições diferentes da cidade de Santarém, abrangendo a valência de creche e JI. Estes realizaram-se no ano letivo 2016/2017, sendo que o primeiro foi de dezembro a janeiro e o segundo de abril a junho.

1.1. Estágio em creche

O estágio decorreu no período de 4 de dezembro a 27 de janeiro. A creche em que estagiámos era uma IPSS (Instituições Particulares de Solidariedade Social) localizada no concelho de Santarém. A Instituição era composta por uma sala de berçário, uma de um ano, uma sala de apoio a estas duas e a sala designada de cantinho do bebé, destinada a crianças com NEE (Necessidades Educativas Especiais). A IPSS também tinha uma sala de dois anos, uma de três, uma de quatro e uma de cinco anos e em todas existia uma zona de lavados.

Havia também uma sala de estar para serviços gerais, com casa de banho e local de cacifos, e uma sala de direção, com casa de banho e cacifos para os colaboradores e para alguns materiais das salas. Existia, ainda, uma sala de reuniões e a sala de arrumos designada por dispensa de material pedagógico, onde se encontrava todos os materiais que as educadoras precisavam para realizar as atividades com os seus grupos.

Para além de todos estes espaços, existia uma cozinha, uma lavandaria e um refeitório para almoços e lanches utilizado por toda a comunidade. As crianças do berçário e da sala de 1 ano não realizavam as refeições neste espaço, visto terem um espaço mais acolhedor (sala de apoio) junto das suas salas que proporcionava mais calma e conforto no momento das refeições.

No exterior, nas traseiras do edifício, existia um parque que permitia às crianças várias descobertas e desafios.

Com um olhar crítico sobre a instituição, podemos afirmar que estava bem localizada e era de fácil acesso. Existia um parque de estacionamento que permitia aos EE deixarem os seus educandos de forma tranquila. Referente à parte interior, podemos afirmar que algumas das salas eram pequenas para o número de crianças, mas tinham muitas janelas, o que possibilitava a entrada de luz natural. O refeitório, sendo espaçoso, permitia uma fácil mobilidade.

No que diz respeito à parte exterior, verificámos a existência de diversos perigos para os mais pequenos, nomeadamente, duas piscinas vazias e muitas subidas e descidas que dificultam as saídas ao exterior na época de inverno.

O corpo docente era composto por sete educadoras, sete auxiliares, uma coordenadora, duas cozinheiras e três ajudantes de cozinha.

A instituição tinha um período de funcionamento alargado com início às 7:30h e terminando às 19:00h.

1.1.1. Organização da sala e dos materiais

A sala da creche era ampla, o que permitia uma boa mobilidade, e tinha várias janelas, o que possibilitava a entrada de luz natural. A sala estava dividida em sete cantinhos: a biblioteca, o tapete, o espaço dos jogos, a garagem, a casinha, o espaço dos desenhos e o espaço das trapalhadas.

O cantinho da biblioteca tinha as primeiras histórias em papel e já demonstravam algum uso, ou seja, eram muito utilizadas pelas crianças, uma vez que se encontravam rasgadas e amachucadas. O espaço dos jogos continha diferentes caixas com materiais didáticos (cubos, encaixes, entre outros). O espaço da garagem era constituído por diferentes pisos com muitos carros de brincar. A casinha tinha um fogão, um armário de arrumação, com vários utensílios, uma mesa, três bancos, uma cama, três almofadas, alguns bebés e um tapete. O espaço de desenho tinha duas mesas redondas com algumas cadeiras do tamanho do grupo. O espaço das trapalhadas era constituído por um armário com vários cabides de diferentes peças de vestuário (casacos, chapéus, luvas, saias e camisolas) e um espelho para que as crianças se pudessem mascarar.

As crianças podiam usufruir de todos os cantinhos da sala e de todos os materiais inseridos nos mesmos. Os mais escolhidos eram a casinha e a garagem quando não estavam no do desenho.

A sala tinha as paredes cobertas pelas personagens da história dos três porquinhos, o mapa do ajudante do dia, o mapa das presenças, a lagartinha da rotina, um cartaz elaborado com as crianças sobre o que era ser amigo, as casas dos passarinhos com os aniversários, o quadro das grandes atividades e grandes conquistas, que era alterado sempre que era abordado um novo tema, o placar dos recados e o quadro da semana, onde estavam expostas fotografias das atividades que tinham sido realizadas recentemente.

A sala tinha também uma casa de banho para as crianças e uma despensa, onde eram arrumadas as camas e os lençóis das mesmas. Com a nossa intervenção, o espaço enriqueceu, passando a ter um mapa do tempo que, com o decorrer da sua utilização, foi um elemento que ajudou na determinação dos estados do tempo ao longo dos dias.

1.1.2. Caracterização do grupo

Neste estágio, todas as crianças do grupo tinham nacionalidade portuguesa.

Quadro 1 – Quadro de caracterização do grupo de Creche.

Número de crianças	19
Idades	2 anos
Género	9 raparigas e 10 rapazes
Crianças com necessidades educativas especiais	0

O grupo era muito autónomo, ágil e ativo na realização de todas as tarefas. Alguns já demonstravam a sua personalidade, o que causava alguns conflitos entre pares e adultos. Por vezes, tornavam-se autoritários.

O momento que o grupo mais gostava era o do desenho, pois demonstravam estar sempre entusiasmados e curiosos sobre o que iriam fazer, uma vez que todos os dias realizavam atividades diferentes.

Neste grupo, não havia nenhuma criança com NEE e a maioria dos EE tinha uma situação profissional ativa e possuía habilitações superiores à escolaridade obrigatória. A maior parte das crianças eram filhos únicos.

1.1.3. Projeto de Estágio

Neste contexto de estágio, tivemos alguma dificuldade em encontrar um projeto que se adequasse ao grupo de crianças que tínhamos na sala. A informação que tínhamos era que se tratava de um grupo pouco autónomo, mas quando chegámos à sala verificámos exatamente o contrário.

Num dos momentos no espaço do desenho, ainda estávamos em observação, reparámos numa lacuna que existia naquele grupo e que poderia ser trabalhada por nós. Após várias conversas entre o par e a educadora que nos acompanhou, chegámos à conclusão que o projeto deveria incidir na imaginação e na criatividade. Este tema surgiu na altura do natal, quando a educadora explicou o que era um bolo-rei e mostrou a imagem de um. Nesse dia, as crianças mexeram na massa de cores e o grupo olhava para nós e não sabia o que devia de fazer. Posteriormente, uma das crianças fez uma figura redonda e disse que era um bolo-rei. Os adultos na sala rapidamente disseram que não era um bolo-rei, porque não tinha um círculo no meio.

Esta questão fez-nos pensar que tínhamos de desconstruir a ideia e que, naquela faixa etária, era importante as crianças conseguirem exprimir-se livremente. Após muitas pesquisas, encontrámos várias definições que nos ajudaram a fundamentar o que queríamos implementar. Pois tal como Duffy (2008) menciona “A imaginação é uma capacidade cognitiva capaz de criar no nosso cérebro uma realidade alternativa” (p.20).

O projeto implementado foi realizado tendo em conta o projeto da instituição e o projeto da sala. Avaliámo-lo tendo por base a observação direta, os registos fotográficos, o trabalho final, as grelhas de observação e da avaliação oral das crianças.

De todas as atividades que foram implementadas durante o projeto, destacamos duas “vamos explorar!” e o “boneco de neve”. A primeira nunca tinha sido realizada e ao princípio o grupo teve receio, mas depois envolveu-se. A segunda atividade o grupo teve oportunidade de realizá-la sozinha, o que não era hábito.

A primeira atividade tinha como objetivo principal manipular o seu próprio corpo no espaço. Esta atividade consistia na exploração do papel autocolante, isto é, colocámos o papel autocolante, com a parte que cola para cima e colámos as pontas com fita-cola para

não se embrulhar. De seguida, ajudámos as crianças a descalçarem-se e foram em pequenos grupos para cima do papel. De todas as crianças, uma não quis participar e duas tiveram medo. Estas últimas acabaram por intervir com o incentivo das estagiárias e da educadora, embora o tempo da criança fosse respeitado. Uma delas continuou, mas a outra achou estranho os pés colarem e já não quis mais.

Durante a exploração do papel autocolante (figura 1), uma das crianças caiu e notou que todo o corpo colou, o que fez com que algumas crianças fizessem de propósito para experimentar. Para além de explorarem o corpo, o grupo começou a levar objetos da sala, como os carros, bocadinhos de papel que a educadora deu (figura 3), legos e o papel que protegia a parte do autocolante. Iam rasgando como queriam e colando da maneira que para eles fazia sentido.

Foi uma atividade sensorial muito positiva, o grupo aderiu com algum receio, mas com muita curiosidade sobre o que iam fazer. Com esta atividade, permitimos que as crianças colocassem a sua imaginação e a sua criatividade em prática. Por exemplo: uma das crianças foi buscar um carro e tentou que ele deslissasse, como não conseguiu foi buscar mais e ia imitando vários sons. Outra criança colou um lego e com um objeto da cozinha começou a bater no lego produzindo som (figura 2).

Todos estes momentos fizeram-nos perceber que os objetivos que foram delineados tinham sido atingidos. Descobrimos ainda que existiam mais alguns que se desenvolveram e não sabíamos que eram possíveis, como, por exemplo, a interação entre pares constantemente.

Para a avaliação desta atividade recorreremos à observação direta, ao registo fotográfico e à grelha de observação.



Figura 1 - Criança a explorar o papel autocolante com os pés.



Figura 2 - Criança produzir som com o lego.



Figura 3 - Crianças a colar os bocadinhos de papel.

Outra atividade que, desta vez, considerámos menos positiva, foi a do “boneco de neve”.

A atividade inicialmente não estava prevista, mas, em diálogo com a educadora, teve de ser colocada, porque a estação do inverno começou e o boneco de neve fazia parte. Este tema não nos fez muito sentido ser trabalhado afincadamente, uma vez que, na realidade das nossas crianças, não neva. Por esta razão, pensámos em realizar uma atividade onde as crianças se pudessem exprimir de algum modo. Optámos por levar os moldes do boneco de neve e colar um a um numa folha A4 com ajuda da criança.

Todas as crianças tinham várias tintas à sua disposição e, com uma esponja, molhavam na tinta e carimbavam o boneco de neve, delineando (técnica de *stencil*) (figura 4). Antes de começarem, exemplificávamos com a mão delas. Primeiramente, olharam para a tinta na esponja e, quando carimbaram o boneco de neve, não sabiam o que ia acontecer. Então, faziam o movimento muito lentamente. Alguns deles quiseram utilizar várias cores. Durante este processo, as crianças divertiram-se muito.

Após a primeira etapa concluída, descolámos os bonecos de neve e colámos ao lado, ficando um boneco branco e o outro da cor (ou cores) que a criança tinha utilizado. De seguida, questionávamos as mesmas sobre o que faltava no boneco de neve (boca, olhos, nariz, braço, cachecol) (figura 6). Algumas dialogaram connosco, outras apenas apontavam para o lugar dos olhos, nariz e braço. A partir de um dado momento, tivemos de acelerar as crianças devido à falta de tempo. Durante a visualização final, as crianças esboçavam um sorriso ao ver os seus bonecos de neve.

Nesta atividade, considerámos que nem todos os objetivos foram atingidos, uma vez que algumas crianças não tiveram diálogo com as estagiárias. Para a avaliação da mesma utilizámos os registos fotográficos, a observação direta e o produto final.



Figura 4 - Criança a delinear o boneco de neve.



Figura 5 - Criança a colocar o cachecol no boneco de neve.



Figura 6 - Criança a identificar o que falta no boneco de neve.

1.1.4. Autoavaliação do percurso de aprendizagens realizado

Após todas as atividades concluídas e o projeto implementado, podemos concluir que foi um trabalho bem aceite por todas as crianças. Ainda assim, muitas precisam de trabalhar a sua criatividade e imaginação.

Um ponto menos positivo que destacámos deste projeto foi o facto de ficarmos um pouco limitadas aos temas que a educadora nos impôs (por ser época natalícia e a instituição ser católica) e não sabermos encontrar alternativas para aprofundar melhor o tema do nosso projeto.

O tempo foi um obstáculo, pelo facto de termos os horários das rotinas para cumprir e por vezes tínhamos de apressar as crianças a realizar as atividades, não lhes dando espaço suficiente.

Após a análise e a conversa entre par, chegámos à conclusão que deveríamos ter realizado algumas alterações no projeto e nas atividades que implementámos. Em primeiro lugar, prolongaríamos mais as atividades, isto é, realizaríamos uma atividade em dois dias em vez de ser só num. Assim, não existiria aquela pressão por parte dos adultos para as crianças realizarem as atividades, dando-lhes assim mais tempo para serem elas a decidir, a criar e a explorar tudo de forma individualizada. Em segundo lugar, tendo por base os temas da educadora, realizaríamos as atividades de maneira diferente. Por exemplo, na atividade do boneco de neve daríamos muito mais espaço às últimas crianças para identificarem o que faltava. Pensando sempre nos focos principais que eram para ser desenvolvidos, ou seja, a criatividade e a imaginação, deixando sempre os estereótipos de parte o mais possível. Mesmo assim, conseguimos implementar a maior parte do projeto, embora não o conseguíssemos destacar como deveria ser.

Este estágio acabou por ser um pouco mais difícil do que estávamos à espera, uma vez que tivemos dificuldade em perceber como melhorar pontos que já sabíamos que não estavam totalmente corretos.

Enquanto futuras profissionais, pensamos que evoluímos bastante em todas as áreas importantes para esta faixa etária, tais como o momento da higiene, da alimentação, o momento individual e até mesmo os momentos em grupo.

Este primeiro estágio levou-nos a questionar muitos momentos e muitas dúvidas surgiram, mas, com a ajuda da educadora, do par de estágio e das leituras, conseguimos perceber e esclarecer algumas delas. Por exemplo, durante a primeira semana uma criança fez birra porque pedimos ao grupo para começarem a arrumar os brinquedos. Como a criança não ajudou os outros repreendemo-la, começando, de seguida, a magoar os pares, incluindo a educadora e as estagiárias. Naquele momento, nós não sabíamos como deveríamos agir. Continuávamos como se não estivesse nada a acontecer? Ou deveríamos ter colocado a criança sentada a refletir? Agimos depois de ponderar nestas hipóteses e tentámos falar com ela, o que não resultou. Segundo Brazelton (1995), esta criança precisava de apoio e firmeza,

por isso deveríamos de a ter colocado num sítio sossegado para ela se acalmar e refletir. Só depois é que deveríamos ter tido esta pequena conversa.

Outro dos nossos dilemas ocorreu num dia que ficámos até mais tarde no local de estágio. Os pais de uma das crianças foram buscá-la e esta começou a correr, dentro da sala e a deslizar. Pouco depois as outras crianças começaram a imitá-la. Chamámos à atenção e dissemos que aquilo não se fazia porque eles se podiam magoar. O grupo não parou e a auxiliar voltou a afirmar o que tínhamos referido, mas eles continuaram a fazer o mesmo. A mãe da criança chamou-a atenção e o pai disse à mãe para deixar estar a criança, porque ela estava a brincar. Ficámos um pouco confusas, olhámos para auxiliar e esta para nós sem saber o que deveríamos fazer num caso daqueles. A dúvida é: deveríamos ter voltado a dizer à criança para parar mesmo com o pai ali?

Refletimos sobre o assunto e fomos ler um pouco sobre o mesmo. É importante que os profissionais conversem com os EE, explicando-lhes que embora eles sejam as primeiras pessoas a educar os seus filhos, quando os entregam aos docentes, são eles que têm o dever de os educar quando algo corre menos bem (Marques, 2001). Mesmo assim, no dia seguinte falámos com educadora sobre o acontecimento. Ela referiu que deveríamos ter conversado com o pai e que era importante que estes não desrespeitassem as educadoras em frente das crianças, pois assim, elas começavam a pensar que mesmo dentro da sala, os pais tinham mais autoridade que os educadores.

Um dos aspetos a melhorar é o modo de planificar, porque foi um dos dilemas ao longo do estágio. Tivemos dificuldade em conseguir perceber se a planificação estava ou não adequada ao grupo e se era compreensível para as pessoas que a fossem ler, como, por exemplo, as cooperantes. Não conseguimos ter muita autonomia na resolução da mesma, o que nos obrigou a ter de recorrer constantemente às cooperantes. Procurámos outros exemplos de planificações, pois pensámos que isso nos iria ajudar a encontrar uma estrutura própria e assim realizá-la mais autonomamente. Assim, como refere Zabalza (1994), “Não há caminhos iguais de preparação/planificação de aulas e cada qual tem de criar os seus próprios modelos, com a consciência de que todos os caminhos são possíveis mas nem todos são igualmente bons.” (p.6).

Para além de todo o trabalho que foi desenvolvido na sala e que nos motivou para querer fazer mais e melhor, houve uma questão que nos deixou muito contentes: o facto de a docente tentar envolver a família até ao último detalhe. Esta tinha uma relação muito aberta com os EE. Quando era o momento do acolhimento, a educadora fazia questão de falar com todos os EE, nem que fosse apenas cinco minutos. Este contacto foi muito útil, pois foi através dele que os pais começaram a relacionar-se connosco e, de um certo modo, a falar como se pertencêssemos à instituição, o que nos deixou mais confiantes.

Após a primeira semana de intervenção, foi-nos pedido para realizar um jornal semanal, onde as crianças relatavam o que tinham realizado. Para além disso, constavam

fotografias das diferentes atividades, fossem elas orientadas ou não. Todo este processo fez-nos refletir bastante, uma vez que era um assunto que despertava algum interesse desde o tempo da licenciatura, pois percebemos que à medida que os filhos passavam de ano, os EE afastavam-se mais das escolas e que não havia liberdade para os pais irem à escola realizar atividades.

1.2. Estágio em jardim de infância

O estágio ocorreu entre o período de 17 de abril a 2 de junho. O JI que frequentámos pertencia a uma Escola Básica do 1º ciclo, localizada no concelho de Santarém. A escola já fazia parte de um dos megas agrupamentos existentes na cidade.

Este estabelecimento era composto por dois pisos. O rés-do-chão tinha 2 salas (uma para o 1º ano e outra para JI), 3 casas de banho, uma para as raparigas, adaptada a pessoas com incapacidades motoras, uma para os rapazes e outra para a sala do JI. Um polivalente, uma cozinha, duas arrecadações, uma sala para docentes e uma casa de banho para docentes e não-docentes. O 1º andar era composto por 3 salas para o 2º, 3º, 4º ano e duas casas de banho, uma para rapazes e outra para raparigas.

O espaço exterior estava organizado em duas partes, a da frente e a de trás. A da frente tinha uma caixa com areia, duas mesas, onde se podia fazer piqueniques e vários jogos desenhados no chão, como, por exemplo, o jogo da macaca. Da parte de trás, o espaço era composto por dois baloiços, um escorrega e vários pneus, que davam acesso à sala do JI.

Com um olhar crítico sobre a instituição podemos referir que estava inserida num local de habitação com pouco comércio, mas rodeada de casas. Por esta razão, não havia muito estacionamento, o que não permitia que os EE acessem facilmente à mesma.

As salas eram pequenas para o número de alunos que existiam e o polivalente tinha uma má acústica pois, quando existia algum barulho, provocava eco. O espaço exterior era amplo e permitia uma boa mobilidade, menos quando chovia, pois os alunos eram obrigados a permanecer dentro do polivalente.

O corpo docente era constituído por uma educadora e seis professoras, sendo quatro titulares e as restantes de apoio ao estudo. Quanto ao pessoal não docente, existiam três assistentes operacionais e três ajudantes de cozinha que preparavam as refeições que vinham de uma empresa particular.

Em período letivo, a escola funcionava das 9:00h às 15:00h para o JI e das 9:00h às 16:30h para o 1º ciclo. Após este período, havia várias atividades extracurriculares, tanto para o JI como para o 1º ciclo.

1.2.1. Organização da sala e dos materiais

A sala estava dividida em várias áreas: do tapete, dos blocos, do computador, do desenho, da caixa cor de laranja, da biblioteca, da caixa azul, dos legos, dos jogos de mesa, da casinha e, por último, área da pintura. Estas são importantes na sala do JI, pois assim, as crianças podem escolher onde querem estar e com quem querem estar, desenvolvendo assim

o sentido de responsabilidade e autonomia enquanto interagem uns com os outros. Em todas as áreas existiam diversos materiais, o que permitia às crianças brincarem com os objetos que quisessem. Para que não houvesse muita confusão, foi estabelecido um número limite de crianças em cada uma.

Cada criança escolhia em qual queria ir brincar. Todas elas eram escolhidas, não havendo nenhuma que fosse a menos utilizada (exceto o computador, que estava avariado).

A sala estava decorada com os trabalhos que foram desenvolvidos pelo grupo ao longo do ano letivo, podendo assim observar e lembrar-se de todas as aprendizagens que já tinham realizado. A parte exterior da sala tinha os cabides, identificados com o nome de cada uma das crianças, para que estas pudessem colocar os seus pertences. Dois placares, uns com informações para os EE e o outro com trabalhos realizados pelo grupo.

Numa análise crítica, a sala do JI era pequena para o número de crianças que nela estava inserida. As áreas que estavam disponibilizadas ocupavam muito espaço, o que fazia com que por vezes, tivéssemos de as desviar para que nenhuma criança se magoasse enquanto brincava, como era o caso da área da pintura.

No entanto, tinha diversas janelas, o que permitia a entrada de luz natural e era muito acolhedora.

1.2.2. Caracterização do grupo

Neste estágio, existiam crianças com diferentes nacionalidades, uma era brasileira, a outra ucraniana e as restantes eram portuguesas.

Quadro 2 – Quadro de caracterização do grupo de JI

Número de crianças	23
Idades	3-6 anos
Género	12 raparigas e 11 rapazes
Crianças com necessidades educativas especiais	apenas 1 estava referenciado
Crianças repetentes	0

O grupo, de um modo geral, era muito agitado e, por vezes, tinha dificuldade em concentrar-se no que o rodeava. Nem sempre se respeitavam, nem mesmo quando colocavam o dedo no ar.

O que o grupo mais gostava era da brincadeira livre, pois exploravam todas as áreas e todos os materiais que existiam dentro dela. Mostravam sempre muito envolvimento e bem-estar, tal como na caixa azul, onde tinham de construir projetos, e na casinha, em que brincavam aos restaurantes.

Uma das crianças não tinha necessidades educativas especiais, apenas estava referenciada na SNIPI (Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância), com o nível 3 (deficiência/dificuldade grave), o que fez com que a transição para o 1º ano, fosse adiada por um ano. Segundo o Decreto-Lei nº 281/2009, 6 de outubro, a SNIPI abrange crianças dos 0

aos 6 anos de idade com o objetivo de garantir as condições necessárias à evolução das mesmas. Nas funções ou nas estruturas do corpo, que limitem a participação desta em atividades específicas para a sua idade (artigo 1º e 2º).

Das 23 crianças que frequentavam o JI, apenas 16 participavam nas atividades extracurriculares: expressão musical, yoga e expressão dramática. Em todas estas atividades, o grupo mostrava um bem-estar elevado.

Relativamente ao contexto profissional e o nível de habilitações literárias dos EE, verificámos que a maioria tinha uma situação profissional ativa e que tinha habilitações iguais ou superiores à escolaridade obrigatória atual. Quanto ao agregado familiar, a maior parte das crianças tinha pelo menos um irmão.

1.2.3. Projeto de Estágio

A abordagem aos livros surgiu na primeira semana de observação. Todos os dias depois do almoço, a educadora lia uma história para o grupo se acalmar, porém, não a desenvolvia.

Segundo sabemos, a consciência fonológica contribui para uma melhor aprendizagem da leitura, uma vez que ao fazer a análise oral da história, as crianças estão a desenvolver o seu processo de codificação, o que faz com que ocorra uma evolução (Silva, Marques, Mata, & Rosa 2016).

Como este momento estava inserido nas rotinas, tornou-se mais fácil trabalhá-lo. Na nossa opinião, é muito importante trabalhar as histórias visto ser um momento em que eles desenvolvem vários domínios, como a compreensão oral. Sendo assim, o projeto de estágio implementado foi “Livros e agora?” que estava devidamente enquadrado com o plano de turma que também tinha várias atividades relacionadas com o tema.

O par de estágio tentou que o projeto fosse sempre respeitado ao longo de todos os momentos da rotina, enquadrando sempre as atividades no tema que tinha sido abordado com a história anterior.

Para a concretização deste projeto, tivemos em conta vários dias marcantes do calendário, como, por exemplo, o dia do trabalhador, o dia da mãe, o dia da europa, visitas de estudos, entre outras. Ao longo de todo o projeto, foi privilegiado a interação entre pares e entre pares e adultos.

Para a avaliação do projeto, o par utilizou diversas técnicas, como registos escritos, reflexões, diálogos com as crianças, observação direta, grelhas de observação sobre o envolvimento das crianças, registos fotográficos, registos audiovisuais, registos realizados pelas crianças, através das exposições dos trabalhos e o portefólio final.

De todas as atividades que foram realizadas ao longo do projeto, as que considerámos mais pertinentes foram “os animais da quinta” e “o que vamos ser?”. Uma vez que através destas duas atividades podemos observar a evolução que existiu, como explicaremos nas linhas seguintes.

Perto da visita de estudo à quinta dos animais, optámos por estar duas semanas a abordar o tema dos animais, para percebermos a evolução do grupo. Por isso, foi abordado uma semana antes e uma semana depois da visita.

Durante a primeira semana tentámos perceber quais eram as concepções prévias do grupo e começar por esse ponto. Percebemos que este confundia os filhos dos animais, por exemplo, o leitão era o filho da ovelha. Por esta razão, optámos por mostrar um vídeo sobre os animais (atividade “animais da quinta”). Depois mostrámos as fotografias e os nomes dos animais que apareciam nesse mesmo vídeo, abordando de seguida o número de patas, o revestimento e a locomoção desse mesmo animal. Quando introduzimos as palavras revestimento e locomoção as crianças não questionaram o que era, respondendo de imediato à questão colocada, o que nos deixou surpreendidas. Antes de continuarmos com a atividade, o grupo preencheu a tabela com as ideias iniciais no qual designámos “antes” na tabela das características do revestimento.

À medida que íamos abordando o revestimento, íamos mostrando às crianças, por exemplo, o pato tinha penas, mostrávamos penas (figura 7), a ovelha tinha lã, mostrávamos lã (figura 8) e assim sucessivamente. O grupo gostou de sentir todos os tipos de revestimento apresentados à exceção da lã que tinha um odor muito intenso, mas era muito “fofinha”, palavra mencionada pelas crianças. Seguidamente, realizámos o que designámos “depois” da tabela das características do revestimento, pois consistia nas ideias finais da atividade.

Esta atividade foi muito interessante pelas descobertas que as crianças fizeram e pelas afirmações que tiveram ao longo de todo o processo.



Figura 7 - Criança a sentir a textura da pena.

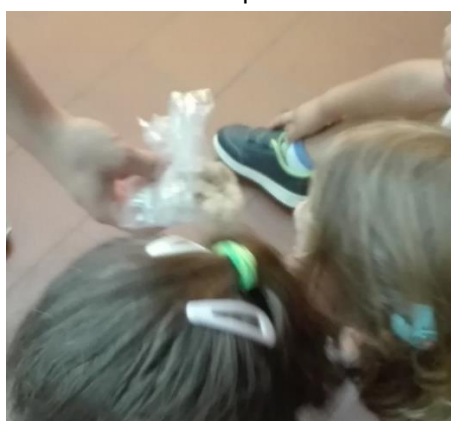


Figura 8 - Criança a cheirar a lã.

PREVISÃO	ANTES	DEPOIS								
REVESTIMENTO										
PENAS	<table border="1"> <tr><td>CHÉIRO</td><td>NÃO</td></tr> <tr><td>SIM</td><td>X</td></tr> </table>	CHÉIRO	NÃO	SIM	X	<table border="1"> <tr><td>CHÉIRO</td><td>NÃO</td></tr> <tr><td>SIM</td><td>0</td></tr> </table>	CHÉIRO	NÃO	SIM	0
CHÉIRO	NÃO									
SIM	X									
CHÉIRO	NÃO									
SIM	0									
PELO	<table border="1"> <tr><td>CHÉIRO</td><td>NÃO</td></tr> <tr><td>SIM</td><td>7</td></tr> </table>	CHÉIRO	NÃO	SIM	7	<table border="1"> <tr><td>CHÉIRO</td><td>NÃO</td></tr> <tr><td>SIM</td><td>X</td></tr> </table>	CHÉIRO	NÃO	SIM	X
CHÉIRO	NÃO									
SIM	7									
CHÉIRO	NÃO									
SIM	X									
LÃ	<table border="1"> <tr><td>CHÉIRO</td><td>NÃO</td></tr> <tr><td>SIM</td><td>X</td></tr> </table>	CHÉIRO	NÃO	SIM	X	<table border="1"> <tr><td>CHÉIRO</td><td>NÃO</td></tr> <tr><td>SIM</td><td>0</td></tr> </table>	CHÉIRO	NÃO	SIM	0
CHÉIRO	NÃO									
SIM	X									
CHÉIRO	NÃO									
SIM	0									

PREVISÃO	ANTES	DEPOIS								
REVESTIMENTO										
PENAS	<table border="1"> <tr><td>SENSIBILIDADE</td><td>DURO</td></tr> <tr><td>SUAVE</td><td>X</td></tr> </table>	SENSIBILIDADE	DURO	SUAVE	X	<table border="1"> <tr><td>SENSIBILIDADE</td><td>DURO</td></tr> <tr><td>SUAVE</td><td>0</td></tr> </table>	SENSIBILIDADE	DURO	SUAVE	0
SENSIBILIDADE	DURO									
SUAVE	X									
SENSIBILIDADE	DURO									
SUAVE	0									
PELO	<table border="1"> <tr><td>SENSIBILIDADE</td><td>DURO</td></tr> <tr><td>SUAVE</td><td>X</td></tr> </table>	SENSIBILIDADE	DURO	SUAVE	X	<table border="1"> <tr><td>SENSIBILIDADE</td><td>DURO</td></tr> <tr><td>SUAVE</td><td>X</td></tr> </table>	SENSIBILIDADE	DURO	SUAVE	X
SENSIBILIDADE	DURO									
SUAVE	X									
SENSIBILIDADE	DURO									
SUAVE	X									
LÃ	<table border="1"> <tr><td>SENSIBILIDADE</td><td>DURO</td></tr> <tr><td>SUAVE</td><td>0</td></tr> </table>	SENSIBILIDADE	DURO	SUAVE	0	<table border="1"> <tr><td>SENSIBILIDADE</td><td>DURO</td></tr> <tr><td>SUAVE</td><td>X</td></tr> </table>	SENSIBILIDADE	DURO	SUAVE	X
SENSIBILIDADE	DURO									
SUAVE	0									
SENSIBILIDADE	DURO									
SUAVE	X									

Figura 9 - Tabela do revestimento.

O grupo acabou por verificar através da tabela (figura 9) que houve características do revestimento que não eram iguais ao que eles pensavam. Mesmo assim, concluímos que o grupo conseguiu atingir os objetivos estabelecidos. Para avaliar esta atividade, recorreremos aos registos fotográficos, aos registos escritos (estagiárias e crianças) e à observação direta.

Na atividade “o que vamos ser?” utilizámos os conceitos que já tínhamos abordado anteriormente. Nesta atividade, o grupo estava no momento da educação física e fomos para a rua. O jogo consistia em imitar o animal que eles estavam a ver. Nós tínhamos vários cartões com os animais da quinta dentro do bolso e quando mostrávamos os cartões (figura 10) fazíamos diferentes perguntas “quem sou eu?”, “Tenho lã e faço mé”, “Sou filho do/a?”, “como é que eu me desloco”, “que som faço?”. Depois de responder que animal era, imitavam a forma de andar desse animal e o som (figura 11). Através desta atividade conseguimos perceber que os nomes que eles anteriormente trocavam (o leitão era filho da ovelha), já não acontecia.

Esta atividade foi muito engraçada porque todo o grupo aderiu e era visível o bem-estar do mesmo. A avaliação da atividade foi muito positiva e foi notória a evolução que houve dos conhecimentos, tendo sido os objetivos iniciais da atividade cumpridos. Para avaliar esta atividade, recorreremos aos registos fotográficos, a uma grelha de observação e à observação direta.



Figura 10 - Grupo a observar o cartão.



Figura 11 - Crianças a realizar a atividade.

Ao início, sentimos alguma dificuldade em planificar para todo o grupo, uma vez que tínhamos várias idades, em fases de desenvolvimento diferentes dentro da sala. Pois sabíamos que as crianças mais pequenas precisavam de uns estímulos e os mais velhos precisavam de outros.

1.2.4. Autoavaliação do percurso de aprendizagens realizado

Uma vez que nunca tínhamos estagiado neste contexto, fizemos algumas leituras, mas mesmo assim, fomos apreensivas e nervosas, pois era uma novidade.

Existem pormenores que temos de melhorar, mas existem também alguns que já dominamos. No início do estágio, tínhamos algumas dificuldades em contar histórias, porque quando o grupo se distraía não sabíamos o que fazer. Conseguimos superar essa dificuldade com ajuda de um profissional de contar histórias, que mencionou várias dicas. A forma de avaliar foi outra dificuldade encontrada no estágio, que não conseguimos ultrapassar, mas tencionamos fazê-lo, através de leituras.

Os aspetos que dominámos melhor foi a atitude perante o grupo, as restantes áreas mencionadas das OCEPE (Orientações Curriculares para a Educação em Pré-Escolar), a parte afetiva da criança e o seu desenvolvimento.

O modo de planificar diferiu do estágio anterior, que consideramos que melhorou, uma vez que, anteriormente, tínhamos muitas dificuldades em planificar autonomamente e, quando o fazíamos, surgiam muitas dúvidas. Tal não se verificou neste contexto. Conseguimos fazê-lo mais autonomamente e fluidamente. A utilização de outra forma de planificar ajudou bastante na forma como organizávamos e expúnhamos as nossas ideias, ficando mais claras no papel. O documento das OCEPE também ajudou muito na exposição de ideias.

O maior desafio que tivemos durante este estágio foi numa das semanas não conseguirmos cumprir o que tínhamos planificado. Uma vez que todos os dias ocorreram situações que não estavam programadas, como: o grupo estar muito agitado e não aguentar o que estava preparado, vir o EE à escola falar de um tema que lhe interessava, entre outros. O que fez com que fôssemos capaz de nos adaptar facilmente às situações e adaptar o que tínhamos planeado.

Relativamente ao projeto de estágio, através de várias conversas que o par teve, concordámos que conseguimos implementar o projeto na sua totalidade, assim como, os objetivos inicialmente planeados. Ainda assim, achamos que existem pormenores que necessitam de ser melhorados. Primeiramente, não chamaríamos ao projeto “Livros e agora?” porque sentimos a necessidade de recorrer a outro tipo de suportes sem ser os livros, como foi o caso do vídeo, ou de mapas, para outras atividades, para o grupo perceber melhor o que estávamos a tentar transmitir.

A utilização de tantas histórias numa só semana foi também um dos pontos menos positivos. Deveríamos utilizar uma história por semana, para aprofundar melhor vários assuntos. Mesmo assim, conseguimos aplicar o nosso projeto, tentando sempre contornar os obstáculos que nos iam aparecendo.

Para além dos pontos menos bons, existiram muitos positivos, como: a colaboração e o envolvimento do grupo em todo o projeto, o facto de termos conseguido abordar quase todas as áreas de conteúdo, à exceção da dança que foi difícil enquadrar nas diferentes atividades. Temos a oportunidade de sair com o grupo em duas visitas de estudo, uma longe da instituição outra perto, o que fez com que fôssemos a pé, conseguindo de igual forma abordar o projeto.

Durante a avaliação do projeto, colocámos o que eles disseram à frente de cada história e aí percebemos que eles gostaram e aprenderam, até naquelas atividades que pensávamos que eles não tinham dado muita importância.

Como a interação com os EE tem-nos despertado algum interesse, tomámos nota de algumas situações da valência anterior e desta. À margem do que encontramos no estágio

passado, nesta valência a educadora não teve muita ligação, no dia-a-dia, com os pais, uma vez que os EE não iam à sala deixar os seus educandos, mas, sim, ao polyvalente.

Mesmo assim, o projeto da turma fazia questão de integrar os pais nos seus projetos, como o “livro vai comigo”. Trata-se de um projeto cujas crianças iam à biblioteca da sala e escolhiam um livro para levar para casa. De seguida, liam com os EE no fim de semana e com ajuda dos mesmos faziam um desenho ilustrativo do mesmo. Este momento de partilha e interação entre pais e filhos é muito importante, uma vez que “(...) a leitura de história pela voz dos pais (...) um momento de partilha, de prazer (...) é o ponto de partida para descobertas (...) e tem implicações a nível cognitivo, linguístico e afetivo.(...)” (Viana & Ribeiro, 2014, p. 20). Na segunda-feira seguinte, tinham de dizer ao grupo o que tinham aprendido com o livro. Algumas vezes, os pais não faziam a atividade com as crianças.

Outro projeto do plano de turma era os pais irem à escola falar sobre o tema que eles gostassem. Só no final do ano é que foi um EE à escola.

Fora este contacto, a educadora não tinha contacto com os EE e segundo Silva et al. (2016) é importante que exista uma relação entre os mesmos, uma vez que são eles que contribuem para a educação de uma dada criança e por consequência para o seu desenvolvimento.

2. Contexto de Estágio e Prática de Ensino no 1º Ciclo do Ensino Básico

Os dois estágios, realizados no âmbito do Mestrado de Pré-Escolar e Primeiro Ciclo do Ensino Básico, ocorreram em duas instituições diferentes da cidade de Santarém, abrangendo o primeiro ciclo, um no 1º ano e o outro no 4º ano. Estes ocorreram no ano letivo 2017/2018, sendo o primeiro de novembro a janeiro e o segundo de abril a junho.

2.1. Estágio em 1º Ciclo (1º ano)

O estágio teve início a 29 de novembro e terminou a 19 de janeiro. A escola em que estagiámos pertencia ao setor público localizado no concelho de santarém. A escola fazia parte de um dos megas agrupamentos existentes na cidade.

Este estabelecimento era composto por dois pisos, o rés-do-chão e o primeiro andar. No rés-do-chão, do lado direito, encontrávamos três salas: uma para o JI, outra para 1º ano e a biblioteca. Entre estas existia um *hall* com um armário e uma bancada com uma torneira, que servia de apoio às salas. No meio do piso, encontrávamos duas casas de banho, uma para meninas/adultos e outra para meninos/adultos e ainda uma dispensa utilizada pelas funcionárias para guardar os seus pertences e os produtos de limpeza. Do lado esquerdo tínhamos o refeitório, o gabinete da coordenadora, a sala dos professores, a cozinha e uma dispensa para as funcionárias guardarem o material usado. O 1º andar era composto por duas casas de banho com a mesma designação das do piso inferior e 3 salas para o 2º, 3º e 4º ano. Entre as salas existia um *hall* com um armário, três mesas, cadeiras e um computador. Este espaço era utilizado quando algumas crianças das diferentes turmas tinham ninho, ou seja, apoio de português ou matemática.

O espaço exterior tinha vários baloiços onde as crianças mais pequenas poderiam brincar, tinha um campo de futebol e de basquetebol e várias árvores, para os alunos poderem explorar.

Com um olhar crítico sobre a instituição, podemos afirmar que esta estava situada no meio rural, rodeada de casas e árvores. Era de fácil acesso e permitia que os pais deixassem os seus educandos em segurança. As salas eram amplas para o número de alunos que nela estavam inseridos e permitiam a entrada de luz natural. Ainda assim, existiam alguns problemas nas instalações da instituição como a inadequação do mobiliário das salas de aula, a degradação de materiais e equipamentos. No que diz respeito ao refeitório, poderemos referir que era amplo, o que permitia uma boa mobilidade dentro do mesmo, e não tinha uma acústica muito má, porque não fazia eco com todos os barulhos, apenas com os mais intensos. Ainda assim, esta instituição não estava adequada para pessoas com deficiência motora, uma vez que só existiam escadas, pequenos degraus e não possuía casas de banho própria para os mesmos.

No que diz respeito ao espaço exterior era amplo, o que permitia uma fácil mobilidade por toda a comunidade escolar. Quando chovia, os alunos tinham um alpendre onde poderiam brincar, que acabava por se tornar pequeno para tantos alunos.

O corpo docente era composto por cinco professores, cinco assistentes operacionais, dois professores de ninhos, uma professora de educação especial, uma psicóloga e duas cozinheiras que faziam o empratamento do almoço que vinha de uma empresa particular contratada do concelho de santarém.

A instituição tinha um período de funcionamento das 9:00h às 15:30h, período letivo, e das 15:30 às 17:00h para as atividades enriquecimento curricular.

2.1.1. Organização da sala e dos materiais

A sala onde estagiámos era de fácil acesso e permitia uma fácil mobilidade pela mesma. Uma das paredes era composta por janelas, o que permitia a entrada de muita luz natural. Possuía vários armários para a arrumação do material dos alunos e dos professores, tinha várias secretárias e cadeiras para as crianças, uma secretária e uma cadeira para a professora, três mesas para arrumar trabalhos, um quadro preto, um quadro interativo e um computador. As paredes da sala eram revestidas por trabalhos dos alunos realizados ao longo do ano e algumas informações importantes para os docentes.

Todas as partes da sala anteriormente mencionadas eram utilizadas pela professora e pelos alunos. A disposição da sala ia mudando conforme o comportamento dos alunos. Quando estavam agitados, ficavam dois a dois nas secretárias, quando estavam, mais calmos ficavam em pequenos grupos de 5 a 6 elementos.

Na parte exterior da sala estavam os cabides devidamente identificados para os alunos colocarem os seus casacos e um grande placar onde estavam expostos alguns trabalhos dos mesmos.

Numa análise crítica à sala do 1º ano, esta era ampla o que permitia que a turma estivesse em pequenos grupos. Quando a turma estava dois a dois, a sala ficava mais ocupada, o que não permitia uma mobilidade tão facilitada.

2.1.2. Caracterização do grupo

Neste contexto de estágio, para além das crianças com nacionalidade portuguesa, existia uma com nacionalidade brasileira e outra com nacionalidade ucraniana.

Quadro 3 - Quadro de caracterização do grupo de 1º ano.

Número de alunos	20
Idades	6-7 anos
Género	8 raparigas e 12 rapazes
Alunos com necessidades educativas especiais	0
Alunos repetentes	0

O grupo era meigo e gostava de aprender, interessando-se por novas atividades. Interiorizaram facilmente as regras, embora por vezes o seu comportamento não fosse o mais adequado, provocando algumas faltas de respeito para com os adultos e os pares.

As áreas que o grupo mais gostava de trabalhar era o estudo do meio e a matemática. Apresentando mais dificuldades nas áreas de português e expressões.

Embora nenhuma criança tivesse qualquer tipo de NEE, no mês de novembro a professora titular da turma referenciou uma das crianças, para que fosse sujeita a um despiste de problemas de caráter permanente. No fim do estágio, a criança ainda se encontrava a ser observada pela psicóloga.

Dos alunos que frequentavam o 1º ano, eram poucos os que participavam nas atividades de enriquecimento curricular. Em todas estas atividades, o pequeno grupo estava mais irrequieto e as faltas de respeito eram maiores, tanto com os pares como com os adultos.

No que diz respeito às habilitações literárias dos EE, a maioria tinha habilitações académicas iguais ou inferiores ao 12º ano, porém 4 tinha habilitações superiores ao 12º ano (Bacharelado, Licenciatura ou Mestrado). Relativamente ao contexto profissional, a grande maioria tinha uma situação profissional ativa, no entanto, dois dos EE eram estudantes e outros dois estavam em situação de desemprego. Quanto ao agregado familiar, apenas 5 crianças eram filhas únicas, tendo as restantes 1 ou 2 irmãos.

2.1.3. Projeto de Estágio

O projeto “motricidade fina” surgiu quando estávamos a observar a turma e reparámos na dificuldade que esta tinha no manuseamento de objetos, como agarrar um lápis, cortar e até mesmo pintar. Após esta observação, conversámos com a professora cooperante, ao que ela concordou que seria um bom projeto a trabalhar, uma vez que toda a turma tinha bastante dificuldade nesse campo. Como não conseguiam muito bem, acabavam por desistir e dizer que não conseguiam ou que não eram capazes, não sabendo assim lidar com a frustração.

Em primeiro lugar, a motricidade fina é o modo como utilizamos os braços, as mãos e os dedos, englobando o esticar, agarrar, e manipular um objeto. Nesta capacidade, a criança tem de utilizar os dedos, as mãos e os braços de forma precisa, de modo a ir ao encontro das exigências da atividade (Serrano & Luque, 2015).

Estes autores referem, ainda, que a motricidade fina da criança é importante pois permite um desenvolvimento na mesma nesta vertente, tal como na sua autoestima, uma vez que fica satisfeita ao conseguir realizar a atividade como aprendizagem escolar.

Este projeto esteve em construção dia após dia, tentando sempre ao máximo ir ao encontro das evoluções do grupo, nesta capacidade. A meio do estágio decidimos intitular o projeto “Somos capaz de...” para que as crianças comesçassem a interiorizar esta frase e assim superar as suas capacidades. Segundo Guilhardi (2002), o reforço positivo traz várias vantagens, como o facto de a criança ficar mais criativa, desenvolve comportamentos por iniciativa própria e produz vários sentimentos bons, como a satisfação, bem-estar, autoestima, entre outros. Foi por estas razões que quisemos proporcionar aos nossos alunos esta experiência: para que eles se sentissem confortáveis com o desconhecido, mas, acima de tudo, conseguissem lidar com a frustração e assim evoluir enquanto cidadãos.

Para além dos objetivos específicos de cada área, com a implementação deste projeto queríamos que o grupo atingisse cinco objetivos: interagir entre pares e adultos, cooperar com os pares, desenvolver a motricidade fina, trabalhar autonomamente, desenvolver a concentração.

Durante a implementação do projeto tentámos englobar todas as áreas, trabalhando-as em conjunto, proporcionando o desenvolvimento global das crianças. Para que tudo isto fosse possível, recorreremos a diferentes estratégias, como o diálogo (par, grupo e individual), a exercícios de relaxamento, às ideias prévias, a jogos, a livros/textos, entre outras, tentando sempre partir das expressões. Na prática, privilegiámos as interações individuais, interações em pequeno grupo, interações em grande grupo (interação adulto – criança e interação criança – criança).

Para que o projeto fosse vantajoso e possível de aplicar em qualquer ocasião, decidimos incluir alguns dias de comemoração, como o dia internacional das pessoas com deficiência, o natal, o dia de reis e dia internacional do obrigado. Para avaliarmos este projeto, recorreremos a registos fotográficos, grelhas de aquisição de conhecimentos, registos audiovisuais, produtos finais, registos escritos das crianças e das estagiárias (diário de bordo), observação direta, exposições dos trabalhos e portefólio final.

De todas as atividades que foram implementadas, destacamos duas devido ao envolvimento e bem-estar das crianças durante as mesmas, “Vamos aprender o n” e “Em janeiro somos reis e rainhas!”.

A primeira atividade consistia em tecer a letra n em cartão. Esta atividade foi bem aceite por todos os alunos desde o início, mostrando muito entusiasmo para a realização da

mesma. Durante a atividade, o grupo esteve concentrado e empenhou-se para a realizar corretamente. A maior dificuldade encontrada pelas crianças foi no meio do n, pois quando chegam ao fim da linha não sabiam como deviam ir para a outra perninha, acabando por não perceberem como era para realizar. Houve alguns erros e muitas das crianças não souberam lidar com a frustração, acabando por querer desistir ou pedir ajuda constantemente. Mostrando assim insegurança no seu trabalho, tal como afirma Coelho (1984) “(...) muitos sujeitos ao invés de se adaptarem às situações frustrantes, reagem com soluções negativas atacando ou fugindo” (p.13). Tentámos ao máximo ajudar cada uma das crianças, tanto nas suas dificuldades como em lidar com a sua frustração, acompanhando-os um a um e falando com os mesmos de forma calma. Assim sendo, referimos que foi uma atividade muito desafiadora para o treino da concentração e da motricidade fina, sendo que a primeira foi mais desenvolvida.

Para a avaliação desta atividade, utilizámos os registos fotográficos e a grelha de observação.



Figura 12 - Alunos a tecer a letra n em cartão.

A atividade “Em janeiro somos reis e rainhas!” foi aplicada a meio do estágio e consistia na realização da coroa para o dia de reis. Primeiramente, foi entregue a cada criança uma tira de cartolina que teria de ser decorada, depois com ajuda do colega do lado, delineavam a cabeça (figura 13), colocando um risco a lápis. Seguidamente, decoravam a coroa e faziam os bicos na coroa (figura 14). Posteriormente, com ajuda do adulto, cortava a cartolina pelos riscos do lápis (figura 15) e, de seguida, agrafavam (figura 16).

Esta atividade, também, foi muito bem aceite pelo grupo que mostrou bem-estar no que estava a realizar, mas teve uma grande dificuldade o que os levou a uma questão “o que vou desenhar?”. Como não tinham um molde para imitar não sabiam que elementos poderiam desenhar. Alguns copiaram pelos colegas do lado, outros não preencheram muito a sua coroa, o que nos levou a concluir que a criatividade daquelas crianças não estava muito desenvolvida. Como menciona Ribeiro (1999), a criatividade “(...) forma-se antes da idade escolar, e os bloqueios que aí têm raiz derivam de condicionamentos sociais e culturais que atingiram a generalidade dos adultos (...)” (p.15). Na parte de delinear a cabeça do colega,

não houve muitas dificuldades e eles perceberam facilmente como se fazia. O que nos surpreendeu mais foi a interação que houve entre pares que por vezes não era muito comum naquela turma. No corte da coroa já se notou alguma evolução desde o início do estágio, porque muitos não sabiam manusear uma tesoura e naquele momento já conseguiram fazê-lo de uma forma mais adequada. A nosso ver, a ajuda e o apoio do adulto nestes momentos foram muito importantes, porque permitiu corrigir as falhas que cada criança tinha e deixá-los felizes, pois foram eles que realizaram todo o trabalho.

Para a avaliação desta atividade, utilizámos os registos fotográficos, a observação direta e o produto final.



Figura 13 - Criança a delinear a cabeça do colega.



Figura 14 - Crianças a decorar a coroa.



Figura 15 - Criança a cortar os bicos da coroa.



Figura 16 - Criança a agrafar a coroa.

2.1.4. Autoavaliação do percurso de aprendizagens realizado

Após os estágios anteriores e as dificuldades nos mesmos, fomos ler melhor sobre as mesmas para que não voltassem a ocorrer neste estágio.

Os documentos orientadores do primeiro ciclo ajudaram-nos a organizar as ideias e a ter a certeza do que era necessário desenvolver nas crianças. O auxílio dos cooperantes e do par de estágio permitiram-nos verificar se realmente as descrições estavam adequadas e se eram entendidas por outras pessoas. No que diz respeito à avaliação, percebemos como deveria proceder. Ao início, avaliávamos todos os objetivos ao mesmo tempo e isso é impossível devido ao número de crianças que temos à nossa responsabilidade e, segundo Pacheco (2002), uma boa avaliação consiste no relacionamento dos procedimentos com as metas específicas da aprendizagem que são para ser avaliadas. Por esta razão, com a continuação do estágio, continuámos a avaliar todas as crianças mas focando-nos em um ou dois objetivos específicos, o que nos permitiu uma melhor avaliação dos mesmos. Ainda assim, este é um ponto que temos de melhorar no próximo estágio, focando-nos em pequenos grupos para não perder o desenvolvimento dos alunos nas diferentes aprendizagens.

Um aspeto positivo deste estágio foi a relação entre pares e cooperantes, uma vez que as conversas sistemáticas entre todas permitiu um acompanhamento muito maior, que nos ajudou a refletir sobre pontos que não nos conseguimos aperceber tão bem enquanto estávamos a agir/refletir. Segundo Alarcão e Tavares, durante a supervisão deve existir “(...) relação interpessoal dinâmica, encorajante e facilitadora de um processo de desenvolvimento profissional e de aprendizagem consciente e comprometido” (citado por Toscano, 2012), o que permite o desenvolvimento do aprendiz de uma forma muito mais motivadora.

Ao início a nossa maior preocupação era uma das crianças ainda não ter aprendido a noção de número. Tentámos aprofundar o tema através dos apontamentos de unidades curriculares que tivemos ao longo da licenciatura e do mestrado para aplicar novas estratégias para que a criança desenvolvesse aquele conceito e, assim, aplicar a pedagogia diferenciada. Infelizmente, não conseguimos, devido ao número de crianças que tínhamos na sala e ao ritmo da maior parte da turma. Tencionamos melhorar este ponto no próximo estágio, uma vez que queremos respeitar o ritmo de cada aluno e ir ao encontro do mesmo. Tomlinson e Allan (2002) afirmam que a diferenciação pedagógica é dar atenção às necessidades de aprendizagem de cada aluno, optando, assim, por um ensino diferenciado de acordo com as características e interesses de cada um.

Também viemos a melhorar alguns aspetos ao longo do estágio, o que consideramos positivo. Um deles foi a gestão do tempo. Ao princípio foi um pouco complicado; umas vezes terminávamos antes do tempo e outras não dava para acabar a atividade. Visto isto resolvemos colocar na planificação o tempo estimado para a realização de cada atividade, tendo sempre em conta o grupo crianças. Esta estratégia permitiu-nos controlar o tempo mais facilmente dentro da sala e obter assim melhores resultados. Outro aspeto foi as reuniões dos docentes para o lançamento das notas, como a reunião dos encarregados de educação, porque nunca tínhamos participado em nenhuma delas. A reunião de professores permitiu-nos observar o outro papel do professor, as burocracias, os elementos presentes, assim como o que era necessário decidir na mesma. A reunião de pais também permitiu observar qual o papel do professor durante a mesma e, como Villas-Boas (2000) refere, durante as reuniões, os professores mostraram os trabalhos dos alunos aos familiares, o seu comportamento e as suas dificuldades. Também observámos as questões que os pais colocam e se comparecem muito ou poucos pais.

No que diz respeito ao projeto de estágio, podemos referir que conseguimos que a maior parte das crianças atingisse todos os objetivos inicialmente pensados. O grupo aderiu muito bem a este projeto, envolvendo-se e com vontade de explorar atividades e técnicas novas. Após a sua conclusão, o grupo avaliou o mesmo oralmente (gostei e porquê, não gostei e porquê, o que mais gostei e o que menos gostei). Concluimos, assim, que 90% dos alunos atingiram o nível “já sei” dos diferentes conhecimentos, nas diferentes áreas. Este ponto para além de ter sido avaliado no fim pelos alunos foi analisado por nós através do questionamento

ao longo das aulas. Conseguimos englobar todas as áreas curriculares (expressão plástica, expressão dramática, expressão motora, expressão musical, estudo do meio, português, matemática) com recurso à interdisciplinaridade, embora não fosse aplicado em todos os momentos. Ainda assim, nas primeiras semanas, aplicámos também a pedagogia diferenciada, apesar de ter sido à base de fichas, mas no nosso ponto de vista é um ponto para aperfeiçoar no próximo estágio. Para além de tudo o que já foi mencionado, conseguimos, ainda, que as crianças ganhassem mais autonomia mas, acima de tudo, que conseguissem lidar com a frustração, aumentando assim a autoestima e autoconfiança.

Sendo assim, avaliámos este projeto como positivo pois conseguimos ver a evolução do grupo ao longo das semanas, chegando ao fim com uma grande satisfação por ter contribuído para a evolução daquelas crianças. Enquanto futuras profissionais, saímos do estágio com a certeza do que Guilhardi (2002) referiu, ou seja, que o reforço positivo traz várias vantagens, como o facto de a criança ficar mais criativa e produz vários sentimentos bons como a satisfação, bem-estar, autoestima, entre outros.

2.2. Estágio em 1º Ciclo (4º ano)

O estágio teve início a 19 de abril e terminou a 1 de junho. A escola em que estagiámos pertencia ao setor público localizado no concelho de santarém. A escola fazia parte do agrupamento da cidade.

A parte interior da instituição estava dividida em dois pisos: o piso superior e o inferior. No piso superior localizava-se a entrada da escola, do lado direito encontrávamos duas casas de banhos (uma para os docentes e não docentes e a outra para crianças com dificuldade motora), a arrecadação, a unidade de multideficiência, a sala dos professores, a biblioteca e um elevador. Do lado esquerdo encontrávamos dois corredores, um era composto por 5 salas de aula (uma de 1º, uma de 3ºano, uma de 2º e duas 4º ano), enquanto o outro corredor tinha uma casa de banho para as crianças e o ginásio, que era utilizado por todas as turmas havendo horário marcado.

No piso inferior encontrávamos um *hall*, onde as crianças podiam brincar quando estava a chover, no corredor direito existia 4 salas (uma de 2º ano, uma de 3º e duas de jardim de infância). No lado esquerdo estava o refeitório, a sala de arrumações que era utilizada pelas não docentes e docentes para arrumarem algum material, para almoçarem e para alguns docentes darem apoio de matemática e português.

Na parte exterior da instituição existia um espaço exterior amplo com um campo de jogos, escorregas e baloiços acessíveis às diferentes idades.

Tendo um olhar crítico sobre a instituição, podemos afirmar que estava situada num meio urbano, rodeado de prédios, e com bom acesso, visto que dispõe de parque de estacionamento e paragens de autocarro, relativamente perto. As salas eram amplas para o número de alunos de cada turma, tinham uma saída de emergência, pelas janelas mais junto às paredes, abrindo facilmente e quase totalmente. A escola estava adaptada a deficiências

motoras, desde o acesso facilitado a qualquer um dos patamares como os repuxos de água mais baixos e acessíveis.

A instituição tinha um período de funcionamento das 9:00h às 15:30h, período letivo, e das 15:30 às 17:00h para as atividades de enriquecimento curricular. À quarta e à sexta a turma tinha aulas até às 17:00h, não tendo atividades de enriquecimento curricular nesses dias.

2.2.1. Organização da sala e dos materiais

A sala em que a nossa turma estava inserida possuía vários armários incorporados na parede para arrumação dos materiais dos alunos, várias secretárias e cadeiras para as crianças. Tinha ainda uma mesa de apoio ao projetor, uma secretária para a professora, um quadro preto e um quadro interativo com computador. O equipamento era bastante recente, tanto mobiliário como informático. As paredes da sala e os armários estavam revestidos por trabalhos dos alunos realizados ao longo do ano e tinham um quadro em cortiça com algumas informações sobre a turma.

Na parte de fora da sala estavam cabides para os alunos colocarem os seus casacos. Todas as áreas, anteriormente mencionadas, eram utilizadas pela professora e pelos alunos.

Numa análise crítica à sala podemos referir que era ampla o que permitia uma boa mobilidade e tinha muitas janelas o que possibilitava a entrada de muita luz natural.

2.2.2. Caracterização do grupo

Neste contexto de estágio, para além das crianças com nacionalidade portuguesa, existia uma com nacionalidade brasileira.

Quadro 4 - Quadro de caracterização do grupo de 4^o ano.

Número de alunos	20
Idades	9-11anos
Género	11 raparigas e 9 rapazes
Alunos com necessidades educativas especiais	2
Alunos repetentes	1

A turma era agitada e tinha algumas dificuldades, nomeadamente na área da matemática, sendo que nas restantes unidades curriculares era bastante autónoma.

Dos dois alunos com NEE, um tinha poliomielite (paralisia infantil) e outro hiperatividade. A criança com paralisia infantil era a única repetente da sala.

Apenas 5 crianças estavam inscritas nas atividades de enriquecimento curricular, mas a maior parte tinha atividades fora do âmbito da escola.

No que diz respeito aos encarregados de educação, a maioria possuía habilitações académicas iguais ou inferiores ao 12^o ano, apenas 10 tinham licenciatura ou bacharelato. Relativamente ao contexto profissional, conseguimos observar que existiam apenas 3 pais

desempregados, sendo que os restantes se encontravam numa situação profissional ativa. A maior parte das crianças tinham um ou mais irmãos.

2.2.3. Projeto de Estágio

O projeto implementado surgiu da necessidade de diversificar estratégia numa altura de revisões, uma vez que nos aproximávamos da época de testes e gostaríamos de realizá-las de forma diferente para além dos manuais. Por essa razão, surgiu o projeto REDA “recursos educativos digitais abertos” que nos permitiu a utilização de recursos digitais de livre acesso através de *tablets*, computadores e telemóveis.

Segundo a Porto Editora (2018), as TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) “são um dos fatores potenciadores das profundas mudanças operadas no mundo. (...)”. O grupo anteriormente citado refere ainda que a utilização das tecnologias está incutida na atual sociedade, no qual fazem parte estas crianças. Por esta razão, ainda, nos fez mais sentido aplicação deste projeto.

Para avaliarmos o projeto recorremos aos registos fotográficos, produtos finais, registos escritos das crianças e das estagiárias (diário de bordo), observação direta, feedback criado pela plataforma *Kahoot*, questionário *online*; portefólio final.

Das atividades que foram implementadas destacamos as “revisões com o *kahoot*” e “exercícios com a plataforma *kahoot*”, porque foram aquelas em que conseguimos observar uma evolução na utilização da plataforma.

Na primeira atividade explicámos à turma como funcionava a aplicação, neste caso direcionada para o Português, e colocámos uma primeira questão para exemplificar a sua utilização. O grupo desde logo percebeu e começou por realizar as diferentes questões. No entanto teve alguma dificuldade em funcionar com a plataforma. Uma vez que quando erravam voltavam a recarregar a página, para alterarem a resposta, o que fazia com que saíssem do jogo. Através da aplicação conseguimos perceber que existiam falhas ao nível da gramática e, por essa razão, à medida que um exercício terminava, víamos as respostas e revíamos aquele conteúdo, para que os elementos que erraram perceberem o porquê. Os objetivos deste exercício era eles perceberem a gramática que estava a ser trabalhada, mas, também, a interação entre pares porque estavam a trabalhar dois a dois. O primeiro objetivo foi cumprido, mas o mesmo não aconteceu com o segundo, uma vez que os pares tiveram dificuldade em dialogar e aceitar que o outro tinha ideias diferentes. Para avaliarmos esta atividade, utilizámos o registo de observação e a resolução de exercícios.



Figura 17 - Análise das respostas corretas e erradas.

Na segunda atividade, voltámos a aplicar recorrendo à gramática do Português e já notámos uma maior evolução. A gramática utilizada pertencia a um novo conteúdo, mas, mesmo assim, a turma conseguiu perceber e acertar na maioria das questões. O grupo já demonstrou mais à vontade com a plataforma e a maior parte dos grupos já conseguiu interagir entres eles e discutir sobre qual a resposta mais correta. Visto isto, os objetivos inseridos nesta atividade são os mesmos que os da atividade anterior, mas neste já podemos referir que já foram mais cumpridos que na atividade anterior. Para avaliar esta atividade, recorremos ao registo de observação e à resolução de exercícios.



Figura 18 - Observação da questão.



Figura 19 - Análise dos pontos.

2.2.4. Autoavaliação do percurso de aprendizagens realizado

Quando começámos este estágio, não nos sentíamos nervosas nem ansiosas, no entanto, tínhamos “medo” de uma turma de 4º ano, embora quiséssemos muito trabalhar com esta faixa etária.

Após o estágio, podemos referir que os pontos dos estágios anteriores têm vindo a ficar mais sólidos, tornando assim um aspeto positivo. Mesmo assim, ainda existem mais uns pontos positivos, como o à-vontade perante a turma e a facilidade de captar a sua atenção, uma vez que utilizámos várias estratégias para o fazer. A interação com o grupo é outro desses pontos que, segundo Müller (2002), “(...) essa relação deve estar baseada na confiança, afetividade e respeito, cabendo ao professor orientar o aluno para seu crescimento interno (...)” (p. 276), algo que tentámos realizar dentro e fora de aula, pois brincámos, falámos com eles seriamente, ouvimos as suas inquietações e ajudámos quando possível.

Durante este estágio tivemos também a oportunidade de ir a várias visitas de estudo com o grupo, o que nos permitiu reforçar a ideia que as visitas de estudo não são meros passeios, tal como alguns autores defendem, como é o caso de Royé, Vázquez, Otón, Mantiñán, & Díaz (2012). Uma vez que segundo os mesmos autores a visita de estudo é uma aula que acontece fora da sala, de modo a fugir à rotina dos alunos. Algo que concordamos e que para mudar as mentalidades, os professores deveriam proporcionar mais vezes as aulas fora da sala, pois assim os alunos passariam a olhar para a escola como impulsionadora de uma aprendizagem divertida.

Ao longo deste estágio realizámos também diversas aprendizagens, como a previsão das dificuldades/dúvidas que os alunos poderiam vir a ter durante as atividades. Ou seja, durante o estágio sentimos a necessidade de colocar nas planificações uma precisão das dúvidas/dificuldades, porque no estágio anterior sentimos que ao não realizar esta reflexão não respondíamos bem às dificuldades das crianças. Segundo Gomes et al. (2017), “(...) as aprendizagens são o centro do processo educativo. Sem boas aprendizagens, não há bons resultados (...)” (p.8), ou seja, ao realizar estas previsões estamos a proporcionar uma melhor aprendizagem, uma vez que respondemos mais facilmente às dificuldades dos alunos.

No entanto, ainda existe aspetos a melhorar, como é o caso da interdisciplinaridade. Infelizmente, neste estágio só conseguimos aplicar uma vez. Visto que a docente cumpria o horário com rigor, embora, em algumas situações, pudéssemos alterar a ordem das unidades curriculares, mas nunca esquecendo que tínhamos crianças no apoio de matemática, por isso essa unidade nunca poderia ser alterada. Este aspeto consideramos como negativo, porque sentimos que neste nível de ensino já estão a compartimentar e, segundo Garcia (2012), a interdisciplinaridade é um processo de construção de conexões entre os conteúdos das diferentes unidades curriculares de um modo simultâneo e articulado.

Outro aspeto que consideramos como menos positivo foi o facto de não termos tido oportunidade de trabalhar com a criança com paralisia infantil, porque apenas frequentava as aulas de música e estudo do meio. No entanto, quando fomos para estágio, a criança teve de ser operada e quando regressou às aulas, apenas frequentava as aulas de música. Achamos que era importante termos contactado mais com este aluno, uma vez que nos dava oportunidade para descobrir estratégias para envolvê-lo nas atividades e de cativar a sua atenção.

Conseguimos aplicar o projeto relacionado com as tecnologias, o que nos deixou muito satisfeitas, pois era algo que nunca tínhamos experimentado. Foi um projeto muito bem aceite pela turma e que teve muita aderência. Ao início, conseguimos perceber que existiu alguns problemas com o trabalho colaborativo, uma vez que tiveram dificuldade em trabalhar em par e aceitar a opinião dos colegas. No entanto, para o fim, esse obstáculo já estava a ser ultrapassado, devido à continuidade dos trabalhos colaborativos que iam sendo realizados. Outra dificuldade foi para os alunos que não tinham contacto com as TIC, mas na segunda utilização foi notória a evolução a o à-vontade.

Um dos pontos positivo deste projeto foi as crianças terem utilizado os recursos que aprenderam na sala em casa, vindo sempre perguntar como poderiam fazer para trabalhar em casa. Quando existiam dúvidas, vinham-nos perguntar para as podermos esclarecer.

Parte II – Prática Investigativa

Introdução

Ser professor é muito mais que dar aulas, refletir sobre as mesmas, avaliar os alunos, construir o projeto educativo e desenvolver uma relação com a comunidade escolar. Ser professor é ser investigador de modo a que consiga resolver os problemas da prática (Ponte, 2002). “A investigação sobre a sua prática é, por consequência, um processo fundamental de construção do conhecimento sobre essa mesma prática e, portanto, uma actividade de grande valor para o desenvolvimento profissional (...)” (Ponte, 2002, p. 3).

Visto isto a temática investigativa presente neste Relatório surgiu no âmbito da licenciatura em Educação Básica, quando estagiámos em creche e constatámos que a docente apenas contactava com os EE quando estes iam levar ou buscar os educandos. Neste momento aproveitava para pedir o que estivesse a faltar, como fraldas, toalhetas, leite, entre outras. Ficámos um pouco desiludidas, pois pensámos que naquela faixa etária o trabalho entre a escola e os EE fosse muito maior.

Quando estagiámos no 1º ciclo o contacto entre os EE e a docente era quase nulo, ou seja, só no final dos períodos quando os EE se deslocavam à escola para ir buscar as notas.

No primeiro estágio do mestrado assistimos a uma relação e partilha muito maior entre a docente e os EE e foi neste momento que surgiu o tema: **A relação entre encarregados de educação e educadores de infância/professores do 1º ciclo: as perceções de crianças, encarregados de educação e docentes.**

No âmbito deste tema tentámos ir ao encontro das relações que eram estabelecidas nas quatro valências onde estagiámos, tendo sempre por base as perceções das crianças, dos docentes e dos EE. Procurámos abordar todas as valências para perceber, também, se existiam alterações na relação com a continuação dos anos de escolaridade.

Surgiram assim quatro questões orientadoras, acompanhadas dos diferentes objetivos:

- ✓ Que trabalho é desenvolvido entre os encarregados de educação e os docentes?
 - Identificar o trabalho que é desenvolvido entre os encarregados de educação e as instituições.
- ✓ Quais os aspetos positivos da relação entre os encarregados de educação e as instituições?
 - Identificar os aspetos positivos da relação entre os encarregados de educação e as instituições.
- ✓ Quais os aspetos negativos da relação entre os encarregados de educação e as instituições?
 - Identificar os aspetos negativos da relação entre os encarregados de educação e as instituições.

- ✓ Quais as dificuldades?
 - Identificar as dificuldades sentidas na relação entre os encarregados de educação e as instituições.

Para conseguirmos perceber melhor os contextos que queríamos explorar realizámos diversas pesquisas que nos deram mais informações sobre o tema.

1. Revisão da Literatura

1.1. Conceitos

Família

A família é onde se nasce, onde se cresce e se constrói um projeto de vida. É na família que se aprende a viver com os outros e a ser solidário, mas também se aprende regras básicas de vida, tradições familiares e a partilha de experiências. Na família cada um é reconhecido pelo seu carácter individual, irrepetível e insubstituível (Nunes, Sem Data).

Envolvimento das famílias

O envolvimento é uma forma de relacionamento menos intensa entre a escola e a família. Faz parte deste envolvimento, atitudes como a troca de informações, a educação de pais, o apoio à escola e os contactos telefónicos (Marques, 1991).

O envolvimento depende da classe social onde as famílias estão inseridas, logo este pode ser classificado como independente e interdependente. Se os pais pertencerem à classe social baixa e trabalhadora, mostram-se mais relutantes no contacto com a escola, por isso, estão menos à vontade nas conversas com os professores, tornando-as mais curtas, sérias e formais. Enquanto os pais pertencentes às classes médias acompanham e apoiam mais os seus educandos na vida escolar. Tomam a iniciativa de contactar com a escola, de forma oral ou escrita, mostrando um grande à vontade (Villas-Boas, 2001).

O envolvimento parental são todas as formas de relacionamento que existe entre a escola e os pais, sendo as mais importantes a comunicação, o apoio ao estudo dado em casa, a participação dos pais nas tomadas de decisão e as atividades de voluntariado na escola (Marques, 2001).

Participação da família

A participação é um relacionamento superior ao envolvimento, uma vez que esta envolve a participação dos pais nas tomadas de decisão, na coprodução ou nas pressões para as tomadas de decisões (Joyce Epstein citado por Marques, 1991). Para além disso a participação da família no ambiente escolar é essencial para a transição de ano, sejam para o JI ou para o 1º ciclo (Silva et al., 2016).

Pais difíceis de alcançar

Pais difíceis de alcançar é um conceito caído em desuso, mas muito usado até à década de 80 do século passado e que colocava obstáculos ao relacionamento da escola com as famílias em cima dos pais, nos quais eram considerados os únicos culpados pela escassa colaboração. Eram sobretudo os pais oriundos de culturas minoritárias e em desvantagem económica que eram considerados difíceis de alcançar (Davies D. , 1994).

Creche

A creche é uma das primeiras experiências da criança, que está inserida num sistema organizado, exterior à família, onde irá ser integrada e se pretende que venha a desenvolver diversas competências e capacidades (Segurança Social, Sem data).

Jardim de Infância

O ambiente educativo da sala de JI e o estabelecimento educativo da mesma propocionam diferentes formas de relações recíprocas, que se enumeram desde o papel do educador na promoção dessas relações até ao aproveitamento das suas potencialidades, para a educação da criança como ser individual, assim como para o seu desenvolvimento profissional (Silva et al., 2016).

Escola

Todas as crianças usufruem dum conjunto de experiências e saberes que foram adquirindo ao longo da sua vida, no contacto com o meio que lhes é próximo.

Cabe à escola valorizar, reforçar, ampliar e sistematizar todas essas experiências e saberes, tornando-as em aprendizagens mais complexas (Ministério da Educação, Sem data).

Escolas difíceis de alcançar

São escolas que não dispõe de programas de envolvimento para as famílias, principalmente para aqueles que têm mais dificuldades. Estas não estimulam ações positivas ou discriminatórias a favor das famílias que estão em desvantagem (Marques, 1991).

As escolas difíceis de alcançar são aquelas que não conseguem cativar os pais que se encontram afastadas dela, por motivos organizacionais, rotinas, falta de espaço ou atitudes dos professores (Marques, 2001).

1.2. Legislação

Antigamente, as famílias não se envolviam na vida escolar dos seus educandos. Com o passar do tempo estas começaram a integrar-se, mas primeiramente, começaram a passar as suas responsabilidades para a escola, o que lhes permitia pedir satisfações aos docentes quando algo corria mal. Sendo o único papel da família entregar os seus educandos nas instituições de ensino (Diogo, citado por Picanço 2012).

Com o passar do tempo os estabelecimentos de ensino começaram a reconhecer a importância do envolvimento das famílias, o que permitiu a existência de mais condições para esse envolvimento.

Após o 25 de abril, foram muitas as alterações que ocorreram na educação, uma vez que a relação entre escola e família começou a ter direitos mas também deveres. Por esta razão a Constituição da República, aprovada em 1976, destacou objetivos para a educação.

A partir desta data houve sempre uma evolução na educação até aos dias de hoje, como se pode verificar no quadro abaixo.

Quadro 5 - Evolução da Legislação.

Ano	Direitos	Deveres	Legislação
1976	“O estado deve cooperar com os pais na educação dos filhos.”	“Os pais têm o dever da educação dos filhos.”	Constituição da República Portuguesa, 1976
	“Os pais têm o direito da educação dos filhos. “		
	“Participação dos pais (um representante) nas reuniões de turma.”		
1977	“Participação das associações de pais e encarregados de educação no Sistema Nacional de Ensino.”	“Colaboração entre o estado e os encarregados de educação.”	Decreto-Lei 7/77
1979		“As associações de pais devem manter o contacto com o conselho diretivo e ir às reuniões periódicas.”	Despacho normativo 122/79
		“O estabelecimento de ensino deve convocar reuniões.”	
1984		“O estado deve colaborar com os pais na educação dos filhos.”	Decreto-Lei nº 315/84
1986		“A educação pré-escolar, no seu aspeto formativo, é complementar e ou supletiva da ação educativa da família, com a qual estabelece estreita cooperação.”	Decreto-Lei nº 46/86
		“Participar no processo de informação e orientação	

Ano	Direitos	Deveres	Legislação
		educacionais em colaboração com as famílias.”	
1990	“As associações de pais podem pronunciar-se sobre a definição da política educativa.”		Decreto-Lei n.º 372/90
	“As associações de pais podem participar na elaboração de legislação sobre educação e ensino.”		
	“As associações de pais podem participar na administração e gestão dos estabelecimentos de educação ou de ensino.”		
	“As associações de pais podem reunir com os órgãos de administração e gestão do estabelecimento de educação ou de ensino em que esteja inscrita a generalidade dos filhos e educandos dos seus associados, designadamente para acompanhar a participação dos pais nas actividades da escola.”		
	“Podem distribuir a documentação de interesse das associações de pais e afixá-la em locais destinados para o efeito no estabelecimento de educação ou de ensino.”		
	“As associações de pais podem beneficiar de apoio documental a facultar pelo estabelecimento de educação ou de ensino ou pelos serviços competentes do Ministério da Educação.”		

Ano	Direitos	Deveres	Legislação
	<p>“As associações de pais podem beneficiar de isenção de emolumentos e taxas a cobrar pelo pedido de emissão de certificados de admissibilidade da denominação e do respectivo cartão de identificação de pessoa colectiva”</p>		
	<p>“Os encarregados de educação têm o direito de participar nas reuniões de conselho nas quais terão sido convocado a gozar de um crédito de dias remunerado.”</p>		
1997	<p>“Aos pais e encarregados de educação é garantida a participação na elaboração do projecto educativo do estabelecimento de educação pré-escolar.”</p>	<p>“Os pais e encarregados de educação devem comparticipar no custo das componentes não educativas de educação pré-escolar, de acordo com as respectivas condições sócio-económicas, em termos a definir por despacho conjunto dos Ministros da Educação e da Solidariedade e Segurança Social.”</p>	Decreto-Lei nº 147/97
1998	<p>“Os pais / encarregados de educação e os alunos têm o direito de participar na vida escolar.”</p>		Decreto-Lei nº 115-A/98
2002		<p>“O director de turma ou, tratando-se de alunos do 1.º ciclo do ensino básico, o professor da turma, adiante designado por professor titular, enquanto coordenador do plano de trabalho da turma, é particularmente</p>	Decreto-Lei n.º 30/2002

Ano	Direitos	Deveres	Legislação
		responsável pela adopção de medidas tendentes à melhoria das condições de aprendizagem e à promoção de um bom ambiente educativo, competindo-lhe articular a intervenção dos professores da turma e dos pais e encarregados de educação e colaborar com estes no sentido de prevenir e resolver problemas comportamentais ou de aprendizagem.”	
		“Os pais devem promover o desenvolvimento físico, intelectual e moral dos seus educandos.”	
		“Os pais devem acompanhar activamente a vida escolar do seu educando.”	
		“Os pais devem promover a articulação entre a educação na família e o ensino escolar.”	
		“Deve diligenciar para que o seu educando beneficie efectivamente dos seus direitos e cumpra pontualmente os deveres que lhe incumbem, com destaque para os deveres de assiduidade, de correcto comportamento escolar e de empenho no processo de aprendizagem.”	
		“Deve contribuir para a criação e execução do projecto educativo e do regulamento interno da escola e participar na vida da escola.”	
		“Deve cooperar com os professores no desempenho da	

Ano	Direitos	Deveres	Legislação
		sua missão pedagógica, em especial quando para tal forem solicitados, colaborando no processo de ensino e aprendizagem dos seus educando.”	
		“Contribuir para a preservação da disciplina da escola e para a harmonia da comunidade educativa, em especial quando para tal forem solicitados.”	
		“Contribuir para a preservação da segurança e integridade física e moral de todos os que participam na vida da escola.”	
		“Integrar activamente a comunidade educativa no desempenho das demais responsabilidades desta, em especial informando-se, sendo informado e informando sobre todas as matérias relevantes no processo educativo dos seus educandos.”	
		“Devem comparecer na escola sempre que julgue necessário e quando para tal for solicitado.”	
		“Os pais devem conhecer o regulamento interno da escola e subscrever, fazendo subscrever igualmente aos seus filhos e educandos, declaração anual de aceitação do mesmo e de compromisso activo quanto ao seu cumprimento integral.”	
2008	“Aos pais e encarregados de educação e aos alunos é		Decreto-Lei nº 74/2008

Ano	Direitos	Deveres	Legislação
	reconhecido o direito de participação na vida do agrupamento de escolas ou escola não agrupada.”		
2010		“Promover a articulação entre a educação na família e o ensino na escola.”	Decreto-Lei nº 39/2010
		“Diligenciar para que o seu educando beneficie, efectivamente, dos seus direitos e cumpra rigorosamente os deveres que lhe incumbem, nos termos do presente Estatuto, procedendo com correcção no seu comportamento e empenho no processo de aprendizagem.”	
		“Contribuir para a preservação da segurança e integridade física e psicológica de todos os que participam na vida da escola.”	
		“Integrar activamente a comunidade educativa no desempenho das demais responsabilidades desta, em especial informando-se e informando sobre todas as matérias relevantes no processo educativo dos seus educandos.”	
		“Conhecer o estatuto do aluno, bem como o regulamento interno da escola e subscrever declaração anual de aceitação do mesmo e de compromisso activo quanto ao seu cumprimento integral.”	

O Decreto- Lei nº 39/2010, de 02 de setembro vem reforçar o decreto-lei n.º 30/2002, de 20 de dezembro no que diz respeito aos deveres que os encarregados de educação/ pais devem ter com os seus educandos na vida escolar.

Também os documentos do ministério da educação, neste caso as OCEPE, abordam este tema.

Os pais/famílias e os estabelecimentos de educação contribuem para educação da mesma criança, por isso é importante que haja uma relação entre ambas, de modo a que a criança esteja sempre no centro desta relação (Silva et al., 2016).

Concluimos assim que “a participação dos pais e das mães é fundamental (...)” (Cardona, Piscalho, & Uva., 2011, p. 101) para as aprendizagens das crianças, uma vez que “(...) a vida familiar e (...) a escola estimularão o seu desenvolvimento e aprendizagem.” (Cardona et al., 2011, p. 101).

1.3. Os Benefícios da Colaboração dos Pais

Segundo Nunes (Sem Data) é com a família que se aprende a ser solidário, as regras básicas, as tradições e as partilhas de experiências. Enquanto a escola dá continuidade a essas experiências para que estas se tornem mais complexas (Ministério da Educação, Sem data).

Para muitos a relação escola-família é apenas uma partilha de poder, o que nem sempre é bem vista, mas o envolvimento dos pais na escola é muito mais do que isso (Marques, 1991). É importante a comunicação das duas partes desde cedo, para que os EE não sejam chamados à escola só para receberem más notícias sobre o seu educando, porque assim, estes vão se tornar reticentes na comunicação com a escola (Marques, 2001).

O autor acima indicado, afirma que para ocorrer colaboração entre os pais e a escola são necessárias algumas condições, tais como a/o:

- Existência de um objetivo comum;
- Equivalência entre participantes;
- Participação de todos;
- Compartilhamento de responsabilidades;
- Compartilhamento de recursos;
- Voluntarismo.

Esta parceria faz com que a responsabilidade seja partilhada e sobreposta para um desenvolvimento escolar e social dos alunos. (Davies, 1994). As formas de colaboração entre as duas entidades são extensas. Seja do apoio social e psicológico que a escola pode facultar às famílias através dos serviços de apoio social escolar (Marques, 2001), ou até mesmo os pais acompanharem os educandos na realização dos trabalhos de casa, ajudando assim a que eles tenham melhores resultados (Marques, 1991). A colaboração entre os EE e os docentes permite, ainda, um contributo na educação da criança, permitindo que haja um meio de alargar e enriquecer as situações de aprendizagem (Silva et al, 2016).

Para além das vantagens que este envolvimento trás para os alunos, também favorece os pais e a escola, uma vez que estes ajudam-se mutuamente. Os professores que devido às suas dificuldades acrescidas vêm o seu estatuto profissional e o apoio da comunidade a serem diminuídos e os EE que ao depararem-se com problemas familiares, como o divórcio, desemprego, isolamento e problemas com os filhos ficam sem saber como devem de agir. Se todos colaborarem, podem pedir ajuda e assim atenuar os problemas pelo qual se confrontam (Villas-Boas, 2001). Os EE começam a perceber melhor o esforço dos docentes, os pais desenvolvem melhor os seus papéis e os professores são estimulados ainda mais (Marques, 2001).

Existem grandes diferenças na colaboração consoante as tipologias das famílias. Há estudos, que mostram que a colaboração se faz com mais facilidade com as famílias da classe média e da classe alta, havendo mais obstáculos na colaboração quando se trata de famílias oriundas de minorias culturais ou étnicas (Marques, 2001).

Joyce Epstein desenvolveu assim o modelo de sobreposição das esferas de influência, que valoriza as experiências, as práticas e os valores (Villas-Boas, 2000). Segundo Zenhas (sem data) esta teoria tem como papel principal a partilha entre escola, a família e a comunidade de “(...)objectivos comuns para as crianças/ jovens, nomeadamente o sucesso académico, os quais são mais eficazmente atingidos se houver uma conjugação de esforços e uma intervenção coordenada (...)” (p.1). A sobreposição das esferas é composta por três esferas: família, comunidade e escola. Entre elas existe uma pequena zona de influência em comum, que corresponde à interseção das mesmas, dando espaço à ação pedagógica e didática e à ação educativa (Villas-Boas, 2000). Quanto maior for a zona de interseção, maior será a articulação entre a família, a comunidade e a escola (Zenhas, Sem data). Sendo assim, podemos afirmar que a “maturação biológica, o ambiente, considerado relevante para o desenvolvimento humano. Não se limita ao contexto imediato em que se encontra o sujeito, mas engloba uma série de estruturas de níveis diferentes, interligadas entre si.” (Reis, 2008, p. 42).

A colaboração entre a escola e a família trás vantagens para o sucesso educativo dos alunos, por isso é necessário que os professores, as escolas e os agrupamentos reflitam sobre a forma de estabelecerem os projetos mais adequados às características do seu público-alvo, criando um ambiente benéfico ao desenvolvimento de uma relação de confiança (Zenhas, Sem data).

Ainda assim, o envolvimento dos pais não trás só benefícios ao aproveitamento escolar das crianças, esta relação aumenta a motivação dos alunos pela escola, ajuda os pais a entenderem melhor o esforço dos professores, melhora a imagem social da escola, reforça o prestígio profissional dos professores, ajuda os pais a serem melhores pais, assim como incentiva os profesoress a serem melhores (Marques, 2001). Uma vez que ao falarmos da

colaboração da escola com os pais estamos a englobar muitas coisas e a comunicação entre os professores e a escola é o que aparece em primeiro lugar (Marques, 2001).

Podemos concluir que o envolvimento dos pais tráz benefícios para todos: famílias, crianças e docentes.

1.4. Obstáculos à colaboração dos pais nas escolas

Colaborar significa ajudar na resolução dos problemas ou reforçar e melhorar uma relação. "(...) pressupõe uma comunicação prévia que conduz ao conhecimento mútuo do mesmo bem – o bem comum – e ao reconhecimento da sua importância." (Marques, 2001, p. 30).

É de realçar que a colaboração dos pais não é só a presença nas reuniões, ou deslocar-se à escola para ter uma conversa com o professor, embora estas duas vertentes sejam necessárias. Os pais que não colaboram, mas vão às reuniões, normalmente são os EE que têm uma vida profissional muito ocupada. Não tendo disponibilidade para estar com os filhos, acabando por exigir mais do papel do professor, responsabilizando-o pela sua insuficiência enquanto progenitor. Normalmente, estes pais são ansiosos e ambiciosos, acabando por construir perspetivas irrealistas do futuro do seu educando. Tornando-se assim pais difíceis de alcançar (Marques, 2001).

No entanto, também existem as escolas difíceis de alcançar que acusam os EE pelas dificuldades e problemas disciplinares dos educandos, as que não proporcionam horários de atendimento adequados às disponibilidades dos EE, as que têm uma falsa atitude de superioridade no que diz respeito aos conhecimentos das famílias, sejam eles científicos e educativo (Carvalho, Boléo, Nunes, & Lisboa, 2006). O facto de a sua cultura não ser compreendida pelos EE com os níveis de escolaridade mais baixos, a escola não dispor de espaços adequados para a receção dos pais, a linguagem nem sempre ser compreendida pelos EE com menos habilitações e os pais serem chamados às escolas só para receberem más notícias (Marques, 2001; Davies, et al., 1989).

Outro dos obstáculos à colaboração dos pais é o multiculturalismo. Desde o ano 2000 que Portugal recebeu muitos imigrantes de várias nacionalidades. Embora aprendizagem da nova língua ocorra com a chegada ao novo país, são muitas as dificuldades pela qual os imigrantes passam até ao domínio da língua. (Grosso, Tavares, & Tavares, 2008). A integração destes depende da forma como se inserem na comunidade e da forma como são acolhidos pela mesma (Grosso et al, 2008).

Antigamente, as escolas apenas instruíam os alunos, representavam um processo de progresso e ascensão social, por isso, o papel dos professores era única e exclusivamente transmitir essa instrução. Com o passar do tempo o papel das escolas foi-se modificando e atualmente o professor cada vez mais tem duplas funções. Por estas razões os EE começaram a culpar os docentes pelo insucesso dos alunos (Homem, 2002), mas segundo Cavalcante (Sem data) o problema está relacionado com o facto de os docentes culparem os

EE pelos problemas das crianças, principalmente se a criança pertencer a uma família com poucas capacidades económicas ou a uma minoria étnica ou social. Ou seja, “os problemas entre a escola e a família e as barreiras ao envolvimento dos pais parecem estar diretamente ligados à classe social da família.” (Davies, et al., 1989, p. 44). Normalmente, a escola afasta os pais mais pobres, os que trabalham muitas horas e vivem longe do local de trabalho (Marques, 2001).

O autor supracitado afirma, ainda, que os pais que não participam nas reuniões são os que possuem recursos económicos baixos e educação inferior, são os que têm más experiências escolares, desconhecem a cultura da escola e têm dificuldade em compreender a linguagem dos docentes. Embora existam pais com recursos económicos altos e com educação superior, que também não participam, mas neste caso a falta de tempo é o grande fator, uma vez que não dispõem de tempo para os filhos, devido às exigências profissionais. As famílias monoparentais também não participam devido aos cuidados da criança serem só de uma pessoa.

Rocha (2006) afirma que o envolvimento das famílias proporciona diversos benefícios para o desenvolvimento e aproveitamento escolar do aluno, para os pais se sentirem mais incluídos e para a escola, porque encontra um aliado para o desenvolvimento e progresso da sociedade. Para isto acontecer tem de existir partilha de poder e o “desacordo surge quando se avança para níveis de envolvimento mais participativos como a tomada de decisões escolares e na partilha do poder deliberativo na escola” (Marques, 1989, p. 55).

1.5. Tipologia de Joyce Epstein

Epstein desenvolveu uma teoria de relação escola-família-sociedade que pode ser um importante instrumento conceptual para uso em contexto investigativo, sendo um dos quadros teóricos mais usados, nos nossos dias, pelos investigadores que se dedicam ao estudo da colaboração entre as escolas e as famílias.

Joyce Epstein (1984) defende que os professores são os principais responsáveis no processo de criação à educação participada. Por isso, são eles que devem pedir a participação dos pais nas atividades educativas da escola e dar conhecimento aos mesmos sobre os conteúdos que os filhos estão a abordar, de modo a que as famílias possam ajudar as crianças em casa.

A autora refere, ainda, que o envolvimento da família na escola permite um aumento do conhecimento dos pais sobre a verdadeira missão da escola e dos objetivos da mesma, assim como o trabalho desenvolvido pelos docentes. Para Epstein tem de ser os professores a dar o “primeiro passo” na relação escola-família.

As tipologias de Joyce Epstein eram compostas por cinco partes que abordavam os diferentes tipos de relação entre a escola e a família. Mais tarde, foi acrescentada a sexta parte, que englobava a relação com a comunidade (Nunes, Sem Data).

Joyce Epstein (2002) definiu, assim, seis tipos de envolvimento parental, que têm como objetivo criar uma relação mais próxima entre a escola e a família, de modo ajudar os alunos a terem sucesso escolar. Sendo estes, os seguintes:

- Tipo 1 (Parentalidade): Segundo a autora são atividades que a escola pode promover que permitem uma melhor compreensão familiar do desenvolvimento das crianças, como o cumprimento de funções básicas: afeto, saúde, entre outras.
- Tipo 2 (Comunicação): Processo de comunicação entre a escola e a família acerca do progresso dos alunos e dos programas educativos. Os alunos também devem ser envolvidos, para perceberem que a escola e a família estão a trabalhar em conjunto, existindo comunicação nos dois sentidos.
- Tipo 3 (Voluntariado): Neste ponto a autora defende a promoção de atividades em que as famílias participem voluntariamente, como no auxílio aos docentes na biblioteca, em diferentes atividades, por exemplo: visitas de estudo, celebrações, entre outras.
- Tipo 4 (Aprendizagem em casa): Para Epstein este ponto permite um envolvimento dos pais nos trabalhos de casa, em que os professores definem trabalhos interessantes para que os alunos possam discuti-los em casa com as famílias.
- Tipo 5 (Tomada de decisões): Este ponto incentiva os pais a participarem nos processos de decisão que afetam os seus filhos e as outras crianças, nomeadamente nas associações de pais ou nos conselhos gerais das escolas.
- Tipo 6 (Colaboração com a comunidade): Como afirma a autora, neste ponto as atividades encorajam a cooperação entre a família, escola e comunidade (organizações, agências e indivíduos). Sendo que estas relações podem ser benéficas para todos, uma vez que passa a existir uma interajuda e a escola pode ser vista como um recurso que potencializa o sucesso escolar dos alunos.

Epstein (2002) considera que estes seis tipos de envolvimento parental podem levar a uma boa relação entre a escola e a família, o que será fundamental para o sucesso escolar dos alunos.

No entanto, estes pontos só resultam se existir comunicação entre os pais e os docentes. Para que esta comunicação seja benéfica é importante que os professores tenham em atenção alguns aspetos. Os primeiros responsáveis pela educação são os pais e os docentes têm de ter isso em atenção, assim como, as responsabilidades que foram cedidas pelos pais. Por isso deve respeitá-los, ouvi-los atentamente, ter em consideração todas as suas angústias e desejos, integrá-los no processo da tomada de decisões dessas angústias e desejos, sempre que se revelarem justos e acolher os pais com carinho e entusiasmo (Marques, 2001).

2. Metodologia

2.1. Opções Metodológicas

Para a realização deste trabalho foi necessário selecionar uma amostra e escolher a metodologia que fosse a mais indicada para a pesquisa, sobre “A relação entre encarregados de educação e educadores de infância/professores do 1º ciclo do Ensino Básico: as perceções de crianças, encarregados de educação e docentes.”. Por essa razão, optámos por uma pesquisa de natureza qualitativa.

Na investigação qualitativa “(...) os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números (...)” (Bogdan & Biklen, 1994, p.48).

Segundo o autor supracitado, os resultados das investigações contêm citações que são retiradas dos dados recolhidos durante as mesmas para ilustrar a apresentação.

A investigação qualitativa parte do processo de investigação ação que tem como objetivo a melhoria da organização do grupo (Afonso, 2005). Normalmente a investigação ação passa por cinco momentos muito importantes (Afonso, 2005):

- As pessoas tem de estar diretamente envolvidas;
- A questão deve surgir do trabalho quotidiano;
- Deve haver uma adequação de valores e condições de trabalho;
- As técnicas de recolha e o tratamento de dados devem ser compatíveis com os recursos que estão disponíveis no momento;
- Devemos confrontar, relacionar, ligar e refletir.

As opções metodológicas que escolhemos para desenvolver este estudo foi a realização de entrevistas a docentes, EE e crianças e a observação indireta.

As entrevistas que foram aplicadas aos docentes e aos EE são semiestruturadas, que geralmente são realizadas com ajuda de um guião, que é construído a partir de questões e eixos de análise da investigação (Afonso, 2005). Estas entrevistas “(...) requerem apenas, um mínimo de apontamentos, que serão suficiente desde que lhe permitam extrair pontos de interesse e tópicos possíveis de serem incluídos no seu estudo (...)” (Bell, 1997, p. 140).

Nas entrevistas aos alunos utilizámos entrevistas coletivas, *focus group* e segundo Fernando “Esta técnica implica a constituição de pequenos grupos” (citado por Afonso, 2005). Nestas entrevistas os sujeitos estimulam-se uns aos outros, dando ideias que podem ser exploradas mais tarde (Bogdan & Biklen, 1994), acabando por o entrevistador recolher diferentes informações sobre as experiências e as vivências de cada sujeito (Afonso, 2005).

2.2. Participantes do Estudo

Os participantes deste estudo foram EE, docentes e crianças, que fizeram parte dos estágios pela qual passámos durante o Mestrado de Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico.

Neste estudo participaram seis EE, três cujo os educandos estavam inseridos na creche e seis cujo os educandos frequentaram o 1º ciclo (1º ano e 4ºano). Todos os EE com

os educandos na creche mostraram-se disponíveis para a realização da entrevista, assim que souberam o tema da mesma. O mesmo não aconteceu com os EE cujo os filhos frequentavam o 1º ciclo (1º ano). Alguns dos selecionados não aceitaram realizar a entrevista, enquanto outros se disponibilizaram no instante a seguir. No que diz respeito aos EE com os educando a frequentar o 1º ciclo (4º ano) dois dos selecionados aceitaram no momento, mas outro rejeitou devido à falta de disponibilidade, o mesmo aconteceu com o segundo escolhido. Visto isto, escolhemos outro EE que aceitou realizar a entrevista.

Participaram quatro docentes, duas educadoras (uma de creche e uma de pré-escolar) e duas professoras (uma de 1º ano e a outra de 4º ano). Quando foram questionadas sobre a realização da entrevista, mostraram algum desconforto e mesmo no fim de saber o tema, continuaram incomodadas. Ainda assim, disponibilizaram-se para a realização da mesma.

Para este estudo participaram dezoito crianças no total, nove de JI e nove de 1º ciclo. Nestas entrevistas realizámos *focus group* de três crianças, para percebermos melhor as vivências e as experiências daquele pequeno grupo. As crianças da creche ficaram de fora, porque tinham 2 anos e ainda não conseguiam falar adequadamente.

As crianças do JI tinham idades compreendidas entre os 4 e os 6 anos, sendo que as mais velhas, mostraram-se curiosas por saber o que iriam realizar. No fim da entrevista quiseram saber como tinha ficado a gravação.

Do 1º ano participaram crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 7 anos. Ao início mostraram-se um pouco recetivas nas perguntas, mas com o passar do tempo começaram a responder mais fluidemente.

As crianças do 4º ano escolhidas mostraram-se desde logo entusiasmadas com a entrevista, enquanto as restantes ficaram desanimadas por não irem participar. Responderam às questões sem receios, embora duas das crianças se mostrassem mais à vontade.

3. Análise dos dados

3.1. Análise das entrevistas aplicadas às crianças

Tendo em conta as entrevistas² que foram aplicadas às crianças, realizámos uma análise sobre a mesma. Como podemos constatar no quadro abaixo.

Quadro 6 - Análise das entrevistas às crianças.

Categories	Subcategorias	Inquiridos	Exemplos
Relação Escola- Família	Pedido de colaboração dos EE para as atividades	C1	“Sim.” Mas “(Aaaaaaa) não me lembro” quais.
		C2	“Sim.” Mas “Não me lembro” quais.
		C3	“Não.”
		C4	“Sim.” Mas “Não me lembro” quais. Quando levam os pais dizem “Muito prazer”
		C5	“Sim.” Mas “Não me lembro” quais. Quando levam os pais dizem “Muito giro”
		C6	“Sim.” Mas “Não me lembro” quais. Quando levam os pais dizem “Muito giro”
		C7	“Não.” Mas quando leva os pais dizem “Giro”. “Porque fazemos coisas muito giras para eles.”
		C8	“Nunca.” Mas quando leva os pais dizem “muito giro”. “Os meus pais adoram que eu faça coisas super giras para eles.”
		C9	“Não.” Mas quando leva os pais dizem “Maravilhoso!”. Porque “(...) eu faço coisas originais.”
		C10	“Sim.” Mas “Não” se lembra quais.
		C11	“Sim. O projeto de.... Não me lembro. O projeto de.... O projeto do.... (...) Sim do presépio.”
		C12	“Não.”
		C13	“Sim.” Mas “Não” se lembra quais.
		C14	“A se pedir não me lembro de muitas.” “A única coisa que eu me lembro e acho que foi a única coisa que fizemos com os nossos pais ao longo do ano foi o coração que fizemos ontem no dia da família com os nossos familiares.”

² Anexo III

		C15	“Frequentemente.” “(...) atividade dos autocolantes.” “(...) para colar”
	Colaboração dos EE nas atividades	C1	“Sim.”
		C2	“Sim.”
		C3	“Sim.”
		C4	“Sim.”
		C5	“Sim.”
		C6	“Sim.”
		C7	“Sim.”
		C8	“Sim, imenso.”
		C9	“Sim.”
		C10	“Sim.”
		C11	“Sim.”
		C12	“Sim.”
		C13	“Sim”
		C14	“Sempre”
		C15	“Sim”
	Diálogo entre os EE e os docentes	C1	“Sim.” Mas “ (...) Eles falam poucas vezes.”
		C2	“Sim.”
		C3	“Sim. (...) Falam com a educadora à noite. Poucas vezes.”
		C4	“Sim. (...) Poucas vezes.”
		C5	“Sim. (...) Poucas vezes.”
		C6	“Sim. (...) Poucas vezes.”
		C7	“Não.”
		C8	“Sim. Poucas. Reunião e algumas vezes fora da reunião e os festivais também.”

		C9	“Sim. (Hm) algumas. Reunião e o mesmo.”
		C10	“Sim. (...) (Aaaa) poucas vezes. Só falam na reunião.”
		C11	“Falam. (...) Poucas, poucas.”
		C12	“(...) é as auxiliares de vez em quando. De vez em quando, quando a professora vai-se embora, fala com a mãe. (...) Poucas.”
		C13	“Não.”
		C14	“(...) quando são as avaliações, quando os meus pais vão receber as notas ou inscrever-me na turma (...)”
		C15	“Sem ser as notas, (aaa) raramente”
	Existência de projetos que envolvam os EE	C1	“Sim.” Mas “ (...) não me lembro” quais.
		C2	“Sim.” Mas “ (...) Não me lembro” quais.
		C3	“Sim.”
		C4	“Sim.” Mas “ (...) não me lembro de nenhum.”
		C5	“Sim.” Mas “ (...) Não me lembro” quais.
		C6	“Sim.” Mas “ (...) Não me lembro” quais.
		C7	“Não.”
		C8	“Não.”
		C9	“Sim!” Mas “Não me lembro” quais.
		C10	“Não.”
		C11	“Não sei.”
		C12	“Não.”
		C13	“Acho que sim” mas “não” se lembra
		C14	“Sim. (...) O de ontem (dia da família)”
		C15	“Acho que também sim. (...) O do dia da família.”

Os EE darem sugestões de atividades aos docentes	C1	“Sim.” Mas “ (...) Também não me lembro” de nenhum.
	C2	“Sim.” Mas “ (...) Eu não me lembro” de nenhum.
	C3	“Sim.”
	C4	“Sim.” Mas “ (...) Eu não me lembro” de nenhum.
	C5	“Sim.” Mas “ (...) Eu não me lembro” de nenhum.
	C6	“Sim.” Mas “ (...) Eu não me lembro” de nenhum.
	C7	“Sim. Ajudam-me a fazer... a ler o livro. ³ ”
	C8	“Super mistério. ⁴ ”
	C9	“Super mistério.”
	C10	“Sim.” Mas “Não me lembro.”
	C11	“A minha não sei se ela fala, ela não fala para mim.”
	C12	“Não.”
	C13	“Sim, raramente. (...) Fazermos mais atividades que nós pudéssemos aprender de uma forma que... (pausa) de uma forma em que pudéssemos aprender melhor (...).”
	C14	“Raramente.”
	C15	“Às vezes, dizem (...) para trabalharmos mais (...) as disciplinas mais difíceis para termos melhores notas. (...) E para divertir mais (...)”

Tendo em conta as crianças que foram entrevistadas podemos constatar que mais de metade afirmou que os docentes pediam a colaboração dos EE nas atividades da escola, mas quando lhes foi solicitado um exemplo, apenas três responderam. No entanto todos os EE participavam nessas atividades.

Segundo a maioria das crianças existia diálogos com os EE, mas são muito poucas as vezes que isso acontece, o que não vai de encontro ao que Marques (2001) refere no capítulo das vantagens, em que a comunicação entre docentes e EE tem de estar em primeiro lugar.

³ Projeto do Agrupamento.

⁴ Segundo a C7, quer dizer que o colega “não sabe mesmo”.

Na subcategoria “existência de projetos que envolvam os EE” a maior parte das respostas foram afirmativas, no entanto a maior parte não se lembra de um projeto que tenha envolvido os EE.

3.2. Análise das entrevistas realizadas aos EE

Com base nas entrevistas⁵ que foram aplicadas aos EE foi realizada uma análise sobre a mesma, como podemos constatar no quadro abaixo.

Quadro 7 - Análise das entrevistas aos EE.

Categorias	Subcategorias	Inquiridos	Exemplos
Relação Escola- Família	Número de deslocações e o porquê	EE1	“Para o vir o buscar, em reuniões ou alguma questão que seja necessário tratar com a educadora.”
		EE2	“Todos os dias (...) todos os dias venho poula e faço questão até para criar laços e saber como é que está a “Matilde”.”
		EE3	“Sim, todos os dias. Ou venho trazer ou venho buscar e depois venho sempre às reuniões.”
		EE4	“Sim, estou permanentemente na escola do meu educando (...)” Desloca-se mais “quando há algum problema para resolver (...) Notas, portanto avaliações (...)”
		EE5	“Não.”
		EE6	“Sempre que me é dito para vir cá (...) todos os dias venho cá à escola, tento falar com a professora. Se alguma coisa estiver mal sou chamada, mas sempre que possível venho. (...) Quando me desloco às vezes é por falta de ele se portar bem (...)”
		EE7	“Só assim nestas atividades, nas reuniões não falto, mas fora isso não.”
		EE8	“Para vir poulo e para vir buscá-lo.”
		EE9	“Sim.” Desloca-se mais para saber do “Aproveitamento, comportamento e saber se posso ajudar em alguma coisa.”
			EE1

⁵ Anexo V

	Meios para comunicar com o/a docente	EE2	“Pessoalmente e também já aconteceu ser por telefone (...)”
		EE3	“(...) presencialmente quando venho trazer ou venho buscar. Quando ele não vem, normalmente telefone (...)”
		EE4	“(...) oralmente (...)”
		EE5	“A caderneta, os recados (...)”
		EE6	“Já uma vez lhe telefonei e gosto mais de falar (aaa) ao vivo (...)”
		EE7	“Só presencialmente.”
		EE8	“Por vezes na caderneta, outras vezes falamos, depende da urgência do assunto (...)”
		EE9	“Ou pessoalmente, ou via caderneta”
	Envolvimento enquanto EE	EE1	“Sim (...) convida para estar presentes podermos vir cá apresentar alguma coisa aos pequenos durante o ano letivo, como para as festas que organizam (...)”
		EE2	“Envolve muito (...) através de trabalhos que manda para os pais fazerem para conseguirem participar, a própria envolvência da sala (...) metem ali à entrada os trabalhos que a “Matilde” faz para nós vermos o que elas fazem. É bom que eu às vezes vejo que ela hoje teve a história de não sei quê e em casa dou a continuidade ao trabalho. (...) há um trabalho muito bom entre a família, neste caso entre mim e a educadora porque é muito fácil nós pais darmos a continuidade do trabalho delas, porque elas (hm) dão-nos a conhecer tudo do dia-a-dia (...)”
		EE3	“Sim (...) este ano não tem havido tanto, mas geralmente eles (escola) têm sempre umas folhinhas para nós avaliarmos as festas ou as atividades e nós podemos dar a nossa opinião. A “Ana” envolve muito, porque faz muitos trabalhos e está sempre com os pais ali a envolver e acho que destas duas formas.”
		EE4	“(...) envolve e não envolve. Envolve porque trabalho na escola, mas penso (...) deveria envolver mais (...) acho que as escolas de hoje em dia deveriam de abrir as portas mais aos pais (...)”
		EE5	“Sim.”

		EE6	“Sim, sim. (...) eu gosto das atividades que eles fazem, sempre que posso quase sempre venho. Já dos mais velhos sempre que posso participo.”
		EE7	“Sim. (...) nestas atividades que fazem com alguma (...) frequência, em que os pais têm interveniência direta. (...) nas reuniões porque entretanto, depois também somos convocados (...) mas eu faço questão de tar (estar) presente para entretanto saber o desenrolar (...) da aprendizagem (...).Embora nós acompanhemos em casa (aaa) é sempre bom (...) ouvir o <i>feedback</i> que há do outro lado (...)”
		EE8	“Sim. (...) desde de ajudá-lo nos (...) pequenos trabalhos que pedem, desde participar em atividades.
		EE9	“Bastante (...) Eu penso que são várias as maneiras. A primeira são as reuniões que nós temos em cada final de período. É uma forma de eu como mãe entender o nível de aproveitamento escolar, perceber também (aa) algumas dificuldades não só escolar, mas também a forma como ela socializa, como ela se comporta... com o outro. (...) uma outra forma (aa) que nós temos também nesta escola é que valoriza várias atividades extracurriculares e acaba por envolver os pais de alguma forma, (aaa) tanto em trabalhos que eles têm de levar para casa para realizar com a família como... só o facto de darem a entender aquilo que os meninos fazem dentro da sala de aula e fora. (Aaaa) Uma outra forma (aaa) é que é uma escola que está muito atenta ao comportamento (aa) tanto no pátio como dentro da sala e acaba por nós pais dar-nos uma chamada de atenção (...). De como as coisas estão (aaa) correr, até porque eles tem várias fases e (ee) estão sempre a mudar”
	Envolvimento com vantagens	EE1	“Acho que traz vantagens (...) porque faz com que os pais também percebam o trabalho que tá (está) a ser feito com os filhos (...) E que sejam inseridos também nessas atividades e para o desenvolvimento deles também é importante.”

	ou desvantagens	EE2	“Só vantagens (...) Elas (educadora e auxiliar) comunicarem desta maneira connosco, dizerem-nos abertamente o que é que fazem, exporem na sala à entrada da sala para nós conseguirmos ver é uma coisa maravilhosa, porque eu tenho tido o trabalho super facilitado (...)”
		EE3	“Eu acho que traz vantagens, porque nós (pais) precisamos sempre de saber como é que eles se comportam aqui, porque são sempre realidades diferentes em casa e na escola (...) é bom nós sabermos como é que eles reagem num lado para nós sabermos como fazer com eles no outro.”
		EE4	“Vantagens completamente.”
		EE5	“Positivo, trás vantagens, sim.”
		EE6	“(...) acho que sim, eles ficam muito felizes quando os pais aparecem, às vezes por uma coisinha muito simples para eles já é muito bom (...)”
		EE7	“Eu acho que sim (...) porque este é um trabalho que (...) as crianças usufruem não só na escola, mas também a nível familiar, e portanto nós temos que interagir com eles como um todo (...). A escola e os pais têm de fazer um trabalho que é comum (...)”
		EE8	“(...) Bastantes vantagens, porque é bom eles também poderem perceber que os pais não só os ajudam em casa, mas também participam nas coisas da escola.”
		EE9	“Trás sempre vantagens. (...) Quanto mais envolvida tiver a escola com os pais (...) mais fácil é ajudá-los a eles alunos.”
		EE1	“Sim aceita (...)”
	Opinião da criança face a esta relação	EE2	“A minha filha adora, a minha filha está de férias e eu pergunto-lhe queres ir à praia, à piscina ou à escola, e ela quer ir à escola. (...) a minha filha adora e ela sente-se super em casa (...) O pai às vezes vai um bocadinho mais cedo, tá ali um bocadinho a brincar com os meninos todos, ela acha que isto é uma extensão de casa (...)”
		EE3	“(...) ele fica atrapalhadíssimo. Ele um dia viu-me a sair da sala das crianças com a “Ana” e ele ficou em pânico (...) escondeu-se e foi chorar para um canto (...)”

		EE4	“Ela acha bem, é assim ela tem a mãe permanentemente na escola (...) Por vezes é bom, muito bom e outras vezes é mau, porque trabalho e muitas vezes não posso dar a minha opinião (...)”
		EE5	“Ele gosta.”
		EE6	“Ele gosta da escola, desde o primeiro dia que gosta muito (...)”
		EE7	“Sim ela... É assim eles deliram (...) quando por exemplo fico e a posso vir trazer, ou a posso vir buscar para ela é um delírio, portanto eles acham um máximo a mãe vir à escola ou o pai vir à escola, para mostrar aos amigos. É delicioso, eles ficam maravilhados (...)”
		EE8	“Ah! Super bem!”
		EE9	“Ela gosta muito, (aaa) sempre foi uma aluna muito (...) envolvida nas coisas da escola (...)”
	Acesso à informação sobre as atividades	EE1	“Sim (...) pela educadora que põe no placar o que eles fazem durante a semana (...)”
		EE2	“Estou a par de todas e quando não estou é porque não vejo (...) elas estão ali expostas. Sempre o que fazem de importante a “Ana” tem cuidado de colocar fotografias, de colocar o que fizeram e às vezes nós é que com a pressa da manhã, venho mais à pressa, nem vi o que ela fez no dia anterior mas a culpa é minha.”
		EE3	“Sim (...) por norma as educadoras transmitem quando são as festinhas ou às vezes está na porta quando é as missas.”
		EE4	“Sim (...) pela professora que escreve na caderneta, manda recados (...)”
		EE5	“Sim, quero dizer acho que sim pelo menos... (...) Através da caderneta.”
		EE6	“Sim, sempre, ando sempre atualizada. (...) como venho sempre à escola, tento ficar a par das coisas através daqui de conversar com as pessoas da escola, mas sempre que posso sou avisada (...) com um recado.”
		EE7	“Sim. (...) A nível de caderneta e depois também a nível das reuniões que são feitas, onde a professora comunica tudo o que tá (está) a nível, a ser proposto para o decorrer desse período.”
		EE8	“(…) Penso que sim (...) pela caderneta dele, às vezes conversando com as auxiliares e com a professora (...)”

		EE9	“Sim, completamente. (...) eu trabalho na instituição, portanto favorece (...) eu estar muito a par do que se passa. (...) No entanto todos os pais têm, logo no início do ano (...) Primeiro o horário (dee) semanal do que eles têm por ordem e esse horário é cumprido normalmente à regra (...). Para além disso também temos acesso ao calendário escolar anual, sabemos nós pais (...) da maioria das atividades, (pausa) estamos preparados logo para isso... (aaa) portanto é muito mais fácil assim.”
	Atividades a realizar na escola enquanto EE	EE1	“Sim (...) faz parte desta relação entre a escola e a família onde os pais também participam, para os filhos, também, verem que os pais estão interessados na educação deles e no bem-estar deles.”
		EE2	“(...) fazia sim senhora, com muito gosto.”
		EE3	“Sim (...) porque gosto da instituição e porque se tivesse (...) tempo para isso, fazia sim. Acho que é importante.”
		EE4	“(...) claro com muito gosto (...) é extremamente importante que os pais participem nas atividades da escola, para que isso depois tenha sucesso no sucesso escolar dos nossos filhos, é importantíssimo, eles adoram.”
		EE5	“Sim. (...) acho que é importante.”
		EE6	“Claro que sim. (...) Eu gosto muito destas coisas (...).acho que os pais entrarem nas atividades dos filhos eles ficam muito felizes. Eu noto isso e para eles é bom e para nós também, porque vimos o trabalho que os professores fazem e que eles também fazem e acho que é giro. (...)”
		EE7	“Claro que sim! (...) Porque eu acho que é importantíssimo os pais terem a oportunidade de (...) fazer este trabalho coletivo com a escola (...) são momentos que ficam para a vida toda e que os marca de uma maneira que nós nem sequer muitas vezes temos essa noção.”
		EE8	“Sim. (...) Porque acho que é engraçado independentemente de (...) ser uma atividade (pausa) mais séria ou menos séria é engraçado (...) haver este (este) envolvimento dos pais na escola sem ser só o ajudar a fazer os trabalhos de casa e essas coisas assim.”

		EE9	“Sim, faço sempre. (...) porque (aaa) é importante para a criança (aaa) saber que a mãe ou o pai (aaa) estão envolvidos naquilo que ela faz e nas atividades que existe na escola, como por exemplo, o dia da família, para eles é sempre importante ver o ponto de referência deles (aaa) e é uma forma de mostrarem aos amigos que o pai participa ou a mãe. (...)”
	Dificuldades sentidas	EE1	“Por vezes eu sei que há pais mais complicados (...) que há determinadas situações que não compreendem, ou que não percebem”
		EE2	“(…) não sinto dificuldades.”
		EE3	“(…) talvez a principal dificuldade seja, por exemplo a educadora não conseguir ter acesso ao mesmo tempo a todos os pais e há recados que têm de ser passados para a “Maria” (...)”
		EE4	“A dificuldade é (...) que a escola deveria ter mais as portas abertas para que os pais possam vivenciar as coisas que se passam na escola (...) mais atividades em que os pais possam participar (...) ter as portas abertas para que possamos fazer alguma coisa, alguma atividade (...)”
		EE5	“Não há dificuldades, penso que seja tudo bastante claro, sim.”
		EE6	“(…) eu acho às vezes escolas têm poucos meios para trabalhar (...) é uma escola pobre em relação a outras que nós vemos, desde do recreio à própria... ao próprio edifício (...)”
		EE7	“(…) eu acho que muitas vezes a escola não tem meios suficientes para poder disponibilizar da(aaa) melhor maneira. Muitas vezes as atividades que são feitas, também não dá para ser muito mais, porque também muitas vezes depende da(aa) ajuda dos pais, porque a escola não tem possibilidade de fazer de outra maneira (...)”
		EE8	“(…) se for de trabalhos manuais muitos (...) Agora tudo o resto não”
		EE9	Eu sinceramente não sinto (...) tento estar atenta através dos trabalhos de casa que ela realiza, através da alteração de comportamento que ela possa ter tanto no pátio, como dentro sala, como em casa, mas o que eu sinto enquanto funcionária é que nem todos os pais entendem que a escola se for partilhada com eles é muito mais fácil (...) se podermos trabalhar todos em conjunto,

			só temos a ganhar, a criança aprende com mais facilidade, mais facilmente conseguimos reconhecer as carências e as necessidades das crianças ou até mesmo aquelas crianças que já são boas alunas e se conseguem integrar muito bem, podemos reforçar ainda mais e realçar as capacidades dela (...)"
--	--	--	---

Após a análise das entrevistas foi fácil constatar que os EE só se deslocam às escolas para irem às reuniões, atividades das escolas e alguns para colocar os educandos na instituição. Apenas o EE2 e o EE6 compareciam quando eram chamadas, mas também por livre vontade para saber o desenvolvimento dos seus educandos. O EE4 e o EE9 trabalhavam nas escolas que os filhos frequentavam, o que permitia que estivessem em permanente contacto com o educando e com os docentes.

No entanto todos os EE afirmam que eram envolvidos nas instituições dos seus filhos, em contrapartida a EE4 garante que as escolas poderiam dar mais oportunidades aos pais para que eles também pudessem realizar atividades para os filhos, em vez de ser só o contrário. O que vai ao encontro do terceiro tipo de envolvimento parental (voluntariado) de Joyce Epstein (2002).

Para todos os EE esse envolvimento só trás vantagens e as justificações vão de encontro aos que os diferentes autores mencionam no capítulo dos benefícios da colaboração dos pais deste Relatório.

Segundo os entrevistados, os educando gostam da relação escola-família, à exceção do filho do EE3 que ficava nervoso com a proximidade entre a docente e o EE.

Ao contrário do que os docentes referiram nas suas entrevistas as dificuldades que os EE sentem no envolvimento com as escolas são: os meios que as escolas têm para trabalhar e o facto de as escolas não permitirem, com tanta frequência, a entrada das famílias.

3.3. Análise das entrevistas aos docentes

Com base nas entrevistas⁶ que foram aplicadas aos docentes foi realizada uma análise sobre a mesma, como podemos constatar no quadro abaixo, em que conseguimos encontrar pontos essenciais que vão ajudar a responder à questão inicial do Relatório.

Quadro 8 - Análise das entrevistas aos docentes.

Categorias	Subcategorias	Inquiridos	Exemplos
------------	---------------	------------	----------

⁶ Anexo VII

Relação Escola- Família	Envolvimento dos EE	D1	<p>“(...) eu tento sempre envolver os pais na vida... do colégio, da creche. (...) nem que seja ao final do dia, quando há alguma coisa para nós falarmos com os pais. (...) Eu tanto digo aos pais o que se passou bem, como aquilo o que se passou menos bem. Porque só aí o trabalho em equipa, é que conseguimos depois levar a criança (aaa) a comportar-se melhor ou a entusiasmá-la também porque se nós dissermos aos pais que se portaram muito bem fizeram isto, também tenta-se motivar a criança e entusiasmá-la mais para vir para a creche.</p> <p>(...) no meu grupo sinto que eles participam ativamente na vida dos filhos, (...) na vida escolar dos filhos e estão interessados. Se eu pedir para fazer alguma atividade, eles colaboram sempre”</p>
		D2	<p>“(...) Portanto os pais aqui (...) são bastante ocupados, todos eles trabalham não tenho pais desempregados. (...) mas sempre que podem e sempre que é solicitado algum trabalho, alguma participação, há sempre alguns pais que gostam de participar. (...).</p> <p>(...) os pais dos meninos mais pequeninos dos 3 anos, quando eles entram no jardim ficam muito ansiosos e têm muito a necessidade de saber o que é que eles fazem, como é que eles estão, se estão bem, se não estão bem, se estão a fazer uma boa adaptação (...) E depois são os pais dos meninos finalistas, como tão a terminar o pré-escolar, que vão iniciar uma nova etapa no ano seguinte, o 1º ciclo, então ficam também um bocadinho ansiosos. Se os filhos estão bem, se os filhos já sabem fazer o nome deles, se os filhos já conhecem algumas letrinhas, (...) são as coisas que os preocupam mais que realmente eu vejo que eles de vez em quando me procuram para esclarecer essas coisas.”</p>
		D3	<p>“Há um pouquinho de tudo, há os pais extremamente presentes e interessados, e há os pais que (pausa) nem sempre estão disponíveis, nem sempre mostram muito interesse pelas atividades e o desenvolvimento dos seus filhos. (...).”</p> <p>(...) inicialmente (...) a grande maioria mostrou interesse (...) embora nem sempre revelem através das atitudes o devido acompanhamento aos seus filhos (...).”</p>

		D4	<p>“(...) dos que vêm cá... devia ser mais, em muitos casos devia ser mais, mas não é infelizmente.</p> <p>(...) devia se calhar ser um bocadinho mais bem acompanhada (a vida escolar) e não é, seja para os bons seja para os maus, não interessa.”</p>
	Meios para comunicar	D1	<p>“Falando (...) depende do que, do que eu lhe queira pedir. (...) Se é uma informação que tenho que dar rapidamente, é por telefone. Se é o pedido de alguma atividade dizemos por boca (...) Se for informação vinda da parte da coordenação ou de direção, aí é através de papel. Mas sempre (...) com uma conversa para explicar aos pais o que é que está a acontecer, para eles se sentirem mais envolvidos.</p> <p>Temos uma reunião no início do ano (...) temos uma reunião de final de ano (...) um dia de atendimento (...).”</p> <p>Os pais dão “(...) recados (...)” mas “(...) muitas vezes telefonam-nos (...)”</p>
		D2	<p>“(...) temos reuniões, primeiro temos reuniões marcadas logo no início do ano que são as reuniões de final de cada período. (...) temos um dia de atendimento aos pais (...) E depois os pais estão informados que sempre que queiram falar comigo, sempre que sintam necessidade de falar comigo, é só falar que nós marcamos uma horinha (...) há o caderno dos recados (...) sempre que há um recado sempre que há qualquer coisa que seja necessária comunicar aos pais vai no caderninho de recados.”</p> <p>Os pais “(...) muitas vezes eles nem se dão ao trabalho de estar a escrever o recadinho no caderno, mas às vezes alguns ainda escrevem o recadinho. Mas a maior parte das vezes eles telefonam, telefonam para a escola e deixam recado. ”</p>
		D3	<p>“O contacto é estabelecido de várias formas, através do atendimento semanal de meia hora ao encarregado de educação, disponibilizei o meu contacto telefónico e (...) sempre que é necessário faz-se reunião geral de pais.”</p>

		D4	<p>“Através de caderneta, (aaa) através de contacto telefónico se (se) assim se justificar, email, (aaa) ou então aqui o maior contacto é feito aqui até às vezes na entrada, na saída em que os pais às vezes quando têm alguma coisa, algum problema, alguma coisa que precisam de mim pede para falar comigo, além do horário fixo que há todas as semanas para atendimento aos encarregados de educação.”</p> <p>Os pais contactam “(...) só quando normalmente precisam de alguma coisa, ou algum problema, de resto são poucos os que vêm simplesmente pedir informações sobre o desenvolvimento do filho ou... (aaa) o seu desenvolvimento pedagógico.”</p>
	Trabalho desenvolvido em parceria	D1	<p>“(…) nas reuniões pedimos sempre algumas opiniões, ou de atividades que os pais queiram dar para nós fazermos, realizarmos ao longo do ano também. (...) no natal também pedimos sempre a colaboração dos pais para os efeitos da unidade. Na sala (...) cada educadora também pede aos pais aquilo que entender.”</p>
D2		<p>“Há alguns projetos durante o ano letivo. (...)o livro que vai a casa, portanto já é uma forma de envolver os pais com a escola e os pais verem que trabalhamos as histórias e que damos importância à leitura. (Aaaa) e portanto de 15 em 15 dias sensivelmente, de 15 em 15 dias os meninos levam um livro para ler em casa com os pais. (...) Depois também foi lançado (ummmmm) projeto, que era os pais virem à escola falar de uma atividade que eles tivessem ou da sua profissão ou contar uma história, algo que os pais gostassem muito ou quisessem (aaa) falar com os seus filhos e com o grupo e pronto.</p> <p>Esse projeto não teve muita aderência (...)”</p>	
D3		<p>“(…) já desenvolvemos três atividades, nomeadamente apanha da azeitona, a feirinha de outono que os pais participaram com bens e com a presença e comprando (oooo) algumas coisas que se venderam para adquirir verbas para a escola e também depois na festa de natal, com o lanche partilhado.”</p>	

		D4	“(…) é sempre pedido aos pais a participação na escola (aaa) a nível (…) dos próprios educandos (…) atividades que são feitas a nível de escola para toda a comunidade educativa (…). Este ano (…) no final de cada período, foi pedido aos pais um pequeno trabalho em expressão plástica para decorar a escola (…) vêm aí o dia da família, portanto vai ser aberto à comunidade para virem à escola conhecer, brincarem um bocadinho com os próprios filhos (…) para eles também se sentirem pouco envolvidos nas atividades que os filhos fazem aqui na escola.”
	Projetos com a participação dos EE	D1	“(…) este ano (…) demos bolas, sinos, estrelas e depois cada pai enfeitou com uma mensagem de natal e nós colocamos na nossa árvore de natal. No dia da mãe também lembro de darmos às mães uma flor para elas também escreverem mensagens para decorarem essa flor, para ir para um placard. (…) na festa de final de ano (…) os pais são convidados a virem ao colégio (…) o dia da família que os pais são convidados para virem à escola. Este ano a fazer atividades no exterior com os filhos, portanto fizemos jogos, outros tipos de brincadeiras também. Muitos pais quiseram brincar com eles a jogar à bola, a fazerem rodas e tiveram essa possibilidade de verem como é que os filhos passam a manhã no jardim-de-infância e as brincadeiras que eles fazem, (…) pedimos aos pais uma mensagem para deixar no placard entrada (…)”
		D2	“Temos o caso do pai do “João” hoje veio aí fazer aquela plantação toda e disponibilizou-se para trazer aquilo tudo, foi muito bom, portanto um pai muito participativo.”
		D3	“(…) os presépios que foi a exposição, que acho que obteve imenso o êxito e foi tudo elaborado pelas famílias e pelos encarregados de educação dos alunos desta escola e tava (estava) fabuloso.”
		D4	“Sim, alguns.

			Foi pedido (...) para o natal e para a páscoa, a realização de um pequeno trabalho de expressão plástica (...). Cada vez que pedimos aos meninos material para fazer uma atividade qualquer aqui na escola é pedido aos pais que, também, na recolha desse material (...)"
	Estratégias para cativar os EE nesses projetos	D1	"Conversando (...) motivando dizendo que os filhos gostam e isso é muito importante quando nós dizemos "faça lá que o seu filhote gosta muito" (...)"
		D2	"Através do cativar os filhos, o cativar as crianças, as crianças envolverem-se nesses projetos e gostarem, faz com que eles puxem também pelos pais e que os pais queiram vir realmente mostrar que gostam, que participam, que dão atenção aos filhos, que valorizam a escola."
		D3	"(...) Cativamos sugerindo e eles aderem conforme a disponibilidade deles e o interesse."
		D4	"(...) as atividades que propomos tentam ser atividades que apelem (aaa) a que eles estejam com os filhos um bocadinho de tempo extra, sem ser o tempo de casa, sem ser o tempo normal (...) que eles (...) tenham uma oportunidade de estar com os filhos num sítio que é a escola, onde os filhos estão a maioria do tempo durante o dia (...)"
	Participação dos EE trás vantagens ou desvantagens	D1	"(...) eu encontro sempre vantagens, não estou a encontrar nenhuma desvantagem (...) o pai que participa na vida escolar do filho é sempre positivo e transmite-lhe muita confiança, transmite-lhe que as famílias ao participarem na vida escolar deles estão envolvidos cá dentro, pertencem a casa. Há muito maior confiança por parte da criança e também de receber os educadores e quem está com eles (...) se nós desde pequeninos habituarmos os pais a trabalharem com eles, também é uma vantagem dos pais mais tarde (...).Se calhar dos filhos envolverem um pouco a vida deles escolar mais tarde. Contar aos pais, dizer os seus problemas, as partes positivas que também tiveram no dia. (...) eu penso que o envolvimento dos pais é muito, até agora, até agora! (...)"
		D2	"(...) vejo vantagens em os pais participarem, os pais perceberem qual é (ooo) desenvolvimento dos seus filhos, quais as aprendizagens que estão a fazer naquele momento, (...) para que haja continuidade (...) Por exemplo nós tivemos o projeto da dieta mediterrânica

			<p>este ano (...) E os pais também se envolveram nesse projeto, vieram cá a formações que houve cá na escola que foram dadas por uma nutricionista (aaa). E portanto os pais sabiam o que é que nós estávamos a desenvolver, o que é que era a dieta mediterrânica, o que é que nós estávamos a valorizar no almoço das crianças, no lanche e colaboraram e realmente viu-se que houve uma alteração a nível do cuidado como os lanches. Diminuiu os doces (...) houve algum cuidado porque trabalhámos todos nesse sentido (...)</p> <p>(...) se os pais realmente (...) se envolverem diretamente (...) com os filhos, acho que sim, (...) que é sempre uma mais-valia (...)"</p>
		D3	<p>"(...) só encontro vantagens agora de momento, porque os filhos sentem-se acolhidos, sentem-se (aaa) que os pais estão presentes na vida académica deles e penso que isso é uma mais-valia para que eles se desenvolvam e adquiram novas competências e novos interesses. (...)"</p>
		D4	<p>"Eu acho que só há vantagens. Tanto para eles, como para nós.</p> <p>Porque nós sabemos que os meninos dentro da escola têm atitudes que... muito diferentes do que fora da escola, é um meio completamente diferente do meio de casa a (aaa) e é uma maneira de os ajudar a eles, porque eles às vezes revelam aqui sentimentos, medos, alegrias que não revelam em casa e vice-versa. (...) e se houver uma interação entre escola e família e uma partilha (aaa) acho que é muito mais saudável para aquela criança poder crescer (am) de uma forma mais saudável e (ee)... lá está com toda a gente que faz parte da sua vida (aaa) conhecer essa criança e poder ajudá-la no seu crescimento."</p> <p>"(...) Quando há participação, acho que há sempre algo de positivo a tirar, porque (...) há sempre essa partilha de preocupações, de alegrias, de (de) informações da criança por parte dos pais e por parte da escola (...)"</p>
	Dificuldades para o	D1	<p>"(...) às vezes os horários (...) eu não tenho tido razões de queixa, porque nós por vezes fazemos este envolvimento durante (aaa) manhã (aaa) e os pais vêm todos (...) Mas se se</p>

	envolvimento dos EE		calhar há muitos pais que se fosse noutra hora mais para a tarde envolveram-se mais mas como os meus pais têm vindo a todos não noto assim um problema que nos faça (...)"
		D2	"(...) vida profissional (...)"
		D3	"(...) às vezes (ooo) seu trabalho não facilita a vinda à escola (aaa) por diversas razões, desde os padrões, à distância em que trabalham relativamente às suas moradias e às escolas que os seus filhos frequentam. (...)"
		D4	"A sociedade em si (...) a vida, os horários, o emprego que é até mais tarde e a escola acaba por ter o mesmo horário dos pais (...) porque o próprio horário que têm não o permite. (...) Outros, não sei têm... porque são muito ocupados, porque não lhes apetece, porque a gente sabe por lei eles têm direito algum tempo legal para vir à escola a (aaa), mas (...) hoje em dia com os empregos e com a falta de emprego e as exigências que os padrões têm de sair e é muito complicado às vezes (...)"
	Dificuldades para o envolvimento dos docentes	D1	"(...) eu não acho que tenha (risos), eu não tenho muita dificuldade (...) Às vezes quando há problemas se calhar esse é o maior obstáculo, ou quando os pais querem por certas ideias nas escolas (...) Mas eu penso que conversando e tentando motivar os pais penso que todos vamos no bom caminho.(...)"
		D2	"Penso que nada."
		D3	"(...) penso que os docentes de modo geral têm vindo ao longo destes anos (aaa) abrir as suas salas de aulas, a sua escola à comunidade, às instituições envolventes do meio e nomeadamente os encarregados de educação da sua turma."
		D4	"(...) é só eles não estarem cá (...), porque se eles tiverem cá eu recebo-os (...) nós temos um horário próprio para receber os pais, mas a maior parte das vezes eu falo com os pais fora desse horário e muitas vezes se à alguma coisa que é preciso falar com eles e (eee) eu peço para eles virem à escola, eu sou a primeira a dizer, digam-me qual é o vosso horário, diga-me a que horas é que você pode cá vir, a que dia é que você pode cá vir. E nós vimos se

			conseguimos conciliar as coisas (...) tento sempre que seja um horário que o pai possa, (aaa) dentro do meu horário (...)"
Identificar estratégias e práticas desenvolvidas para favorecer a relação escola-família.	Atividades em que os EE participam	D1	"(...) se peço trabalhos eles envolvem-se todos (...) Eles, todos colaboraram e não noto, mesmo em reuniões vem sempre os pais todos e quando fazemos trabalhos, também os pais todos participam (...)"
		D2	"(...) eu acho que eles se envolvem um bocadinho em todas as atividades, desde que eles vejam realmente que os filhos estão interessados nessas atividades (...). Mas há sempre aqueles pais que têm alguma dificuldade ou por disponibilidade de tempo, porque o horário do jardim-de-infância coincide com o horário de trabalho dos pais (...). E às vezes não é muito fácil coordenar essas coisas (...). (...) infelizmente são só alguns pais que participam na vida escolar dos filhos."
		D3	"Os pais de um modo geral, nomeadamente na escola onde eu estou este ano, noto que eles têm uma preferência por determinadas épocas festivas (aaa) nomeadamente o natal, o carnaval e o final do ano letivo. "
		D4	"(...) atividades que não incluam eles terem de se deslocar à escola (...). Atividades que sejam pedidas para fazer em casa e que depois sejam simplesmente trazidas para a escola a (aaa)... os resultados pelos filhos, porque atividades em que eles tenham que vir à escola mesmo, fisicamente, é complicado. Eles depois aparecem, alguns sempre como é lógico, mas tirando o início do ano que é a primeira vez, quando começam as aulas, e a festa final de ano se calhar a (aaa), pelo meio é complicado nós termos uma aderência dos pais (...)"
	Reação aos EE que não participam	D1	"Tento motivá-los (...) Não tenho muito essa situação na minha sala, mas se tivesse, ai teria de conversar com eles. Motivava-os, tentava trazê-los, tentava fazer vê-los que os filhos gostavam. E nestes encontros mesmo assim acho que nós temos, eu tento sempre fazer algo e os pais já sabem vamos fazer algo para dar depois aos filhos e se eles não vierem, depois dos filhos ficam sem essa situação. (...) Penso que temos que motivar sem medos e envolvê-

		los cada vez mais e sempre com coisas novas, com experiências novas para eles ficarem muito entusiasmados e não cairmos numa rotina, e numa repetição de (de) atividades (...)"
	D2	"(...) às vezes pode ser um bocadinho a puxá-los, às vezes até dou-lhe assim um, digamos, abanãozinho, assim a puxá-los a ver se eles para no próximo período, no período seguinte eles participam mais um bocadinho."
	D3	"Tento comunicar-lhes que realmente é necessário a presença deles (...)"
	D4	"(...) nós tentamos que eles venham e pedir que eles participem (...) Por mais que uma pessoa a pele e vai o recado para casa, e vai haver esta atividade e vai haver aquela atividade e puxamos pelos miúdos, digam aos pais (...) mas (...) é complicado."

Após a análise detalhada podemos perceber que os inquiridos na primeira subcategoria não são consensuais, uma vez que a D1 refere que todos os pais são participativos, ao contrário das restantes docentes. Em que só apenas alguns pais participam.

Na subcategoria "Meios para comunicar" todas as docentes enviam recados para os EE através dos meios disponíveis, mas só uma considera uma pequena conversa com os pais em primeiro lugar. Também Marques (2001) defende o diálogo entre docentes e EE como o primeiro passo a ser dado.

Na terceira e na quarta subcategoria os inquiridos estão em consenso, ou seja, os trabalhos que são desenvolvidos com os pais são para que estes participem em trabalhos para as escolas. Apenas a D2 realiza um projeto em que os pais contribuem para o desenvolvimento das aprendizagens das crianças como Marques (1991) e Sílvia et al. (2016) mencionam nas vantagens que estão presentes neste Relatório.

Relativamente às vantagens e desvantagens desta relação, as docentes são consensuais e afirmam que só têm vantagens. As justificações centram-se nas crianças conseguirem realizar mais aprendizagens, como refere Sílvia et al, 2016. A D4 vai mais longe e para além dessa vantagem, menciona outra indo ao encontro de Villas-Boas (2001), no que diz respeito aos EE e os docentes ajudarem-se mutuamente.

No que diz respeito às dificuldades para o envolvimento dos EE as docentes são consensuais e apontam como principal causa a vida profissional dos pais. Como Marques (2001) refere são EE que tendem a colocar mais responsabilidade nos docentes, acabando por exigir mais dos mesmos. Em contrapartida os docentes entrevistados não sentem dificuldades no envolvimento com os pais, pois todas têm horário de atendimento para os EE, mas eles não comparecem, o que vai de encontro ao obstáculo que Carvalho et al. (2006) referem, em que as escolas não proporcionam horários compatíveis com os EE..

4. Reflexão Final

Esta investigação permitiu-nos retirar algumas conclusões, principalmente nos diferentes níveis de ensino.

Segundo as crianças entrevistadas os EE conversavam poucas vezes com os docentes, no entanto participavam nos projetos da instituição. Assim que lhes era pedido um exemplo, a maior parte não sabia responder. Ao princípio pensámos que como eram crianças pequenas não retinham tão facilmente todos os projetos. No entanto quando entrevistámos as crianças do 1º ciclo reparámos que também tinham alguma dificuldade em lembrar-se.

A maioria dos EE sentiram-se satisfeitos com o seu envolvimento na vida escolar do seu educando e consideravam estar a par de todas as atividades que eram desenvolvidas com os educandos.

Quanto aos docentes referiram que tentaram envolver os EE na vida escolar dos filhos, no entanto na valência do pré-escolar, mais concretamente em creche, a docente referiu vários projetos onde pediu o envolvimento dos pais. Enquanto no JI e na valência do primeiro ciclo os docentes concentraram-se mais nas reuniões e nas épocas festivas. Para além de pedir o envolvimento dos pais, a docente da creche era a única que pedia ideias de projetos que os EE gostassem que os educandos desenvolvessem.

No entanto o trabalho que era desenvolvido entre os EE e os docentes era apenas no acompanhamento dos trabalhos e nos projetos das instituições. Em que os EE apenas produziam o que os docentes solicitavam, não tendo “voz ativa” na planificação e discussão do mesmo.

Todos os EE e docentes referem que só existiam aspetos positivos nesta relação, uma vez que era importante que as duas entidades conversassem sobre os educandos. Embora a maior parte dos EE só se deslocassem à escola para ir colocar ou buscar o seu educando, ou para ir a reuniões, ou quando eram chamados. Os docentes, também, só comunicam com os EE nestas mesmas alturas, não existindo um diálogo na promoção de mais envolvimento dos EE nos projetos das escolas.

No que diz respeito às dificuldades sentidas, uns referiam que não sentiam dificuldades, outros diziam que eram os poucos meios que as instituições possuíam, assim como a pouca disponibilidade para os EE entrarem na escola com mais frequência para a realização das atividades. Em contrapartida para os docentes as dificuldades para o EE não se envolverem mais na vida escolar dos educandos era a vida profissional. O que vai de encontro ao que Marques (2001) afirma em que os pais que participavam nas reuniões eram os que tinham uma vida profissional mais ativa, acabando por não ter muito tempo para os educando, o que ia fazer com os EE depositem mais responsabilidades nos docentes.

Do ponto de vista dos docentes, estes não sentiam qualquer dificuldade no envolvimento com os EE, porque todos eles tinham um horário para atendimento aos EE, estes é que não compareciam. Este é um dos obstáculos que Carvalho et al. (2006) referem

em que as escolas não proporcionam horários de atendimento adequados aos EE. Pois todos os momentos de atendimentos eram durante os horários de trabalho dos EE.

Visto isto consideramos que os pais eram mais envolvidos e envolviam-se mais quando os educando eram mais pequenos. Uma vez que quando começavam a progredir nos níveis de escolaridade tendia a existir um afastamento da relação escola-família.

Considerações Finais

Este trabalho é o reflexo do trabalho de dois anos, ao longo do Mestrado de Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico e mostra os conhecimentos adquiridos ao longo do nosso percurso.

Ao longo de todo este trabalho foram muitos os desafios com que nos deparámos e que contribuíram para o nosso crescimento. Tentámos sempre ir de encontro aos projetos educativos das escolas, proporcionando atividades que fossem ao encontro dos objetivos definidos. Sempre que possível tentávamos que as crianças trabalhassem em colaboração, de modo a que conseguissem partilhar as ideias.

Promovemos, também, a interdisciplinaridade de modo a que as crianças contactassem com diferentes atividades em diversos momentos, tentando não compartimentar nada.

Outra das nossas preocupações foi a realização da pedagogia diferenciada, sempre que possível, de modo a respeitar o tempo de cada criança.

Quanto à integração nas comunidades escolares e com as famílias foi pautado pelo respeito e pela interação, sempre que possível, de modo a criar um ambiente de aprendizagem. Participámos em alguns projetos, reuniões e visitas ao exterior com as crianças.

Quanto ao desenvolvimento profissional foi marcado pelas aprendizagens realizadas no Mestrado e na Licenciatura, mas também ao longo dos estágios. Todos eles foram marcados pelas reflexões sucessivas acerca da prática, nunca esquecendo de integrar as aprendizagens realizadas anteriormente. O que permitiu um maior desenvolvimento profissional e pessoal.

As dificuldades encontradas ao longo deste processo foram várias, começando pelas docentes convidadas a realizar a entrevista, que se mostraram muito disponíveis para a realização da mesma, mas quando souberam do tema mostraram-se um pouco reticentes. Falámos com as mesmas sobre os objetivos e explicámos-lhes melhor no que consistia o trabalho, referindo também que as entrevistas seriam gravadas mas todos os dados seriam confidenciais, mantendo assim o anonimato. Após a conversa ficaram mais tranquilas e realizaram a entrevista. Outra dificuldade foi a não colaboração de alguns EE para a realização da entrevista, mesmo com tudo explícito na autorização. Em contrapartida houve EE que aceitaram de imediato realizar a mesma.

Para concluir, o presente trabalho contribuiu para a nossa prática futura, enquanto educadoras e professoras do 1º Ciclo do Ensino Básico na medida em que percebemos a importância do papel dos pais na vida escolar dos filhos. Esta investigação fez-nos perceber o quanto é importante a colaboração de todos na vida escolar da criança, pois assim conseguiremos mais facilmente ajudar as crianças nos seus problemas e a ultrapassar as suas dificuldades, do que se trabalharmos de forma individual. Esta investigação fez com que

percebemos o que está de errado nas escolas, os papéis que devemos e não devemos adotar face à família.

Referências

- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação: Um guia prático e crítico*. Lisboa: Edições ASA.
- Bell, J. (1997). *Como Realizar Um Projeto De Investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Brazelton, T. B. (1995). *O grande livro da criança*. Lisboa: Editorial Presença.
- Cardona, M. J. (coord.) , Piscalho, I., & Uva., M. (2011). O envolvimento das famílias e da comunidade. Em C. Nogueira, C. Viera, I. Piscalho, M. J. (coord.), M. Uva, & T. C. Tavares, *Guião de Educação Género e Cidadania: 1º ciclo do ensino básico* (pp. 101-105). Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Carvalho, C., Boléo, M., Nunes, T., & Lisboa, B. d. (2006). *Cooperação Família-Escola*. Lisboa: ACIME.
- Cavalcante, R. S. (Sem data). Colaboração entre pais e escola: educação abrangente. Obtido de <http://www.scielo.br/pdf/pee/v2n2/v2n2a09>
- Coelho, C. L. (1984). Frustração e Agressão. Em C. L. Coelho, *Locus de Controle e Reação a Frustração* (pp. 6-16). Rio de Janeiro.
- Davies, D. (1994). *Parcerias Pais - Comunidade - Escola. Três mensagens para professores e decisores políticos*. Inovação.
- Davies, D., Fernandes, J. V., Soares, J. C., Lourenço, L., Costa, L., Villas-Boas, M. A., . . . Lima, R. (1989). *As Escolas e as Famílias em Portugal: Realidade e perspectivas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Duffy, B. (2008). *Supporting creativity and imagination in the early years*. Berkshire. Mc Graw-Hill.
- Epstein, J. L. (1984). *School Policy and Parent Involvement: research results*. London: Educational Horizons.
- Epstein, J. L., Sanders, M. G., Simon, B. S., Salinas, K. C., Jansorn, N. R., & Voorhis, F. L. (2002). *School, Family, and Community Partnerships: Your Handbook for Action*. Obtido de U.S. Government Publishing Office: Keeping America Informed: <https://www.gpo.gov/fdsys/pkg/ERIC-ED467082/pdf/ERIC-ED467082.pdf>
- Garcia, J. (2012). O futuro das práticas de interdisciplinaridade na escola. *Revista Diálogo Educacional*, 12, nº 35, 212-232. Curitiba. Obtido de <http://www.redalyc.org/html/1891/189123706011/>

- Gomes, C. S., Brocardo, J. L., Pedroso, J. V., Carrillo, J. L., Ucha, L. M., Encarnação, M., . . . Rodrigues, S. V. (fevereiro de 2017). Perfil dos alunos à saída da Escolaridade Obrigatória. Obtido de https://dge.mec.pt/sites/default/files/Noticias_Imagens/perfil_do_aluno.pdf
- Grosso, M. J., Tavares, A., & Tavares, M. (2008). *O Português para Falantes de Outras Línguas: O utilizador elementar do país de acolhimento*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Guilhardi, H. J. (2002). Auto-estima, autoconfiança e responsabilidade. Instituto de Análise de Comportamento e Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento. Obtido de http://www.gracielahosel.com.br/textos/Autoestima_Autoconfianca_e_Responsabilidade.pdf
- Homem, M. L. (2002). Fatores que interferem na participação dos pais na escola. Em M. L. Homem, *O Jardim de Infância e a Família: As Fronteiras da Cooperação* (pp. 59-65). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Marques, R. (junho de 1989). Obstáculos ao envolvimento dos pais nas escolas. *Revista ESES, Nº1*, pp. 43-59.
- Marques, R. (1991). *A Escola e os Pais: Como Colaborar?* Lisboa: Texto Editora.
- Marques, R. (2001). *Educar com os pais*. Lisboa: Editorial Presença.
- Ministério da Educação. (Sem data). Organização Curricular e Programas Estudo do Meio - 1º Ciclo do Ensino Básico.
- Müller, L. d. (novembro de 2002). *A interação professor - aluno no processo educativo*. Obtido de https://www.usjt.br/proex/arquivos/produtos_academicos/276_31.pdf
- Nunes, T. P. (Sem Data). A Colaboração Escola-Família no Pensamento Actual. Orientações Normativas. Em T. P. Nunes, *Colaboração Escola-Família para uma escola culturalmente heterogénea*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.
- Pacheco, J. A. (2002). *Critérios de Avaliação na Escola*. Minho, Portugal: Universidade do Minho.
- Ponte, J. P. (2002). Investigar a nossa própria prática. In *GTI (Org), Refletir e investigar sobre a prática profissional*, 5-28. Lisboa: APM.
- Reis, M. P. (2008). *A Relação Entre Pais E Professores: Uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Departamento De Didática De La Lengua Y La Literatura. (Tese de Doutoramento) Universidade De Málaga.

- Rocha, H. M. (2006). *O Envolvimento Parental e a Relação Escola-Família*. (Dissertação de Mestrado), Universidade de Aveiro, Departamento de Ciências da Educação, Aveiro.
- Royé, D., Vázquez, J. A., Otón, M. P., Mantiñán, M. J., & Díaz, M. V. (outubro, 2012). XIII Coloquio Ibérico de Geografía. *Respuestas de la Geografía Ibérica a la crisis actual*, (pp. 1680-1687). Santiago de Compostela.
- Segurança Social. (Sem data). *Manual de Processos-Chave: Creche*. Obtido de Segurança Social: http://www.seg-social.pt/documents/10152/13337/gqrs_creche_processos-chave
- Serrano, P., & Luque, C. d. (2015). *A Criança e a Motricidade Fina: Desenvolvimento, Problemas e Estratégias*. Lisboa: Papa-Letras.
- Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Lisboa: Ministério da Educação / Direção-Geral da Educação (DGE). Obtido de <http://www.dge.mec.pt/ocepe/>
- Tomlinson, C., & Allan, S. (2002). *Liderar Projecto de Diferenciação Pedagógica*. Porto: ASA Editores.
- Toscano, P. C. (2012). *Acompanhamento do Professor Principiante em Sala de Aula: Estudo Caso*. Escola Superior de Educação João de Deus.
- Viana, F., & Ribeiro, I. (2014). *Falara, Ler e Escrever: Propostas integradora para jardim de infância*. Carnaxide: Santillana.
- Villas-Boas, M. A. (2000). A sobreposição de esferas de influência. Em M. A. Villas-Boas, *A Parceria entre a Escola, a Família e a Comunidade: Reuniões de Pais* (pp. 5-12). Lisboa: Departamento de Avaliação Prospectiva e Planeamento do Ministério da Educação.
- Villas-Boas, M. A. (2001). A Relação entre a Escola e a Família. Em M. A. Villas-Boas, *Escola e Família: Uma Relação Produtiva de Aprendizagem em Sociedades Multiculturais* (pp. 82-98). Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Zabalza, M. (1994). Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola. *Teoria e Desenvolvimento Curricular - A escola como cenário de Operações Didáticas*. Porto: Edição ASA.
- Zenhas, A. (Sem data). Ozarfaxinars - O Papel dos Pais na Escola, nº 18. "Porquês" e "comos" de uma relação família-escola. Matosinhos: e-revista ISSN 1645-9180.

Legislação consultada

Constituição da República Portuguesa, aprovada em 2 de abril de 1976

Decreto-Lei 7/77, de 1 de fevereiro

Despacho normativo 122/79, de 1 de junho

Decreto-Lei nº 315/84, 28 de setembro

Decreto-Lei nº 46/86 de 14 de outubro. Diário da República, I Série – Número 237 – terça-feira 14 de outubro de 1986

Decreto-Lei n.º 372/90, 27 de novembro

Decreto-Lei nº 147/97 de 11 de junho. Diário da República, I Série – A – Nº 133 – 11-6-1997

Decreto-Lei nº 115-A/98, de 4 de maio. Diário da República, I Série – A – Nº 102 – 4-5-1998

Decreto-Lei n.º 30/2002, de 20 de dezembro

Decreto-Lei n.º 74/2008 de 22 de abril. Diário da República, I Série – Nº 79-22 de abril de 2008

Decreto-Lei nº 281/2009, 6 de outubro. Diário da República, 1.ª série — N.º 193 — 6 de Outubro de 2009

Decreto-Lei nº 39/2010, de 02 de setembro

Anexos

Anexo I – Pedido de autorização para entrevistar as crianças

Exmo(a) Encarregado de Educação

A estagiária Helena Brites do 2º ano do Mestrado de Educação Pré – Escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior Educação de Santarém, vem por este meio solicitar a vossa autorização para entrevistar o(a) vosso(a) educando(a) para o trabalho final, cujo tema é “A relação entre encarregados de educação e educadores de infância/professores do 1º ciclo do ensino básico”. Durante a entrevista a voz dos intervenientes será gravada.

O trabalho está devidamente enquadrado e supervisionado pelo orientador da Escola Superior de Educação, professor doutor Ramiro Marques.

No âmbito deste pedido, garante-se a total preservação da privacidade e confidencialidade dos dados relativos à criança, não sendo utilizados quaisquer dados que possam conduzir à sua identificação.

Com as mais cordiais saudações.

Santarém, ___de maio de 2018

A estagiária

(Helena Brites)

✂

Eu, _____, encarregado de Educação do(a) aluno(a) _____, li e compreendi este documento.

Autorizo a entrevista ao meu educando/a

Não autorizo a entrevista ao meu educando/a

Assinatura do Encarregado de Educação

____ / ____ / _____

Anexo II – Pedido de autorização para entrevistar os EE

Exmo(a) Encarregado de Educação

A estagiária Helena Brites do 2º ano do Mestrado de Educação Pré – Escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior Educação de Santarém, vem por este meio solicitar a vossa colaboração numa entrevista para o trabalho final, cujo tema é “A relação entre encarregados de educação e educadores de infância/professores do 1º ciclo do ensino básico”. Durante a entrevista a voz dos intervenientes será gravada.

O trabalho está devidamente enquadrado e supervisionado pelo orientador da Escola Superior de Educação, professor doutor Ramiro Marques.

No âmbito deste pedido, garante-se a total preservação da privacidade e confidencialidade dos dados, não sendo utilizados quaisquer dados que possam conduzir à sua identificação. Com as mais cordiais saudações.

Santarém, ___de maio de 2018

A estagiária

(Helena Brites)

✂
.....

Eu, _____, encarregado de Educação do(a) aluno(a) _____, li e compreendi este documento.

Participo na entrevista

Disponibilidade: _____

Não participo na entrevista

Assinatura do Encarregado de Educação

____ / ____ / _____

Anexo III – Guião de entrevista às crianças

Objetivos:

- Conhecer a perspetiva da criança face ao trabalho que é desenvolvido entre a escola e a família e vice-versa.
- Compreender a opinião das crianças face a esse trabalho.
- Identificar atividades que sejam potencializadoras do trabalho entre escola-família.

Categories	Objetivos Específicos	Questões	Questões secundárias
1. Identificação	- Conhecer o percurso escolar do aluno	1.1. Quantos anos tens? 1.2. Andas em que sala/ano de escolaridade?	
2. Relação escola-família	- Compreender qual o nível de importância e as perspetivas das crianças sobre o envolvimento parental	2.1. Gostas de andar na escola? 2.2. Quem te vem buscar à escola/colégio?	2.1. O que gostas mais de fazer na escola/colégio?
	- Conhecer as perspetivas das crianças sobre o envolvimento parental dos pais na escola	2.3. A educadora/professora pede para fazeres atividades com os teus pais? 2.4. Quando levas essas atividades para casa, o que é que os pais te dizem? 2.5. Os teus pais ajudam-te a fazer as atividades da escola/colégio? 2.6. Os teus pais perguntam-te como correu o teu dia? 2.7. Os teus pais falam com a tua educadora/professora? 2.8. Como reages quando os teus pais te vão por à escola? Gostas que eles te vão por à escola?	2.3. Quais? Lembras-te de algumas? 2.4. Porquê? 2.5. Se não fizeres com eles as atividades, tens alguém que te ajude? 2.7. Falam muitas ou poucas vezes? Só falam na reunião? 2.8. Porquê?

		2.9. A tua educadora/professora já fez algum projeto que envolvesse os teus pais? 2.10. Os teus pais dão sugestões de atividades à tua educadora?	2.9. Qual? Podes explicar? 2.10. Quais?
--	--	--	--

Anexo IV – Transcrição das entrevistas das crianças

E: Olá meninos, eu vou-vos fazer umas perguntas sobre a relação que existe entre os vossos pais e a vossa educadora. Estas perguntas vão-me ajudar num trabalho que tenho de fazer para a escola. Está bem?

Criança (C) 1: Sim.

C2: Sim.

C3: Sim.

(Risos)

E: Então, quantos anos tens?

C1: 4.

C2: 4.

C3: 4.

E: Andas em que sala/ano de escolaridade?

(Silêncio)

C1: Jardim-de-Infância.

E: Boa!

C2: No Jardim-de-Infância.

E: E tu?

C1: Ouvistes?... Tu não sabes!

C1: Sabes?

E: Queres responder?

C1: Andas no o.

C3: No o? Não é nada.

(Risos)

E: Então andas no?

C3: Na escola.

E: Sim, mas andas na sala do?

C1: Jar...

C3: Jardim.

E: Muito bem. Então digam-me uma coisa gostam de andar na escola?

C1: Sim.

C2: Sim.

C3: Sim.

E: O que gostas mais de fazer na escola/colégio?

C1: Brincar.

C2: Comer.

C3: E comer (risos).

E: Quem te vem buscar à escola/colégio?

C1: É a avó, a mãe está... avó vem buscar a mim.

C2: Um qualquer.

C3: O pai.

E: A educadora/professora pede para vocês fazerem atividades com os teus pais?

C1: Sim.

C2: Sim.

C3: Não.

E: Quais? Lembras-te de algumas?

(Silêncio)

E: Quais são as atividades?

C1: (Aaaaaaa) não me lembro.

E: Não te lembras?! Então e tu? Quais são as atividades?

C2: Não me lembro.

C3: ---

E: Quando levam essas atividades para casa, o que é que os pais dizem?

C1: A mãe diz se nos portarmos mal vamos pá (para a) cama.

E: É? Então e tu?

C2: Não me lembro.

C3: O meu pai, eu... Não me lembro.

E: Os teus pais ajudam-te a fazer as atividades do colégio?

C1: Sim.

C2: Sim.

C3: Sim.

E: E os teus pais perguntam-te como correu o teu dia?

(Silêncio)

C1: Sim.

C2: Sim, eu falo muito com o meu pai.

C3: Sim, eu falo com a minha mana. A minha mãe chama-se "Patrícia".

E: Os vossos pais falam com a tua educadora/professora?

C1: Sim.

C2: Sim.

C3: Sim.

E: Falam muitas ou poucas vezes? Só falam na reunião?

C1: Ó domingo.

E: Oh domingo?

C1: Sim, o pai é para mim aos domingos. Eles falam poucas vezes.

C2: Não respondeu.

C3: Falam com a educadora à noite.

E: À noite? E costumam falar muitas ou poucas vezes?

C3: Poucas vezes.

E: Como reages quando os teus pais te vão por à escola? Gostas que eles te vão por à escola?

C1: Fico feliz, sim, sim, sim.

C2: Sim.

C3: Feliz. Sim.

E: Porquê?

C1: Porque eu gosto muito do meu pai.

C2: Porque eu gosto muito do pai e gosto que ele às vezes me venha buscar à escola.

C3: Porque gosto do pai.

E: A tua educadora/professora já fez algum projeto que envolvesse os teus pais?

C1: Sim.

C2: Sim, eu.

E: Tu?

C2: Não.

C3: Sim.

E: Qual? Podes explicar?

C1: Não me lembro. Au! Os cabides estão me aleijar.

C2: Não me lembro.

C3: Uma pedra...

E: Os teus pais dão sugestões de atividades à tua educadora?

C1: Sim.

C2: Sim.

C3: Sim.

E: Quais?

(Silêncio)

C2: Eu não me lembro.

E: E tu?

C1: (Risos) Também não me lembro.

C3: Não respondeu.

E: Olá meninos, eu vou-vos fazer umas perguntas sobre a relação que existe entre os vossos pais e a vossa educadora. Estas perguntas vão-me ajudar num trabalho que tenho de fazer para a escola. Está bem?

C4: Sim.

C5: Sim.

C6: Sim.

E: Então, quantos anos tens?

C4: (Aaaa) tenho 5.

C5: 5.

C6: 5. Tenho 5.

E: Andas em que sala/ano de escolaridade?

(Silêncio)

C4: (Aaaaa) Na sala da “Rita”.

C5: N

E: E a “Rita” é vossa quê?

C5: É nossa professora.

C6: Na sala da “Rita”.

E: Gostas de andar na escola?

C4: Sim.

C5: Sim.

C6: Sim.

E: O que gostas mais de fazer na escola/colégio?

C4: Brincar com caixa laranja.

C5: Brincar no computador.

C6: Brincar na casinha.

E: Quem te vem buscar à escola/colégio?

C4: Os pais.

C5: Os pais.

C6: Os pais.

E: A educadora/professora pede para fazeres atividades com os teus pais?

C4: Sim.

C5: Sim.

C6: Sim.

E: Quais? Lembras-te de algumas?

C4: (Aaaaa)

(Silêncio)

E: Lembram-se?

C4: Não me lembro.

C5: Não me lembro.

C6: Não me lembro.

E: Quando levas essas atividades para casa, o que é que os pais te dizem?

C4: Muito prazer.

C5: Muita giro.

C6: Muito giro.

E: Porquê?

C4: Não respondeu.

C5: Não respondeu.

C6: Não respondeu.

E: Os vossos pais ajudam-te a fazer as atividades da escola/colégio?

C4: Sim.

C5: Sim.

C6: Sim.

E: Os vossos pais perguntam-te como correu o teu dia?

C4: Sim.

C5: Sim.

C6: Sim.

E: Os teus pais falam com a tua educadora/professora?

C4: Sim.

C5: Sim.

C6: Sim.

E: Falam muitas ou poucas vezes? Só falam na reunião?

C4: Poucas.

C5: Poucas.

C6: Poucas.

(Pausa)

E: Como reages quando os teus pais te vão por à escola? Gostas que eles te vão por à escola? Ficas feliz? Ficas aborrecida? Como é que ficas?

C5: Contente.

C4: Fico contente.

C6: Contente. Eu gosto que os pais me levem à escola.

E: Porquê?

C4: Porque, porque eu vou para a escola.

C5: Porque eles me levam de carro.

C6: Eu gosto que os meus pais me vão por à escola, porque vou de carro.

E: A tua educadora/professora já fez algum projeto, alguma atividade que envolvesse os vossos pais?

C4: Sim.

C5: Sim.

C6: Sim.

E: Qual? Podem explicar?

C4: Não me lembro de nenhuma.

C5: Não me lembro.

C6: Não me lembro.

E: Os vossos pais dão algumas sugestões de atividades à tua educadora?

C4: Sim.

C5: Sim.

C36: Sim.

E: Quais?

(Silêncio)

C4: Não me lembro.

C5: Não me lembro.

C6: Não me lembro.

E: Olá meninos, eu vou-vos fazer umas perguntas sobre a relação que existe entre os vossos pais e a vossa educadora. Estas perguntas vão-me ajudar num trabalho que tenho de fazer para a escola. Está bem?

C7: Sim.

C8: Sim.

C9: Sim.

E: Então, quantos anos tens?

C7: 6.

C8: 6.

C9: 6.

E: E andam em que sala/ano de escolaridade?

(Silêncio)

C7: Infantário.

C8: Vou para o 1º ano.

E: Mas atualmente andas no?

C8: Ainda estou no infantário.

C9: Infantário.

E: Gostas de andar na escola?

C7: Sim.

C8: Sim.

C9: Sim.

E: O que gostas mais de fazer na escola/colégio?

C7: Gosto de brincar com todos os meus amigos.

C8: Brincar com todos os meus amigos e brincar nas áreas.

C9: Brincar.

E: Quem é que costuma vir buscar-vos à escola?

C7: Avó.

C8: Avó e a avó.

C9: Carinha, carrinha do “Sebastião”.

E: A educadora/professora pede para fazeres atividades com os teus pais?

(Silêncio)

C7: Não.

C8: Nunca.

C9: Não.

E: Quando levas essas atividades para casa, o que é que os pais dizem?

C7: Giro.

C8: Muito giro.

C9: Maravilhoso!

E: Porquê?

C7: Porque fazemos coisas muito giras para eles.

C8: Os meus pais adoram que eu faça coisas super giras para eles.

C9: Que eu faço coisas originais.

E: Os vossos pais ajudam-vos a fazer as atividades da escola/colégio?

C7: Sim.

C8: Sim, imenso

C9: Sim.

C8: Imenso yoga.

E: Han?

C8: A minha mãe faz imenso yoga.

E: Sim, mas ela ajuda-te nas atividades do colégio?

C8: Sim, imenso, sim.

E: Os vossos pais perguntam-vos como correu o teu dia?

C7: Sim.

C8: Todos os dias.

C9: Muito dia.

E: Os teus pais falam com a tua educadora/professora?

C7: Não.

C8: Sim.

C9: Sim.

E: Falam muitas ou poucas vezes? Só falam na reunião?

C7: ---

C8: Poucas.

C9: (Hm) algumas.

E: Então falam só na reunião, ou também falam fora da reunião?

C8: Reunião e algumas vezes fora da reunião.

C9: Reunião e o mesmo.

C8: E os festivais também.

E: Como reagem quando os teus pais te vão por à escola? Gostas que eles te vão por à escola?

C7: Ou avós?!

E: Sim, ou avós.

C7: Gosto, fico contente. E às vezes vou buscar o meu primo e fico feliz.

C8: Mega adoro quando são as sextas da avó "Beta".

C7: E às vezes vou buscar o meu primo e fico feliz.

C9: Um máximo. Ótimo.

E: Porquê?

C7: Porque eu estou contente por vê-lo.

C8: O mesmo que a C1.

C9: O mesmo que a C2 e que C1.

E: A tua educadora/professora já fez algum projeto que envolvesse os teus pais?

(Silêncio)

C7: Não.

C8: Não.

C9: Sim!

E: Qual? Podes explicar?

C7: ---

C8: ---

C9: Não me lembro.

E: Os vossos pais dão sugestões de atividades à vossa educadora para vocês fazerem?

(Silêncio)

C7: Sim.

C8: Super mistério.

C7: Mistério quer dizer que ele não sabe mesmo.

E: Ah, ok. E tu?

C9: O mesmo que C7.

E: Quais?

C7: Ajudam-me a fazer... a ler o livro.

E: E foi o teu pai que deu a sugestão que o livro seria uma boa atividade para fazer?

C7: Hm, não sei

C8: ---

C9: ---

E: Olá meninos, eu estou a fazer um trabalho para a minha escola e vou-vos fazer umas perguntas sobre a relação que existe entre os vossos pais e a vossa professora. Pode ser?

C10: Sim.

C11: Sim.

C12: Sim.

E: Quantos anos tens?

C10: 6.

C11: 6.

C12: 6.

E: Andam em que ano de escolaridade?

C10: O que é isso?

C11: 1º ano.

C10: (Aaa) 1º ano.

C12: 1º ano.

E: Gostas de andar na escola?

C10: Sim.

C11: Sim.

C12: Sim.

E: O que gostam mais de fazer na escola?

C10: De brincar.

C11: (Hm) brincar.

C12: Brincar com os amigos e fazer jogos.

E: Quem vos vem buscar à escola?

C10: (Silêncio) A minha mãe.

C11: A minha mãe e o meu pai, às vezes é a minha mãe e outras é o meu pai.

C12: A mãe de vez em quando, quando o carro da mãe está avariado é o avô e a avó.

E: A professora pede para fazerem atividades com os vossos pais?

C10: Sim.

C11: Sim.

C12: Não.

E: Quais? Lembras-te de alguma?

C10: Não.

C11: O projeto de.... Não me lembro. O projeto de.... O projeto do....

E: Do presépio?

C11: Sim do presépio.

C12: ---

E: Quando levas essas atividades para casa, o que é que os pais te dizem?

C10: Dizem se eu estou boa, se eu estou má.

C11: Não sei, depende do que a minha mãe fala, às vezes ela muda.

C12: ---

E: Porquê?

C10: ---

C11: ---

C12: ---

E: Os vossos pais ajudam-vos a fazer as atividades da escola?

C10: Sim.

C11: Sim.

C12: Sim.

E: Se não fizerem com eles as atividades, têm alguém que vos ajude?

C10: Sim, o meu avô.

C11: Se eles não tiverem lá, (hm) não. Quando a minha mãe está a tomar banho ela para o banho e ajuda-me.

C12: Não, só se for a minha avó, se estiver na casa dela e a mãe for se embora.

E: Os vossos pais perguntam-vos como correu o dia?

C10: Sim.

C11: O meu pai é um repetitivo, quando ele fala ele volta a falar outra vez, ele é um repetitivo.

E: Mas eles perguntam-te como é te correu o dia?

C11: Sim.

C12: Sim, a minha mãe.

E: Os vossos pais falam com a professora?

C10: Sim.

C11: Falam.

C12: De vez... é as auxiliares de vez em quando. De vez em quando, quando a professora vai-se embora, fala com a mãe.

E: Falam muitas ou poucas vezes? Só falam na reunião?

C10: (Aaaa) poucas vezes. Só falam na reunião.

C11: Poucas, poucas.

C12: Poucas.

E: Como reages quando os teus pais te vão por à escola? Gostas que eles te vão por à escola?

C10: Reago bem, eu gosto.

C11: Reago feliz.

C12: Feliz.

E: Porquê?

C10: Porque eu gosto de os ver.

C11: Porque eu vou brincar com os meus colegas e vou fazer lição, também.

C12: Porque eu gosto muito da cidade e da escola. E gosto do meu pai e da minha avó, da minha mãe e do meu avô.

E: A vossa professora já fez algum projeto que envolvesse os teus pais?

C10: Não.

C11: Não sei.

C12: Não.

E: Qual? Podes explicar?

C10: ---

C11: ---

C12: ---

E: Os vossos pais dão sugestões de atividades à professora?

C10: Sim.

C11: A minha não sei se ela fala, ela não fala para mim.

C12: Não.

E: Quais?

C10: Não me lembro.

C11: ---

C12: ---

E: Obrigada pela ajuda.

C12: De nada.

E: Olá meninos, esta entrevista está inserida no trabalho cujo nome é “A relação entre os encarregados de educação e os professores/educadores” que vai integrar o meu trabalho final. Todos os dados que serão falados serão confidenciais.

E: Quantos anos tens?

C13: 10.

C14: 10.

C15: 10.

E: Andam em que ano de escolaridade?

C13: 4º ano.

C14: 4º.

C15: 4º.

E: Gostas de andar na escola?

C13: Sim.

C14: Eu gosto, só que outras vezes não me apetece muito.

C15: Sim, só que custa muito acordar.

E: O que gostam mais de fazer na escola?

C13: Brincar.

C14: De aprender e brincar com os meus amigos.

C15: (Aaa) é a mesma coisa... aprender e brincar com os meus amigos.

E: Quem vos vem buscar à escola?

C13: (Aaa) O meu ATL.

C14: (Aaa) Umhas vezes é a minha mãe, outras são os meus avós, os meus tios e como o meu pai trabalha fora quando me quer fazer surpresas às vezes é ele.

E: Ok.

C15: Umhas vezes sozinha e outra vez as minhas mães... a minha mãe e outra o meu padrasto.

E: A professora pede para fazerem atividades com os vossos pais?

C13: Sim.

C14: A se pedir não me lembro de muitas.

C15: Frequentemente.

E: Quais?

C13: (Aaa) (pausa) não me lembro. (Pausa)

E: Não te lembrás assim de nenhuma em especial?

C13: Não.

E: Que tenham feito à pouco tempo.

C13: Sem ser o coração que nós fizemos no dia da família, sim.

C14: A única coisa que eu me lembro e acho que foi a única coisa que fizemos com os nossos pais ao longo do ano foi o coração que fizemos ontem no dia da família com os nossos familiares.

C15: Aquela atividade dos autocolantes.

C13: Qual?

C15: Aquela... eu não sei muito bem, era tipo... os autocolantes para colar... o armário

C14: De medicamentos que é um livro que se cola com medicamentos.

C15: Isso.

E: Ok, já percebi. E levaram isso para casa para fazer com os pais?

C15: Sim.

E: Quando levam essas atividades para casa, o que é que os pais te dizem?

C13: Não dizem nada, apenas peço para fazerem e eles fazem.

E: Mas tu ajudas?

C13: Sim.

C14: Eu peço-lhes para eles me ajudarem... e eles... quando a minha mãe não pode ser, vai o meu pai, quando eles não podem peço a outra pessoa, aos meus irmãos, mas acaba por ser giro.

E: Mas o que é que eles dizem quando tu chegas com essas atividades a casa?

C14: A dizem que me podem ajudar, só que às vezes pode demorar um bocadinho de tempo, porque têm as atividades dos meus irmãos.

C15: Eu normalmente chego a casa à hora do jantar, porque eu ainda tenho danças de salão, depois quando chego a minha mãe está a fazer o jantar e eu “Oh mãe! Podes-me ajudar numa tarefa?” e ela assim “Já vou estou a fazer o jantar”. “Oh mana! Podes-me ajudar?” e ela depois veio “o que é que é?” e eu: “é isto e isto” e ela “está bem” e faz comigo.

E: E os teus pais ajudam-te a fazer essas atividades?

C13: Sim.

C14: Sempre.

C15: Sim.

E: Se não fizerem com eles as atividades, têm alguém que vos ajude?

C13: Sem ser o meu irmão, não.

C14: Sem ser os meus ir... sem ser os meus irmãos não.

C15: Qual é que era a pergunta?

E: Se não fizerem com eles as atividades, têm alguém que vos ajude?

C15: Sim, a minha irmã e a minha avó.

E: Os vossos pais perguntam-vos como correu o dia?

C13: (Hm) Às vezes.

C14: (Aaa) quando não estão muito ocupados e lembram de me perguntar, perguntam.

C15: Quando eu chego a casa e a minha mãe está em casa, a não ser a minha avó e ela diz sempre se o dia correu bem.

E: Os vossos pais falam com a professora?

C13: Não.

C14: Exceto quando são as avaliações, quando os meus pais vão receber as notas ou inscrever-me na turma, na turma, não.

C15: Sem ser as notas, (aaa) raramente.

E: Como reages quando os teus pais te vão por à escola?

C13: Normalmente.

E: Não ficas nem feliz nem triste. É normal?

C13: Não.

C14: (Aaa) É como se fosse uma rotina, já estou habituada. Para mim é normal.

C15: É tipo eu às vezes venho sozinha, ou a minha mãe vem-me cá por, mas é tipo “Finalmente escola, não é preciso estar em casa”.

E: A vossa professora já fez algum projeto que envolvesse os teus pais?

C13: Acho que sim.

C14: Sim.

C15: Acho que também sim.

E: Lembram-se de quais?

C13: Não.

C14: O de ontem.

E: O do dia da família?

C14: Sim.

C15: O do dia da família.

E: Os vossos pais dão sugestões de atividades à professora?

C13: Sim, raramente.

C14: Qual era a pergunta?

E: Os vossos pais dão sugestões de atividades à professora?

C14: Ah! S... raramente.

C15: Às vezes, dizem... sei lá para trabalharmos mais a... pronto a... as disciplinas mais difíceis para termos melhores notas.

E: Quais são essas disciplinas?

C15: Matemática, português, estudo do meio.

C14: Todas.

C15: E para divertir mais, às vezes é expressões, ida ao ginásio.

E: Quais?

C13: Fazermos mais atividades que nós pudéssemos aprender de uma forma que... (pausa) de uma forma em que pudéssemos aprender melhor, de uma forma melhor.

C14: Nessas atividades (aaa) os meus pais (aaa) dizem que por exemplo, para ir para o ginásio porque eu quando chego a casa na sexta-feira eles mandam-me sempre, como é que eu hei-de dizer... roupa de ginástica, desportiva e depois eu chego a casa e eles “o que é que fizeste lá no ginásio?” e depois eu digo “Não fiz nada, porque a professora, não foi connosco para o ginásio.”

E: E o que é que eles dizem nessas alturas?

C14: (Aaa) dizem a... dizem.... Uma vez disseram assim, “então mas porque é que a professora disse que era para ir para o ginásio, senão vão? Eu mando-te de fato treino, quando poderia mandar-te de vestidinho ou calcinhas”. Mas eu gosto mais de utilizar fato de treino, sinto-me mais confortável.

E: Mais alguma coisa?

C13: Não

C14: Não.

C15: Sobre... Porque é que a minha mãe quer que... que eu vá, pronto mais ao ginásio. Não é ir mais que outras disciplinas, é pronto...à sexta-feira para fazermos exercícios, brincar, como a “Daniela” disse e fazer as coisas que é para fazer no ginásio.

E: Ok. Obrigada pela ajuda.

Anexo V – Guião de entrevista aos EE

Objetivos:

- Compreender o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos.
- Entender que trabalho é realizado entre a escola e a família.
- Conhecer as vantagens e as desvantagens deste processo, sob o ponto de vista dos pais.
- Perceber quais são as dificuldades sentidas pela família.

Categorias	Objetivos Específicos	Questões	Questões secundárias
1. Legitimação da entrevista	- Dar a conhecer o tema da entrevista. - Motivar os pais a responder à entrevista.		
2. Relação escola família	- Perceber o ponto de vista dos pais em relação à escola. - Compreender que trabalho é desenvolvido com a educadora/professora. - Perceber, sob o ponto de vista dos pais, que vantagens ou desvantagens trás o trabalho escola-família. - Entender o envolvimento dos pais na vida escolar dos seus educandos.	2.1. Em que valência está o seu educando inserido? 2.2. Desloca-se muitas vezes à escola do seu educando? 2.3. Durante essas deslocações, contacta com a educadora/professora? 2.4. Que meios utiliza para comunicar com e educadora/professora do seu filho? 2.5. Na sua opinião a instituição que o seu educando frequenta envolve-o enquanto encarregado de educação a participar nas atividades e na vida escolar do seu educando?	2.2. E quando se desloca a escola qual é motivo na maior parte das situações? 2.3. E comunica com ela? Com quem comunica? 2.5. Como? De que maneira?

		<p>2.6. O que acha desse envolvimento? Trás vantagens ou desvantagens?</p> <p>2.7. Qual a opinião do seu educando sobre o trabalho escola-família?</p> <p>2.8. Está a par de todas as atividades realizadas pela instituição que o seu filho frequenta?</p> <p>2.9. Se fosse convidado a participar numa atividade fá-lo-ia?</p> <p>2.10. Que dificuldades sente no trabalho que é realizado entre a escola e a família?</p>	<p>2.8. Como tem acesso a essa informação?</p> <p>2.9. Porquê?</p>
3. Remate da entrevista	- Agradecimento pela realização da entrevista		

Anexo VI – Transcrição das entrevistas dos EE

Entrevistadora (E): Antes mais, bom dia. Como eu disse no outro dia esta entrevista vai englobar o meu, o meu trabalho final que tem como título a relação entre os pais e as instituições. Todos os dados aqui são confidenciais.

E: Em que valência está o seu educando inserido?

EE1: Na creche.

E: Desloca-se muitas vezes a escola do seu educando?

EE1: Para o vir o buscar, em reuniões ou alguma questão que seja necessário tratar com a educadora.

E: Quando se desloca à escola qual é o motivo na maior parte das situações?

EE1: Para o vir buscar ou reunião, reunião marcada.

E: Durante as deslocações contacta com educadora?

EE1: Sim.

E: E comunica com ela?

EE1: Sim, com a educadora ou com a auxiliar, pronto, dependente das horas por vezes a educadora já não está presente (risos).

E: Ok.

E: Que meios utiliza para comunicar com educadora do seu filho?

EE1: Pessoal.

E: Só?

EE1: Sim.

E: Ok. Na sua opinião a instituição que o seu educando frequenta envolve-o e enquanto encarregado de educação a participar nas atividades e na vida escolar do seu educando?

EE1: Sim.

E: De que modo?

EE1: Portanto, quando nos convida para estar presentes podemos vir cá apresentar alguma coisa aos pequenos durante o ano letivo, como para as festas que organizam, portanto.

E: De várias maneiras.

E: O que acha desse envolvimento? Trás vantagens ou desvantagens?

EE1: Acho que traz vantagens.

E: É? Porquê?

EE1: Traz vantagens porquê, porque faz com que os pais também percebam o trabalho que tá (está) a ser feito com os filhos, não é? E que sejam inseridos também nessas atividades e para o desenvolvimento deles também é importante.

E: Qual é a opinião do seu educando sobre o trabalho escola-família? Ela aceita bem?

EE1: Sim aceita, não estou no papel dela mas sim aceita.

E: Está a par de todas as atividades realizadas pela instituição que o seu filho frequenta?

EE1: Sim.

E: E como é que tem acesso a essa informação?

EE1: Normalmente, pela educadora que põe no placar o que eles fazem durante a semana, tem trabalhos expostos e se nós perguntarmos ela diz nos o que eles fizeram. E mesmo a “Mafalda” neste caso se perguntarmos ela diz-nos o que fez.

E: Se fosse convidado a participar numa atividade fá-lo-ia?

EE1: Sim.

E: Porquê?

EE1: Porque acho que faz parte desta relação entre a escola e a família, onde os pais também participam, para os filhos, também, verem que os pais estão interessados na educação deles e no bem-estar deles.

E: Que dificuldades sente no trabalho que é realizado entre a escola e a família?

EE1: (Risos) Por vezes eu sei que há pais mais complicados, no nosso caso nem tanto e que há determinadas situações que não compreendem, ou que não percebem. Agora estamos na fase que vai ser trocada a auxiliar.

E: Sim.

EE1: Pronto (hm) é compreensível, mas ao mesmo tempo uma pessoa acaba por não estar muito de acordo porque sei vai no caso da “Mafalda” sei que vai destabilizar ali um bocadinho a relação que ela tem já com auxiliar, porque ela foi uma criança assim um bocadinho (risos) complicada.

E: Sim.

EE1: E agora com esta mudança provavelmente vai haver outra vez algum. Poderá haver comprar não haver.

E: Exato.

EE1: Mas pronto, conhecendo é capaz de haver ali outra vez alguma uma regressão em termos de comunicação.

E: Ok, quero agradecer mais uma vez pela sua disponibilidade. Muito obrigada e damos assim por concluída a entrevista.

Entrevistadora (E): Como disse ontem esta entrevista vai-me ajudar no meu trabalho final, cujo tema é a relação entre os pais e as escolas.

E: Em que valência está o seu educando inserido?

EE2: A minha filha está na sala de 2 anos, portanto tem 3 mas está na sala de 2 anos.

E: Desloca-se muitas vezes a escola do seu educando?

EE2: Todos os dias (risos).

E: Quando se desloca à escola qual é o motivo na maior parte das situações?

EE2: Venho poula, não a venho buscá-la quem a vem buscar geralmente é o pai, mas todos os dias venho poula e faço questão até para criar laços e saber como é que está a “Matilde”.

E: Durante as deslocações contacta com educadora?

EE2: Tento sempre vir um bocadinho antes da hora de começarem a trabalhar, para conseguir falar um bocadinho, às vezes até interajo com as outras crianças, estou ali um bocadinho. Gosto desse ambiente familiar.

E: E comunica com ela?

EE2: Falo sempre um bocadinho com ela de manhã, como já reparou.

E: Que meios utiliza para comunicar com educadora do seu filho?

EE2: Pessoalmente e também já aconteceu ser por telefone, portanto em alguma situação mais urgente ou qualquer coisa que se tivesse passado com a “Matilde”, por telefone. Mas pessoalmente porque todos os dias venho cá, pessoalmente falo com ela.

E: Na sua opinião a instituição que o seu educando frequenta envolve-o enquanto encarregado de educação a participar nas atividades e na vida escolar do seu educando?

EE2: Envolve muito.

E: Envolve. De que modo?

EE2: Envolve através de trabalhos que manda para os pais fazerem para conseguirem participar, a própria envolvência da sala. Que metem ali à entrada os trabalhos que a “Matilde” faz para nós vermos o que elas fazem. É bom que eu às vezes vejo que ela hoje teve a história de não sei quê e em casa dou a continuidade ao trabalho.

Portanto eu acho que esta escola, isto é um pequeno à parte, eu acho que esta escola e muito também à educadora, não é, não conheço as outras não sei se são todas assim. Mas há um trabalho muito bom entre a família, neste caso entre mim e a educadora porque é muito fácil nós pais darmos a continuidade do trabalho delas, porque elas (hm) dão-nos a conhecer tudo do dia-a-dia da “Matilde”.

Posso dar o exemplo que quando foi por exemplo o desfralde, não foi nesta sala foi na outra, mas elas dizerem a nós pais como é que elas estavam a fazer para nós chegarmos a casa e por exemplo havia pais que chegavam a casa punham a fralda, tão a retroceder pelo trabalho da educadora e da Auxiliar.

E: Claro.

E: O que acha desse envolvimento? Trás vantagens ou desvantagens?

EE2: Só vantagens, só vantagens sim.

E: Porquê?

EE2: Elas (educadora e auxiliar) comunicarem desta maneira connosco, dizerem-nos abertamente o que é que fazem, exporem na sala à entrada da sala para nós conseguirmos ver é uma coisa maravilhosa, porque eu tenho tido o trabalho super facilitado, porque elas fazem muita coisa, desenvolvem muito a “Matilde” e eu só dou continuidade.

E: Em casa.

EE2: É, é muito mais fácil.

E: Qual é a opinião do seu educando sobre o trabalho escola-família?

EE2: (Risos) A minha filha adora, a minha filha está de férias e eu pergunto-lhe queres ir à praia, à piscina ou à escola, e ela quer ir à escola (risos).

Portanto a minha filha adora e ela sente-se super em casa, a escola para ela (ééé), lá está eu acho que este envolvimento com os pais e com a educadora de infância e com auxiliar e com a própria escola, nós virmos cá, eu por exemplo às vezes por a música ali a entrada.

E: Sim.

EE2: O pai às vezes vai um bocadinho mais cedo, tá ali um bocadinho a brincar com os meninos todos, ela acha que isto é uma extensão de casa.

E: Pronto, exato.

EE2: A escola é uma extensão de casa e é mesmo para ser assim.

E: Exato.

EE2: Assim faz muito mais sentido, portanto a minha filha adora, adora.

E: Está a par de todas as atividades realizadas pela instituição que o seu filho frequenta?

EE2: Estou a par de todas e quando não estou é porque não vejo (risos). É porque não quero ver, porque elas estão ali expostas. Sempre o que fazem de importante a “Ana” tem cuidado de colocar fotografias, de colocar o que fizeram e às vezes nós é que com a pressa de manhã, venho mais à pressa, nem vi o que ela fez no dia anterior mas a culpa é minha (risos).

E: Pronto.

EE2: Só não estou a par se eu não quiser.

E: E como é que tem acesso a essa informação?

EE2: Porque a educadora expõe-nas.

E: Se fosse convidado a participar numa atividade fá-lo-ia?

EE2: Fá-lo...fazia sim senhora, com muito gosto.

E: Que dificuldades sente no trabalho que é realizado entre a escola e a família?

EE2: Não, não sinto dificuldades.

E: É só facilidades? Neste momento, com esta envolvimento.

EE2: É assim até agora tem corrido tão bem, até agora o que eu tenho mesmo valorizado é efetivamente e lá está não sei se se passa assim em todas as salas, não sei se também tem a ver com a pessoa que é o educador e com a pessoa que é o encarregado de educação. Porque à vezes encarregado de educação que não se querem envolver.

E: Sim, é verdade.

EE2: Portanto (aaaa) a educadora se quer que os encarregados de educação se envolvam, mas se os encarregados de educação não se envolverem. Não vai a educadora ali prendê-los à porta. Não veja aqui o que o seu filho fez isto e está isto. Parte do princípio que as pessoas estão interessadas de ambas as partes e quando assim é funciona muito bem e tem funcionado muito bem comigo e com esta escola. Tenho adorado, a sério de coração.

E: Pronto dou por terminada a entrevista.

EE2: Muito obrigada.

EE2: Muito obrigada e todas as informações que deu aqui, tanto o nome da filha como da educadora são confidenciais.

Entrevistadora (E): Antes de mais bom dia, esta entrevista que eu vou fazer é para me ajudar no meu trabalho final que se intitula sobre a relação que existe entre os encarregados de educação e as instituições.

Os dados que aqui foram transmitidos são confidenciais. Vamos começar.

E: Em que valência está o seu educando inserido?

EE3: Creche, é não é.

E: Sim.

E: Desloca-se muitas vezes a escola do seu educando?

EE3: Sim, todos os dias.

E: Quando se desloca à escola qual é o motivo na maior parte das situações?

EE3: Ou venho trazer ou venho buscar e depois venho sempre às reuniões.

E: Durante as deslocações contacta com educadora?

EE3: Sim.

E: E comunica com ela?

EE3: Estamos só falar da sala do “Samuel”?

E: Sim, sim.

EE3: Sim.

E: Que meios utiliza para comunicar com educadora do seu filho?

EE3: Normalmente falamos presencialmente quando venho trazer ou venho buscar. Quando ele não vem, normalmente telefone, quem atende é quem está na porta e transmite o recado. Aí eu não falo com ela (educadora). Mas normalmente é presencial.

E: Na sua opinião a instituição que o seu educando frequenta envolve-o enquanto encarregado de educação a participar nas atividades e na vida escolar do seu educando?

EE3: Sim, sim sim.

E: De que modo?

EE3: Sim é assim (hmm) este ano não tem havido tanto, mas geralmente eles (escola) têm sempre umas folhinhas para nós avaliarmos as festas ou as atividades e nós podemos dar a nossa opinião (aaaa).

A “Ana” é muito... envolve muito, porque faz muitos trabalhos e está sempre com os pais ali a envolver e acho que destas duas formas.

E: O que acha desse envolvimento? Trás vantagens ou desvantagens?

EE3: Eu acho que traz vantagens, porque nós (pais) precisamos sempre de saber como é que eles se comportam aqui, porque são sempre realidades diferentes em casa e na escola é sempre... Claro que é o feitio deles, a personalidade deles está lá mas há sempre coisas diferentes e é bom nós sabermos como é que eles reagem num lado para nós sabermos como fazer com eles no outro (lado).

E: Ok. Qual é a opinião do seu educando sobre o trabalho escola-família?

EE3: Aí, ele fica atrapalhadíssimo. Ele um dia viu-me a sair da sala das crianças com a “Ana” e ele ficou em pânico, porque me viu sair da sala de reunião com a “Ana”. Ficou em pânico escondeu-se (risos) e foi chorar para um canto.

Não sei o que é que ele pensou que agente tinha estado a dizer, portanto eu acho que ele não acha graça nenhuma a isso, tipo o que é que ela está a dizer à outra (risos). Eu acho que ele não acha muita graça.

E: Está a par de todas as atividades realizadas pela instituição que o seu filho frequenta?

EE3: Sim.

E: E como é que tem acesso a essa informação?

EE3: Sim, por norma as educadoras transmitem quando são as festinhas ou às vezes está na porta quando é as missas (aaa).

E: Ah! Sim na porta principal.

EE3: É na porta principal sim.

E: Ok. Se fosse convidado a participar numa atividade fá-lo-ia?

EE3: Sim.

E: Porquê?

EE3: Porque, porque gosto da instituição e porque se tivesse disponibilidade, normalmente tendo tempo para isso, fazia sim. Acho que é importante.

E: Que dificuldades sente no trabalho que é realizado entre a escola e a família? Sente alguma dificuldade?

EE3: É assim, talvez a principal dificuldade seja, por exemplo a educadora não conseguir ter acesso ao mesmo tempo a todos os pais e há recados que têm de ser passados para a “Maria”. Não é que a auxiliar não vá dar o recado, mas às vezes não é muito fácil chegar a todos, mas pronto lá está há sempre um recadinho ou à sempre o painel dos recados. Pronto. Eu acho que funciona bem, pelo menos não tenho assim... nem numa sala nem na outra.

E: Está bem, então obrigada e já terminou e obrigada pela sua colaboração. E o resto de um bom dia.

Entrevistadora (E): Antes de mais bom dia, como eu tinha referido esta entrevista é para o meu trabalho que se intitula da relação entre os encarregados de educação com os

educadores e professores de 1º ciclo. Todas as informações que aqui forem dadas serão confidenciais.

E: Em que valência está o seu educando inserido?

EE4: No 1º ano.

E: Desloca-se muitas vezes a escola do seu educando?

EE4: (Risos) Sim, estou permanentemente na escola do meu educando, o que é ótimo.

E: Quando se desloca à escola qual é o motivo na maior parte das situações?

EE4: (Aaaa) Portanto, quando há algum problema para resolver, não tenho tido muitos graças a deus. Notas, portanto avaliações é quando me desloco sim.

E: Durante as deslocações contacta com a professora?

EE4: Sim claro, claro, claro.

E: E comunica com ela?

EE4: Sim, sim, sim, sim.

E: Que meios utiliza para comunicar com a professora do seu filho?

EE4: Portanto, oralmente não é? Conversamos falamos (pausa) e basicamente oralmente sim.

E: Na sua opinião a instituição que o seu educando frequenta envolve-o enquanto encarregado de educação a participar nas atividades e na vida escolar do seu educando?

EE4: (Aaaa) Portanto eu tenho... é assim (pausa) (aaa) envolve e não envolve. Envolve porque trabalho na escola, mas penso que as escolas de hoje em dia, portanto eu falo nesta particularmente, deveria envolver mais. Eu falo pelo que vejo não é? Pelo que assisto, acho que as escolas de hoje em dia deveriam de abrir as portas mais aos pais, eu acho que sim. Acho que hoje em dia é tudo muito (aaa) como é que eu hei-de explicar, muito fechado e acho que não deveria ser assim, porque acho que os pais deveriam portanto... é importante para os ... importante para eles para os nossos filhos e é importante para os pais, até para depois em casa nós podermos ajudar, porque eu acho que é um complemento a escola e casa, é um complemento e se assim não for, acho que não vai correr tão bem.

E: O que acha desse envolvimento? Trás vantagens ou desvantagens?

EE4: Vantagens completamente, completamente.

E: Qual é a opinião do seu educando sobre o trabalho escola-família?

EE4: (Aaaa) Ela acha bem, (aaa) é assim ela tem a mãe permanentemente na escola não é? Por vezes é bom, muito bom e outras vezes é mau, porque trabalho e muitas vezes não posso dar a minha opinião. Ou seja, eu poder posso, mas não é fácil.

E: Está a par de todas as atividades realizadas pela instituição que o seu filho frequenta?

EE4: Sim, sim.

E: E como é que tem acesso a essa informação?

EE4: (Aaaa) Portanto pela professora que escreve na caderneta, manda recados (aaa) basicamente é isso.

E: Se fosse convidado a participar numa atividade fá-lo-ia?

EE4: Sim, claro, claro com muito gosto.

E: Porquê?

EE4: Porque lá está é extremamente importante que os pais (aaa) participem nas atividades da escola, (aaa) para que isso depois tenha sucesso no sucesso escolar dos nossos filhos, é importantíssimo, eles adoram, eles adoram isso.

E: Que dificuldades sente no trabalho que é realizado entre a escola e a família? Sente alguma dificuldade?

EE4: A dificuldade é mesmo essa, porque eu (eu) penso que a escola deveria ter mais as portas abertas para que os pais possam vivenciar as coisas que se passam na escola, ou seja, não é querer intrometer porque o trabalho do professor é o trabalho do professor e o trabalho... e os pais também tem o seu trabalho na esco... em casa mas se as duas coisas se completarem, eu acho que é excelente.

E: Então, a escola deveria abrir as portas de que maneira?

EE4: (Aaa) Atividades, mais atividades em que os pais possam participar, (aaa) nos finais do período (aaa) até mesmo em algumas.... imagine (aaa) no dia da mãe, ou no dia dos pais, falo como mãe porque sou mãe, (aaa) ter as portas abertas para que possamos fazer alguma coisa, alguma atividade ou.... eu acho que é neste sentido que deveríamos ser mais ativos.

E: Ser os pais a proporcionar à escola e não ser sempre os professores a pedir.

EE4: Sim, sim, sim, exatamente.

E: Está bem. Obrigada pela entrevista mais uma vez.

EE4: De nada.

Entrevistadora (E): Bom dia, esta entrevista enquadra-se no projeto cujo nome é a “relação entre os encarregados de educação e os educadores e professores do 1º ciclo”. Todos os dados da entrevista serão confidenciais.

E: Em que valência está o seu educando inserido?

EE5: Ensino básico, 1º ano.

E: Desloca-se muitas vezes a escola do seu educando?

EE5: Não.

E: Quando se desloca à escola qual é o motivo na maior parte das situações?

EE5: ---

E: Durante as deslocações contacta com a professora?

EE5: Também não.

E: E comunica com ela?

EE5: ---

E: Que meios utiliza para comunicar com a professora do seu filho?

EE5: A caderneta, os recados, basicamente é isso.

E: Na sua opinião a instituição que o seu educando frequenta envolve-o enquanto encarregado de educação a participar nas atividades e na vida escolar do seu educando?

EE5: Sim.

E: O que acha desse envolvimento? Trás vantagens ou desvantagens?

EE5: Positivo, trás vantagens, sim.

E: Qual é a opinião do seu educando sobre o trabalho escola-família?

EE5: (Aaa) ele gosta.

E: Está a par de todas as atividades realizadas pela instituição que o seu filho frequenta?

EE5: Sim, quero dizer acho que sim pelo menos...

E: E como é que tem acesso a essa informação?

EE5: Através da caderneta.

E: Se fosse convidado a participar numa atividade fá-lo-ia?

EE5: Sim.

E: Porquê?

EE5: Porque acho que é importante.

E: Que dificuldades sente no trabalho que é realizado entre a escola e a família? Sente alguma dificuldade?

EE5: Não há dificuldades, penso que seja tudo bastante claro, sim.

E: Desta forma, agradeço pela disponibilidade para a entrevista.

EE5: Obrigada.

Entrevistadora (E): Antes de mais obrigada por participar na entrevista. Como disse à pouco, esta entrevista vai integrar o trabalho que se intitula de “ A relação entre os encarregados de educação e os professores do 1º ciclo e educadores”. Todos os dados que aqui forem ditos serão confidenciais.

E: Em que valência está o seu educando inserido?

EE6: Em que valência?

E: Sim, em que ano de escolaridade?

EE6: Ah! 1º ano.

E: Desloca-se muitas vezes a escola do seu educando?

EE6: Sempre que me é dito para vir cá, mas se... é assim todos os dias venho cá à escola, tento falar com a professora. Se alguma coisa estiver mal sou chamada, mas sempre que possível venho.

E: Quando se desloca à escola qual é o motivo na maior parte das situações?

EE6: Quando me desloco às vezes é por falta de ele se portar bem, sei lá, é mais pelo comportamento.

E: Durante as deslocações contacta com a professora?

EE6: Às vezes sim, outras vezes com os funcionários, basta só perguntar se está tudo bem.

E: Ok, e quando contacta comunica com ela?

EE6: Sim, já foi o caso de lhe telefonar.

E: Que meios utiliza para comunicar com a professora do seu filho?

EE6: Já uma vez lhe telefonei e gosto mais de falar (aaa) ao vivo não é? Gosto mais de vir cá e falar com ela.

E: Na sua opinião a instituição que o seu educando frequenta envolve-o enquanto encarregado de educação a participar nas atividades e na vida escolar do seu educando?

EE6: Sim, sim.

E: De que maneira?

EE6: É assim eu gosto das atividades que eles fazem, sempre que posso quase sempre venho. Já dos mais velhos sempre que posso participo.

E: O que acha desse envolvimento? Trás vantagens ou desvantagens?

EE6: Eu acho que sim, eles ficam muito felizes quando os pais aparecem, às vezes por uma coisinha muito simples para eles já é muito bom. Eu acho que quando às vezes até chego ali ao portão, mesmo só para dizer adeus ele fica muito feliz porque eu apareci, portanto acho que é bom sempre os pais aparecerem, mesmo que não haja o chamamento para vir cá.

E: Qual é a opinião do seu educando sobre o trabalho escola-família?

EE6: Ele gosta da escola, desde o primeiro dia que gosta muito. A professora também o acolheu muito bem e ele gosta da professora e isso já é bom e fala muito bem da escola e da professora.

E: Está a par de todas as atividades realizadas pela instituição que o seu filho frequenta?

EE6: Sim, sempre, ando sempre atualizada.

E: E como é que tem acesso a essa informação?

EE6: Geralmente como venho sempre à escola, tento ficar a par das coisas através daqui de conversar com as pessoas da escola, mas sempre que posso sou avisada com um... ou com um recado, por mail não mas com recados sim na caderneta.

E: Se fosse convidado a participar numa atividade fá-lo-ia?

EE6: Claro que sim.

E: Porquê?

EE6: Porque acho que.... eu também gosto (risos). Eu gosto muito destas coisas, mas é assim penso que é como lhe disse, acho que os pais entrarem nas atividades dos filhos eles ficam muito felizes. Eu noto isso e para eles é bom e para nós também, porque vimos o trabalho que os professores fazem e que eles também fazem e acho que é giro. Acho que é ali uma relação entre todos que fica bem.

E: Que dificuldades sente no trabalho que é realizado entre a escola e a família? Sente alguma dificuldade?

EE6: Eu acho que é a base do... não é bem material, é do... Como é que eu **eide** explicar, eu acho às vezes escolas têm poucos meios para trabalhar, pronto e esta é uma escola que se nota muito isso, é uma escola pobre em relação a outras que nós vemos, desde do recreio à própria... ao próprio edifício (aaa). Elas tentam melhorar e fazer sempre o melhor para a escola para ela ter coisas boas, mas noto que é uma escola pobre, apesar de as atividades serem boas feitas pelos professores, são criativas, tem coisas muito bonitas.

E: Já terminámos e mais uma vez obrigada pela sua colaboração.

EE6: Obrigada.

Entrevistadora (E): Boa tarde, antes de mais obrigada por terem aceite realizar esta entrevista, que se enquadra no projeto cujo nome é “a relação entre os encarregados de educação e os educadores/ professores do 1º ciclo”.

Todos os dados desta entrevista serão confidenciais.

E: Em que valência está o seu educando inserido?

EE7: Em que valência? Como assim?

E: Em que ano de escolaridade.

EE7: Ah! 4º.

E: 4º Ano. Desloca-se muitas vezes a escola do seu educando?

EE7: (Aaa) Só assim nestas atividades, nas reuniões não falto, mas fora isso não.

E: Ok, durante as deslocações contacta com a professora?

EE7: Sim, nas reuniões sim. Portanto as reuniões são diretamente com a professora, a nível de dias de atendimento não, porque eu trabalho longe e como sou a encarregada de educação e portanto não tem havido necessidade, até tem corrido bem.

E: Que meios utiliza para comunicar com a professora do seu filho?

EE7: Só presencialmente.

E: Na sua opinião a instituição que o seu educando frequenta envolve-o enquanto encarregado de educação a participar nas atividades e na vida escolar do seu educando?

EE7: Sim.

E: De que maneira?

EE7: Portanto nestas atividades que fazem com alguma... todos os anos e com alguma frequência, em que os pais têm interveniência direta. (aaa) E nas reuniões porque entretanto, depois também somos convocados, à muitos pais que não vêm, mas eu faço questão de tar (estar) presente para entretanto saber o desenrolar da(aaa)... do(ooo)...da aprendizagem, não é? Embora nós acompanhemos em casa (aaa) é sempre bom ver... ouvir o *feedback* que há do outro lado, não é?

E: O que acha desse envolvimento? Trás vantagens ou desvantagens?

EE7: Eu acho que sim, sim.

E: Trás vantagens? Porquê?

EE7: Sim, porque este é um trabalho que... que as crianças usufruem não só na escola, mas também a nível familiar, e portanto nós temos que interagir com eles como um todo, não é? A escola e os pais têm de fazer um trabalho que é comum, não é? Cada um com as suas valências (aaa), mas sim, temos de fazer um trabalho coletivo. E portanto acho que é importantíssimo.

E: Qual é a opinião do seu educando sobre o trabalho escola-família?

EE7: Sim ela... É assim eles deliram, não é? Quando nós temos oportunidade principalmente eu, que como disse trabalho longe, quando venho à escola, quando por exemplo fico e a posso vir trazer, ou a posso vir buscar para ela é um delírio, portanto eles acham um máximo a mãe vir à escola ou o pai vir à escola, para mostrar aos amigos. É delicioso, eles ficam maravilhados (risos).

E: Está a par de todas as atividades realizadas pela instituição que o seu filho frequenta?

EE7: Sim.

E: E como é que tem acesso a essa informação?

EE7: (Aaa) A nível de caderneta e depois também a nível das reuniões que são feitas, onde a professora comunica tudo o que tá (está) a nível, a ser proposto para o decorrer desse período.

E: Se fosse convidado a participar numa atividade fá-lo-ia?

EE7: Claro que sim!

E: Porquê?

EE7: Porque acho que é importante, mais uma vez do que estávamos a falar... vem de encontra o que estávamos a falar ainda à pouco. Porque eu acho que é importantíssimo os pais terem a oportunidade de (aaa)... de fazer este trabalho coletivo com a escola, não é? Porque faz...isto é...são, são momentos que ficam para a vida toda e que os marca de uma maneira que nós nem sequer muitas vezes temos essa noção. E portanto acho que é importantíssimo estarmos presentes.

E: Que dificuldades sente no trabalho que é realizado entre a escola e a família enquanto encarregada de educação?

EE7: É assim eu acho que muitas vezes a escola não tem meios suficientes para poder disponibilizar da(aaa) melhor maneira. Muitas vezes as atividades que são feitas, também não dá para ser muito mais, porque também muitas vezes depende da(aa) ajuda dos pais, porque a escola não tem possibilidade de fazer de outra maneira, portanto (aaa)... Acho que sim, acho que ...acho que de uma maneira... acaba por no final... acaba por ser sempre positivo e por correr bem, portanto.

E: Ok, pronto. Da-mos por finalizada a entrevista e obrigada mais uma vez.

EE7: De nada.

Entrevistadora (E): Bom dia, esta entrevista enquadra-se no projeto cujo nome é “A relação entre os encarregados de educação e os educadores/professores do primeiro ciclo”.

Todos os dados da entrevista serão confidenciais.

E: Em que valência está o seu educando inserido?

EE8: 4º ano?

E: Sim.

EE8: Sim, é o 4º ano.

E: Desloca-se muitas vezes a escola do seu educando?

EE8: Para vir poulo e para vir buscá-lo.

E: Durante as deslocações contacta com a professora?

EE8: (Aaa) Às vezes.

E: E comunica com ela?

EE8: Sim.

E: Que meios utiliza para comunicar com a professora do seu filho?

EE8: Por vezes na caderneta, outras vezes falamos, depende da urgência do assunto (risos).

E: Na sua opinião a instituição que o seu educando frequenta envolve-o enquanto encarregado de educação a participar nas atividades e na vida escolar do seu educando?

EE8: Sim.

E: De que maneira?

EE8: De diversas maneiras, desde de ajudá-lo nos... nos pequenos trabalhos que pedem, desde participar em atividades.

E: O que acha desse envolvimento? Trás vantagens ou desvantagens?

EE8: Trás bastantes. Bastantes vantagens, porque é bom eles também poderem perceber que os pais não só os ajudam em casa, mas também participam nas coisas da escola.

E: Qual é a opinião do seu educando sobre o trabalho escola-família?

EE8: Ah! Super bem!

E: Está a par de todas as atividades realizadas pela instituição que o seu filho frequenta?

EE8: (Aaa) Penso que sim (risos).

E: E como é que tem acesso a essa informação?

EE8: Lá está, pela caderneta dele, às vezes conversando com as auxiliares e com a professora, penso tar (estar) a par de todas as atividades que vão ser feitas.

E: Se fosse convidado a participar numa atividade fá-lo-ia?

EE8: Sim.

E: Porquê?

EE8: (Risos) Porque acho que é engraçado independentemente de... de ser uma atividade (pausa) mais séria ou menos séria é engraçado os pais... haver este (este) envolvimento dos pais na escola sem ser só o ajudar a fazer os trabalhos de casa e essas coisas assim.

E: Que dificuldades sente no trabalho que é realizado entre a escola e a família?

EE8: (Silêncio) É assim se for de trabalhos manuais muitos, que eu não tenho jeito nenhum para trabalhos manuais (risos). Agora tudo o resto não... faz-se bem.

E: Obrigada pela disponibilidade para a realização da entrevista e resto de bom dia.

Entrevistadora (E): Antes de mais bom dia, obrigada por ter realizado esta entrevista (aa) que se enquadra no projeto cujo nome é “A relação dos encarregados de educação com os educadores/ professores do 1º ciclo”.

Todos os dados que serão dados nesta entrevista serão confidenciais.

E: Em que valência está o seu educando inserido?

EE9: 1º ciclo.

E: E qual é o ano?

EE9: 4º.

E: Desloca-se muitas vezes a escola do seu educando?

EE9: (Risos) Sim.

E: Quando se desloca à escola qual é o motivo na maior parte das situações?

EE: (Aaa) Aproveitamento, comportamento e saber se posso ajudar em alguma coisa.

E: Durante as deslocações contacta com a professora?

EE9: Sim.

E: E comunica com ela?

EE9: Claro! Claro que sim.

E: Que meios utiliza para comunicar com a professora do seu filho?

EE9: Ou pessoalmente, ou via caderneta.

E: Na sua opinião a instituição que o seu educando frequenta envolve-o enquanto encarregado de educação a participar nas atividades e na vida escolar do seu educando?

EE9: Bastante, por isso é que eu gosto da escola onde ela está.

E: De que maneira?

EE9: Eu penso que são várias as maneiras. A primeira são as reuniões que nós temos em cada final de período. É uma forma de eu como mãe entender o nível de aproveitamento escolar, perceber também (aa) algumas dificuldades não só escolar, mas também a forma como ela socializa, como ela se comporta... com o outro.

E: Que também é muito importante.

EE9: Que também é muito importante (aaa), uma outra forma (aa) que nós temos também nesta escola é que valoriza várias atividades extracurriculares e acaba por envolver os pais de alguma forma, (aaa) tanto em trabalhos que eles têm de levar para casa para realizar com a família como... só o facto de darem a entender aquilo que os meninos fazem dentro da sala de aula e fora. (Aaaa) Uma outra forma (aaa) é que é uma escola que está muito atenta ao

comportamento (aa) tanto no pátio como dentro da sala e acaba por nós pais dar-nos uma chamada de atenção, não é? (Aaa) De como as coisas estão (aaa) correr, até porque eles tem várias fases e (ee) estão sempre a mudar não é? Estão a crescer, o corpo está a crescer (aaa) hoje têm um amigo, amanhã tem outro. Portanto, tudo isto é muito importante.

E: O que acha desse envolvimento? Trás vantagens ou desvantagens?

EE9: Trás sempre vantagens. (Aaa) Quanto mais envolvida tiver a escola com os pais, neste caso (aaa) tanto o corpo docente como o não docente, mais fácil é ajudá-los a eles alunos. (aaa) E acaba por ser uma parceria que nós ganhamos, porque eles passam mais tempo na escola do que em casa connosco, não é?

E: É verdade.

EE9: Portanto esta parceria, se for favorável todos nós ganhamos, não é?

E: (Aaa) Qual é a opinião do seu educando sobre o trabalho escola-família?

EE9: Ela gosta muito, (aaa) sempre foi uma aluna muito (aaa)... (pausa) muito envolvida nas coisas da escola. (Aaa) Esta turma em especial teve a mesma professora três anos, que foi muito benéfico, sou muito a favor da mesma turma (aaa) claro que mudar de vez em quando é necessário, infelizmente, (aaa) não que tenha alguma coisa contra a nova professora, mas que foi uma mudança muito... ríspida para eles, porque todos nós somos diferentes, não é? Eles habituam-se a um determinado nível método estudo, forma de estar dentro da sala, e foi, foi ali um choque, não é? Mas a professora "Marta" tem conseguido dar ali a volta ao texto e tem conseguido levar os alunos da melhor forma.

E: Está a par de todas as atividades realizadas pela instituição que o seu filho frequenta?

EE9: Sim, completamente.

E: Como é que tem acesso a essa informação?

EE9: (Risos) Para começar eu trabalho na instituição, portanto favorece a (aaa)... eu estar muito a par do que se passa. No entanto todos os pais têm, logo no início do ano, o calendário, o horário... Primeiro o horário (dee) semanal do que eles têm por ordem e esse horário é cumprido normalmente à regra, portanto sei sempre quais são as disciplinas que ela vai ter. Para além disso também temos acesso ao calendário escolar anual, sabemos nós pais (aaa) de algumas... da maioria das atividades, (pausa) estamos preparados logo para isso... (aaa) portanto é muito mais fácil assim.

E: Se fosse convidado a participar numa atividade fá-lo-ia?

EE9: Sim, faço sempre.

E: Porquê?

EE9: (Risos) Primeiro porque (aaa) é importante para a criança (aaa) saber que a mãe ou o pai (aaa) estão envolvidos naquilo que ela faz e nas atividades que existe na escola, como por exemplo, o dia da família, para eles é sempre importante ver o ponto de referência deles (aaa) e é uma forma de mostrarem aos amigos que o pai participa ou a mãe. (Aaa) Uma forma de os pais conhecerem os amigos com quem ela se relaciona e falarem com outros pais.

Costumamos sempre tirar ideias uns com os outros (aaa) e até saber o que se vai passando com eles, às vezes zangam-se outras vezes gostam muito de um amigos e acabamos por perceber, porque é que gostam tanto daquele amigo. Portanto só temos a ganhar com essa abertura da escola, não é?

E: Que dificuldades sente no trabalho que é realizado entre a escola e a família?

EE9: Eu sinceramente não sinto (aaa) como já disse (aaa) tento estar atenta através dos trabalhos de casa que ela realiza, através da alteração de comportamento que ela possa ter tanto no pátio, como dentro sala, como em casa, mas o que eu sinto enquanto funcionária é que nem todos os pais entendem que a escola se for partilhada com eles é muito mais fácil, e alguns porque não entendem outros porque realmente não têm tempo. Nem todas as entidades patronais sejam, embora seja um direito que nos assiste, mas nem todas (aaa) com que os pais se desloquem tantas vezes à escola ou infelizmente também há aqueles que não querem saber de todo, não é? Ao passo que se podermos trabalhar todos em conjunto, só temos a ganhar, a criança aprende com mais facilidade, mais facilmente conseguimos reconhecer as carências e as necessidades das crianças ou até mesmo aquelas crianças que já são boas alunas e se conseguem integrar muito bem, podemos reforçar ainda mais e realçar as capacidades dela, não é?

E: E pronto damos por terminada a entrevista, mais uma vez obrigada pela disponibilidade.

Anexo VII – Guião de entrevista aos docentes

Objetivos:

- Perceber qual o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos.
- Verificar qual é o trabalho realizado entre os pais e a escola.
- Conhecer as vantagens e as desvantagens da relação entre a escola e os pais.
- Conhecer as dificuldades sentidas pelos docentes na relação escola-família.
- Identificar algumas estratégias passíveis de serem utilizadas para facilitar um maior envolvimento dos pais.

Categories	Objetivos Específicos	Questões	Questões secundárias
1. Legitimação da entrevista	- Dar a conhecer o tema da entrevista. - Motivar os docentes a responder à entrevista		
2. Vida profissional	- Conhecer o percurso do profissional	2.1. Quantos anos de serviço tem? 2.2 Qual a sua formação? 2.3. Quantos alunos tem este ano letivo? 2.4. Os alunos têm que idades?	
3. Relação escola-família	- Perceber qual é o envolvimento dos pais na escola. - Conhecer que trabalho é realizado entre a escola e a família. - Compreender como é estabelecido o contacto entre os pais e a escola e vice-versa.	3.1. Como é o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos? 3.2. Sente que os pais querem participar ativamente neste momento da vida dos filhos? 3.3. Como é estabelecido o contacto com os pais?	3.3. E os pais também contactam com a escola da mesma forma? Só nas reuniões? Ou

	<p>- Entender em que atividades os pais se envolvem mais.</p> <p>- Perceber se todos os pais participam na vida escolar dos filhos.</p> <p>- Conhecer com que frequência os pais participam na vida escolar dos filhos.</p>	<p>3.4. Que tipo de trabalho é desenvolvido em parceria com a escola e a família?</p> <p>3.5. Realizam projetos na qual os pais possam participar?</p> <p>3.6. Como cativa os pais a participar nesses projetos?</p> <p>3.7. Que vantagens ou desvantagens encontra na participação dos pais na vida escolar dos filhos?</p> <p>3.8. Na sua opinião, esta participação é positiva ou não?</p> <p>3.9. Quais as dificuldades que afetam o envolvimento dos pais? E os docentes?</p>	<p>utiliza outros meios de comunicação?</p> <p>3.5. Os pais envolvem-se nesses projetos da escola?</p> <p>3.7. Porquê?</p>
<p>4. Identificar estratégias e práticas desenvolvidas para favorecer a relação escola-família.</p>	<p>- Conhecer algumas práticas que favoreçam a relação entre os pais e a escola.</p> <p>- Compreender a postura do docente face ao envolvimento dos pais.</p>	<p>4.1. Quais são as atividades em que os pais se envolvem mais?</p> <p>4.2. Todos os pais participam na vida escolar dos filhos?</p> <p>4.3. Qual a sua reação aos pais que não participam?</p>	<p>4.3. Utiliza outras estratégias para os pais participarem?</p>

		4.4. Pode referir alguns exemplos de atividades onde tenha pedido a colaboração dos pais?	
5. Remate da entrevista	- Agradecimento pela realização da entrevista		

Anexo VIII – Transcrição das entrevistas das docentes

E: Antes de mais boa tarde (aaa), esta entrevista (aaa) vai ao encontro do meu trabalho final que tem como título a relação entre as instituições e os encarregados de educação. Todos os dados que aqui forem referidos serão confidenciais.

E: Quantos anos de serviço tem?

Docente (D) 1: 27.

E: Qual a sua formação?

D1: Educadora de infância, com uma licenciatura em orientação educativa.

E: Quantos alunos têm este ano letivo?

D1: (Aaa) 19.

E: Os alunos têm que idades?

D1: 2 anos.

E: Como é o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos?

D1: Olha, eu tento sempre envolver os pais na vida... do colégio, da creche. É assim nem que seja ao final do dia, quando há alguma coisa para nós falarmos com os pais. Mesmo que... não é só coisas más, não temos que dizer aos pais só aquilo que não se passou tão bem.

E: Sim.

D1: Eu tanto digo aos pais o que se passou bem, como aquilo o que se passou menos bem. Porque só aí o trabalho em equipa, é que conseguimos depois levar a criança (aaa) a comportar-se melhor ou a entusiasmá-la também porque se nós dissermos aos pais que se portaram muito bem fizeram isto, também tenta-se motivar a criança e entusiasmá-la mais para vir para a creche.

E: Exatamente.

D1: Pronto, às vezes quando se fala do falar com os pais é só o que está menos bem e eu não! Eu às vezes até acho que o menos bem, também se deve dizer mas de outra forma, de outra maneira. Porque às vezes a criança, estamos a constrangi-la, estamos a envergonhá-la e eu penso que não é isso que nós...., nós queremos e tento sempre informar os pais de, de uma forma lúdica, de uma forma que não de fazer queixinhas, não é? Porque, penso que os pais ao final do dia, também, quando chegam ao colégio também não é isso que querem ouvir, não é? E então, muitas vezes e eu costumo dizer que às vezes os problemas quando são muito graves é que nós vamos fazer chegar à família de... se nós conseguirmos resolver cá, passou porque nós passamos o dia com eles, é lógico que às vezes há coisas que não correm tão bem.

E: Sim.

D1: Tem que correr menos bem mas temos cá nós para orientar a criança.

E: Sente que os pais querem participar ativamente neste momento da vida dos filhos?

D1: Sim, pelo menos no meu grupo sinto que eles participam ativamente na vida dos filhos, da lidaçã, portanto na vida escolar dos filhos e estão interessados. Se eu pedir para fazer alguma atividade, eles colaboram sempre (aaa) não tenho tido razão de queixa nesse aspeto.

E: Como é estabelecido o contacto com os pais?

D1: Falando, geralmente... o contacto de?

E: Se é presencial, se é só nas reuniões, se é por telefone, por mail...

D1: É assim, depende do que, do que eu lhe queira pedir, não é? Se é uma informação que tenho que dar rapidamente, é por telefone. Se é o pedido de alguma atividade dizemos por boca, porque eu penso que nós a conversarmos a mensagem chega muito mais rápido, do que através de um recado no papel. Porque nós podemos explicar aos pais os objetivos, o porquê, tentar motivá-los também para fazer essa atividade. Se for informação vinda da parte da coordenação ou de direção, aí é através de papel. Mas sempre penso que com uma conversa para explicar aos pais o que é que está a acontecer, para eles se sentirem mais envolvidos.

E: Sim.

D1: Porque o facto de só se dar o papel e não haver uma conversa por trás também não concordo, penso sempre que deve haver uma conversa.

E: Mas têm reuniões logo ao início?

D1: Sim, temos as reuniões. Uma no início do ano, nós na creche até fazemos mais porque temos que fazer um plano individual e ali também, no primeiro semestre também mostramos aos pais o plano que traçámos e o relatório que fizemos desse, desse plano. Temos uma reunião início do ano para apresentar esse projeto e temos uma reunião de final de ano.

Os pais também tem um dia de atendimento que é às quintas-feiras das 16:30h às 17:30h, caso eu tenha algo para falar com eles marco dentro dessa hora. Se são eles que querem também falar algo comigo marcam também eles dentro dessa hora. Também podemos ser flexíveis porque às vezes horários que não dão e eu tento desdobrar me para outro lugar.

E: Ok. E os pais também contactam com a escola da mesma forma? Ou seja, só presencialmente a falar ou eles também ligam quando....

D1: Sim para dar recados. De manhã quando ..., imagina que não está a pessoa da sala.

E: Sim.

D1: E quando entregam a criança, muitas vezes telefonam-nos a dar algum recado, pronto. E outras vezes dizem por boca.

E: Que tipo de trabalho é desenvolvido em parceria com a escola e a família?

D1: Olha, aqui eu penso que até se trabalha (aaa) de alguma forma com os pais. (Aaaa) nas reuniões pedimos sempre algumas opiniões, ou de atividades que os pais queiram dar para nós fazermos, realizarmos ao longo do ano também. (Aaa) no natal também pedimos sempre a colaboração dos pais para os efeitos da unidade. Na sala ,também, depois... depois cada educadora também pede aos pais aquilo que entender.

E: Realizam projetos na qual os pais possam participar?

D1: Eu este ano lembrei-me que os pais trouxeram, penso que foi uma árvore de natal. Não, foi para enfeitarmos as nossas árvores de natal (aaaa) demos bolas, sinos, estrelas e depois cada pai enfeitou com uma mensagem de natal e nós colocamos na nossa árvore de natal. No dia da mãe também lembro de darmos às mães uma flor para elas também escreverem mensagens para decorarem essa flor, para ir para um placard.

(aaa) na festa de final de ano, também, os pais são convidados a virem ao colégio e temos o dia da família que os pais são convidados para virem à escola. Este ano a fazer atividades no exterior com os filhos, portanto fizemos jogos, outros tipos de brincadeiras também. Muitos pais quiseram brincar com eles a jogar à bola, a fazerem rodas e tiveram essa possibilidade de verem como é que os filhos passam a manhã no jardim-de-infância e as brincadeiras que eles fazem, também foi muito positivo. Os pais gostaram e os filhos também e depois pedimos aos pais uma mensagem para deixar no placard entrada, também aderiram, os pais. Eu penso que tem sido atividades desenvolvimento que os pais ficam motivados e colaboram bastante.

E: Como cativa os pais a participar nesses projetos?

D1: Conversando, conversando, motivando dizendo que os filhos gostam e isso é muito importante quando nós dizemos “faça lá que o seu filhote gosta muito” e eles aí pronto! Fazem logo (risos).

E: Deliciam-se e acabam por fazer.

D1: É, é logo.

E: Que vantagens ou desvantagens encontra na participação dos pais na vida escolar dos filhos?

D1: Olha eu encontro sempre vantagens, não estou a encontrar nenhuma desvantagem, só se a participação dos pais não for com intenções positivas não é? Agora, o pai que participa na vida escolar do filho é sempre positivo e transmite-lhe muita confiança, transmite-lhe que as famílias ao participarem na vida escolar deles estão envolvidos cá dentro, pertencem a casa. Há muito maior confiança por parte da criança e também de receber os educadores e quem está com eles, não é? Porque, há uma confiança, há um envolvimento e eles gostam muito, porque depois eles sabem o que o pai fez, o que o pai disse. Depois também depende muito do trabalho que é feito em casa, porque se nós desde pequeninos habituarmos os pais a trabalharem com eles, também é uma vantagem dos pais mais tarde, também, os ajudarem sempre na vida escolar. Estarem sempre com eles também..., e também, se calhar dos filhos envolverem um pouco a vida deles escolar mais tarde. Contar aos pais, dizer os seus problemas, as partes positivas que também tiveram no dia. Eu penso que tudo começa aqui na creche e na creche já se pode trabalhar muito (aaaa) o envolvimento dos pais na educação dos filhos e na vida escolar também.

E: Então na sua opinião, esta participação é positiva?

D1: É bastante positivo, aspetos negativos não vejo, só se for um envolvimento de outra forma, já com... Intencionalmente (aaaa) ou para dizerem mal ou para criticarem, mas eu penso que o envolvimento dos pais é muito, até agora, até agora! Vamos lá à uma década a atrás..., penso que tem evoluído bastante. Porque antigamente não sei se sabes os pais geralmente iam só à escola para saber notícias más.

E: Exato.

D1: E eu penso que temos andado a trabalhar nisso todos os docentes, escolas têm andado a trabalhar realmente os pais não veem a escola só para... Quando as coisas estão más e vêm também para as coisas boas, não é? E o importante é explicarmos aos pais logo no início a importância do envolvimento escolar, o envolvimento deles na escola dos filhos pronto. E tentar motivar ambas as partes, que é isso que nós queremos, nós também a educadores para trazer os pais mais à escola e os pais a colaborarem mais, isso é bastante positivo.

E: Quais as dificuldades que afetam o envolvimento dos pais?

D1: As dificuldades, às vezes os horários. Às vezes os horários, por vezes... eu não tenho tido razões de queixa, porque nós por vezes fazemos este envolvimento durante (aaa) manhã (aaa) e os pais vêm todos, pronto. Mas se se calhar há muitos pais que se fosse noutra hora mais para a tarde envolveram-se mais mas como os meus pais têm vindo a todos não noto assim um problema que nos faça (aaa)...

E: Quais as dificuldades que afetam o envolvimento dos pais?

D1: Pois (aaa) as dificuldades... participam todos. Só se forem os horários e uma parte nossa tentamos sempre aproveitar e também não tenho tido problemas com isso. As profissões dos pais mais tarde de virem à escola, de mostrar um pouco a sua profissão. Para o ano gostaria de trabalhar também isso, porque tenho algumas profissões, de alguns pais que penso que é importante nos três anos trazerem cá, para eles se aperceberem e para darem também. Para conhecerem a profissão e eles estão sempre disponíveis, dizem que não há problema, que quando quiserem a "Ana" diga que eles vêm.

E: Quais as dificuldades que afetam o envolvimento dos docentes?

D1: (Aaa) as dificuldades que...

E: Sim, que afetam o envolvimento dos docentes?

D1: Olha eu não acho que tenha (risos), eu não tenho muita dificuldade em os por, envolver na vida dos filhos, não... Às vezes quando há problemas se calhar esse é o maior obstáculo, ou quando os pais querem por certas ideias nas escolas, pode ser um.... Mas eu penso que conversando e tentando motivar os pais penso que todos vamos no bom caminho. Há sempre aquele medo, aquele receio quando os pais querem falar com o diretor o que é vem lá, não, não temos que ter medo. Temos é que explicar aos pais o porquê daquela situação, se explicar mas sempre se calhar os pais também entendem de outra forma. Se calhar às vezes também pedir a opinião as famílias, onde poderá ser os passeios, o que se poderá fazer às vezes as coisas, também correm melhor do que impormos.

E: Ok. Quais são as atividades em que os pais se envolvem mais? Algumas atividades específicas que veja que eles se envolvem mais do que noutras?

D1: (Silêncio) Eu como digo, se peço trabalhos eles envolvem-se todos, pedir à ... esqueci-me de dizer, de frisar porque isto é muita coisa...

Tentei no início do ano também os pais fazerem fantoches.

E: Sim

D1: Para a sala, era uma história para os 2 anos. É um ano que eles gostam de dramatizar e os pais foram incríveis todos participaram, todos trouxeram um fantoche, os meninos souberam o fantoche que os pais tinham trazido, contavam as histórias, houve uma mãe inclusive que fez um fantocheiro, eles adoraram o fantocheiro. (Aaa) são sempre atividades que os envolveram de uma forma muito, muito positiva, pronto. Eles, todos colaboraram e não noto, mesmo em reuniões vem sempre os pais todos e quando fazemos trabalhos, também os pais todos participam, não tive assim dificuldades.

E: Todos os pais participam na vida escolar dos filhos?

D1: Sim, todos.

E: Qual a sua reação aos pais que não participam?

D1: Tento motivá-los (risos) tento fazê-los vir não é? Não tenho muito essa situação na minha sala, mas se tivesse, ai teria de conversar com eles. Motivava-os, tentava trazê-los, tentava fazer vê-los que os filhos gostavam. E nestes encontros mesmo assim acho que nós temos, eu tento sempre fazer algo e os pais já sabem vamos fazer algo para dar depois aos filhos e se eles não vierem, depois dos filhos ficam sem essa situação. Sem essa atividade, pronto este ano lembro-me que propus aos pais no início do ano numa mão que os pais delinearão, em cada dedo de fazerem (aaa) objetivos para que os pais quisessem que os filhos atingissem durante este ano letivo, pronto. E então houve mesmo uma situação de um pai que não veio, não veio mas porque a criança entrou mais tarde, mas eu não deixei de dar essa atividade aos pais para que essa criança fica assim sem essa mão. E os pais de todos aderiram e esse fizeram e tudo bem. Penso que temos que motivar sem medos e envolvê-los cada vez mais e sempre com coisas novas, com experiências novas para eles ficarem muito entusiasmados e não cairmos numa rotina, e numa repetição de (de) atividades também porque é bom nós irmos variando.

E: Utiliza outras estratégias para os pais participarem?

D1: Conversando e motivando-os.

E: Pode referir alguns exemplos de atividades onde tenha pedido a colaboração dos pais?

D1: Como disse anteriormente, um deles foi darmos bolas, sinos, estrelas aos pais para enfeitarem com uma mensagem de natal, outra foi dar uma flor às mães para elas escrevem mensagens, a festa de final de ano, a festa da família ... e o que já referi (risos).

E: Pronto está bem. Sendo assim obrigada pela disponibilidade e damos por concluída a entrevista.

E: Antes de mais boa tarde e gostaria de agradecer a disponibilidade para realizar a entrevista.

(Aaa) comecemos então as perguntas.

E: Quantos anos de serviço tem?

D2: (Aaaa) portanto 27 anos de serviço aproximadamente.

E: Qual a sua formação?

D2: Portanto, sou educadora de infância. Tenho primeiro o bacharelato, licenciatura, pós-graduação e mestrado incompleto (risos).

E: Muita coisa portanto.

E: Quantos alunos têm este ano letivo?

D2: O grupo este ano atingiu os 25, mas entretanto já reduziu e agora neste momento tem 23.

E: Os alunos têm que idades?

D2: 3, 4, 5 e 6 anos.

E: Como é o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos?

D2: (Aaaaa) o envolvimento dos pais (aaaa). Portanto os pais aqui neste, neste jardim-de-infância, nesta área, são bastante ocupados, todos eles trabalham não tenho pais desempregados. Talvez um ou outro, portanto os pais são bastante ocupados. (Aaaa) mas sempre que podem e sempre que é solicitado algum trabalho, alguma participação, há sempre alguns pais que gostam de participar. Nem todos mas há sempre aqueles que gostam de participar e participam.

E: Sente que os pais querem participar ativamente neste momento da vida dos filhos?

D2: Sim, especialmente os pais dos meninos mais pequeninos dos 3 anos, quando eles entram no jardim ficam muito ansiosos e têm muito a necessidade de saber o que é que eles fazem, como é que eles estão, se estão bem, se não estão bem, se estão a fazer uma boa adaptação, pronto são pais muito preocupados.

E depois são os pais dos meninos finalistas, como tão a terminar o pré-escolar, que vão iniciar uma nova etapa no ano seguinte, o 1º ciclo, então ficam também um bocadinho ansiosos. Se os filhos estão bem, se os filhos já sabem fazer o nome deles, se os filhos já conhecem algumas letrinhas, portanto essas coisas, são as coisas que os preocupam mais que realmente eu vejo que eles de vez em quando me procuram para esclarecer essas coisas.

E: Como é estabelecido o contacto com os pais?

D2: (Aaaaa) bem os pais primeiro temos marcado... temos reuniões, primeiro temos reuniões marcadas logo no início do ano que são as reuniões de final de cada período. No final de cada período temos reuniões com os pais, depois temos um dia de atendimento aos pais, o dia de atendimento por mês aos pais. E depois os pais estão informados que sempre que queiram falar comigo, sempre que sintam necessidade de falar comigo, é só falar que nós marcamos

uma horinha e depois, há o caderno dos recados, pronto sempre que há um recado sempre que há qualquer coisa que seja necessária comunicar aos pais vai no caderninho de recados.

E: Ok. E os pais também contactam com a escola da mesma forma? Através da caderneta ou tentam ligar para a escola...

D2: É, também ligam muitas vezes. Muitas vezes eles nem se dão ao trabalho de estar a escrever o recadinho no caderno, mas às vezes alguns ainda escrevem o recadinho. Mas a maior parte das vezes eles telefonam, telefonam para a escola e deixam recado.

E: Ok. Que tipo de trabalho é desenvolvido em parceria com a escola e a família?

D2: Há alguns projetos durante o ano letivo.

E: Realizam projetos na qual os pais possam participar?

D2: Por exemplo este ano letivo o projeto do livro, o livro que vai a casa, portanto já é uma forma de envolver os pais com a escola e os pais verem que trabalhamos as histórias e que damos importância à leitura. (Aaaa) e portanto de 15 em 15 dias sensivelmente, de 15 em 15 dias os meninos levam um livro para ler em casa com os pais.

Depois também foi lançado (ummmmm) projeto, que era os pais virem à escola falar de uma atividade que eles tivessem ou da sua profissão ou contar uma história, algo que os pais gostassem muito ou quisessem (aaa) falar com os seus filhos e com o grupo e pronto.

Esse projeto não teve muita aderência este ano. O ano passado houve pais que participaram mais este ano nem por isso, mas pronto.

E: Os quais envolvem se nesses projetos da escola?

D2: Temos o caso do pai do “João” hoje veio aí fazer aquela plantação toda e disponibilizou-se para trazer aquilo tudo, foi muito bom, portanto um pai muito participativo.

E: Um pai que se envolveu no projeto da escola.

D2: É, sim.

E: Como cativa os pais a participar nesses projetos?

D2: Através do cativar os filhos, o cativar as crianças, as crianças envolverem-se nesses projetos e gostarem, faz com que eles puxem também pelos pais e que os pais queiram vir realmente mostrar que gostam, que participam, que dão atenção aos filhos, que valorizam a escola. Portanto é através dos filhos é que se chega aos pais, essencialmente.

E: Muito bem. Que vantagens ou desvantagens encontra na participação dos pais na vida escolar dos filhos?

D2: (Aaaa) vantagens ou desvantagens da participação dos pais.

E: Sim.

D2: Bem, vejo vantagens em os pais participarem, os pais perceberem qual é (ooo) desenvolvimento dos seus filhos, quais as aprendizagens que estão a fazer naquele momento, para que haja, para que haja continuidade, digamos. Por exemplo nós estamos aqui a falar de determinadas coisas, a desenvolver algum assunto e se os pais souberem o que estamos a falar e a desenvolver, se os pais lá em casa também derem um bocadinho de

continuidade é ótimo. Por exemplo nós tivemos o projeto da dieta mediterrânica este ano, (aaa) que terminou (aaa) à sensivelmente 1 mês 2 meses, pronto e foi um projeto que já veio do ano anterior. E os pais também se envolveram nesse projeto, vieram cá a formações que houve cá na escola que foram dadas por uma nutricionista (aaa). E portanto os pais sabiam o que é que nós estávamos a desenvolver, o que é que era a dieta mediterrânica, o que é que nós estávamos a valorizar no almoço das crianças, no lanche e colaboraram e realmente viu-se que houve uma alteração a nível do cuidado como os lanches. Diminuiu os doces (aaa) pronto, houve algum cuidado porque trabalhámos todos nesse sentido e os pais envolveram-se e sabiam que nós estávamos a trabalhar, portanto é uma mais-valia. Nesse sentido é uma mais-valia.

E: Então, na sua opinião esta participação é bastante positiva.

D2: Sim, sim sim se os pais realmente forem Se se envolverem diretamente e... com os filhos, acho que sim, sim que é sempre uma mais-valia a participação dos pais.

E: Quais as dificuldades que afetam o envolvimento dos pais?

D2: As dificuldades que afetam o envolvimento dos pais (aaa) vida profissional.

E: Quais as dificuldades que afetam o envolvimento dos docentes?

D2: Penso que nada.

E: Quais são as atividades em que os pais se envolvem mais?

D2: Quais as atividades?

E: Sim.

D2: (Aaaaa) (silêncio) eu acho que eles se envolvem um bocadinho em todas as atividades, desde que eles vejam realmente que os filhos estão interessados nessas atividades, eu acho que eles participam mas...e que se envolvem (aaa). Mas há sempre aqueles pais que têm alguma dificuldade ou por disponibilidade de tempo, porque o horário do jardim-de-infância coincide com o horário de trabalho dos pais, não é? E às vezes não é muito fácil coordenar essas coisas (aaa) Mas pronto, com um bocadinho de boa vontade eles participam, sempre que o solicite eles gostam de participar e participam. Não vejo em que, que haja diferença nas atividades, ou que participam mais nesta ou que participam mais na outra. Não, eu não consigo ver isso assim, acho que eles participam de igual forma em todas, acho que sim.

E: Todos os pais participam na vida escolar dos filhos?

D2: Alguns, infelizmente são só alguns pais que participam na vida escolar dos filhos.

E: Qual a sua reação aos pais que não participam?

D2: Os pais que não participam, pelo menos nas reuniões finais eles estão presentes.

E: Sim.

D2: Isso praticamente estão todos presentes, pode é não participar nas atividades, que às vezes desenvolvemos na sala, pronto (aaa). Não participar de forma tão ativa pelo menos nas reuniões tomar conhecimento do estado de desenvolvimento dos seus filhos. Aí nessa pelo menos eles participam, portanto e aí conversamos. Vou-lhes transmitindo o que se

desenvolveu durante o ano letivo ou durante o período, porque normalmente é uma reunião por período e aí eles ficam mais ou menos dentro do que se fez, pronto. E às vezes pode ser um bocadinho a puxá-los, às vezes até dou-lhe assim um, digamos, abanãozinho, assim a puxá-los a ver se eles para no próximo período, no período seguinte eles participam mais um bocadinho.

E: Portanto é outra estratégia que utiliza para os agarrar.

D2: Exatamente. Pode ser também considerada.

E: Pode referir alguns exemplos de atividades onde tenha pedido a colaboração dos pais? Sem ser esta aqui do livro.

D2: Do livro, houve essa tal dos pais virem à escola falarem ou da profissão, ou pronto é pedido também a colaboração aos pais, por exemplo (aaa) quando foi agora a visita de estudo na quinta dos anjos.

E: Sim

D2: Pronto, eu falei com os pais, se eles realmente aprovavam e se eles estavam dispostos, pronto, se havia pais disponíveis, aí pronto eles já foi assim mais... pronto. Se havia pais disponíveis para... se queriam acompanhar ou se queriam colaborar a nível de... Porque isto aqui é um sítio difícil de levar os meninos, andar com os meninos na rua, pronto é uma estrada perigosa é um sítio difícil e depois eu disse aos pais que gostava muito de levar os meninos a sair da escola. Porque (aaaa) é bom sair da escola e aprende-se muito fora da escola, o contacto com a natureza e todas essas coisas e os pais sim senhora concordaram e acharam muito bem. Mas depois eu disse-lhes que havia um problema, porque não havia pessoal suficiente para levar os meninos. Era um bocadinho preocupante levar os meninos e depois houve alguns pais que se disponibilizaram, que se fosse preciso no dia em que combinássemos a visita de estudo que eles iam, que eles não se importavam de nos acompanhar.

Pronto essa já foi a disponibilidade. Mas depois não foi, pronto, não foi necessário porque vocês estavam cá, não é. Duas meninas estagiárias já eram, já era mais um apoio e depois não foi necessário pedir a ajuda dos pais, mas há sempre um pai ou outro que não se importa de participar e colaborar, sim.

E: Ok.

D2: Não são todos, não são todos.

E: É pena, mas já é um caminho.

D2: É, é, pronto.

E: Então está bem, mais uma vez agradeço pela disponibilidade para realizar esta entrevista.

E: Então, antes de mais boa tarde. Esta entrevista enquadra-se no projeto cujo nome é a relação entre os encarregados de educação e os educadores e professores do primeiro ciclo. Os dados que serão dados na entrevista serão confidenciais.

E: Quantos anos de serviço tem?

Docente (D) 3: (Aaa) 29.

E: Qual a sua formação?

D3: A minha formação inicial é magistério primário, depois licenciiei-me e especializei-me em educação especial.

E: Quantos alunos têm este ano letivo?

D3: 20.

E: Os alunos têm que idades?

D3: Os alunos têm entre 5 anos (eee) 7.

E: Como é o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos?

D3: Há um pouquinho de tudo, há os pais extremamente presentes e interessados, e há os pais que (pausa) nem sempre estão disponíveis, nem sempre mostram muito interesse pelas atividades e o desenvolvimento dos seus filhos.

E: Sente que os pais querem participar ativamente neste momento da vida dos filhos?

D3: (Silêncio) Sinto que eles inicialmente mostraram... a grande maioria mostrou interesse (eeee)... embora nem sempre revelem através das atitudes o devido acompanhamento aos seus filhos, devido ser o primeiro ano que estão inseridos 1º ciclo.

E: Como é estabelecido o contacto com os pais?

D3: O contacto é estabelecido de várias formas, através do atendimento semanal de meia hora ao encarregado de educação, disponibilizei o meu contacto telefónico e (aaa) além disso sempre que é necessário faz-se reunião geral de pais.

E: E os pais também contactam com a escola da mesma forma?

D3: Contactam, sim sim sim.

E: Que tipo de trabalho é desenvolvido em parceria com a escola e a família?

D3: (Aaaa) até ao momento já desenvolvemos três atividades, nomeadamente apanha da azeitona, a feirinha de outono que os pais participaram com bens e com a presença e comprando (oooo) algumas coisas que se venderam para adquirir verbas para a escola e também depois na festa de natal, com o lanche partilhado.

E: Realizam projetos na qual os pais possam participar?

D3: Sim vários.

E: Os pais envolvem-se nesses projetos?

D3: Sim a... e eu esqueci-me de referir o presépio, os presépios que foi a exposição, que acho que obteve imenso o êxito e foi tudo elaborado pelas famílias e pelos encarregados de educação dos alunos desta escola e tava (estava) fabuloso.

E: Como cativa os pais a participar nesses projetos?

D3: (Aaaa) Cativamos sugerindo e eles aderem conforme a disponibilidade deles e o interesse.

E: Que vantagens ou desvantagens encontra na participação dos pais na vida escolar dos filhos?

D3: (Silêncio) Muito sinceramente só encontro vantagens agora de momento, porque os filhos sentem-se acolhidos, sentem-se (aaa) que os pais estão presentes na vida acadêmica deles e penso que isso é uma mais-valia para que eles se desenvolvam e adquiram novas competências e novos interesses.

E: Na sua opinião, esta participação é positiva ou não?

D3: (Silêncio) Dentro da minha experiência, ao longo destes 29 anos tem sido sempre positiva.

E: Quais as dificuldades que afetam o envolvimento dos pais?

D3: Dificuldades do envolvimento dos pais, às vezes (ooo) seu trabalho não facilita a vinda à escola (aaa) por diversas razões, desde os padrões, à distância em que trabalham relativamente às suas moradias e às escolas que os seus filhos frequentam. Acho que esse talvez seja o maior impedimento dos pais estarem mais envolvidos no(ooo) intercâmbio entre(eee) escola e comunidade, enquanto encarregados de educação claro.

E: Quais as dificuldades que afetam o envolvimento dos docentes?

D3: As dificuldades, penso que os docentes de modo geral têm vindo ao longo destes anos (aaa) abrir as suas salas de aulas, a sua escola à comunidade, às instituições envolventes do meio e nomeadamente os encarregados de educação da sua turma.

E: Quais são as atividades em que os pais se envolvem mais?

D3: Os pais de um modo geral, nomeadamente na escola onde eu estou este ano, noto que eles têm uma preferência por determinadas épocas festivas (aaa) nomeadamente o natal, o carnaval e o final do ano letivo.

E: Todos os pais participam na vida escolar dos filhos?

D3: (Pausa) Não, de todo infelizmente.

E: Qual a sua reação aos pais que não participam?

D3: Tento comunicar-lhes que realmente é necessário a presença deles, para poderem estar a par do que é que se passa com o filho na escola, não é? Porque ao fim ao cabo é a segunda casa do filho é a escola.

E: Utiliza outras estratégias para os pais participarem?

D3: (Silêncio) Estratégias a que nível?

E: Para além desse dos cativar utilizou outras estratégias? Chamá-los...

D3: Sim chamos, já mande... há pais que apesar de ir em vários recados nas cadernetas dos alunos, que é um meio de comunicação com os pais, apesar de se telefonar inclusive (aaa), continuam a manter-se ausentes da escola. Já enviei cartas registadas e já participei à comissão de menores, já, porque os pais tiveram três... os três períodos sem virem receber as notas dos seus filhos.

Acontece de tudo um pouco, ao longo destes 29 anos é natural não é? Que assim seja.

E: Pode referir alguns exemplos de atividades onde tenha pedido a colaboração dos pais?

D3: Já referi anteriormente, (risos) na festa do natal, na festa de final de ano, no carnaval acontece imenso, em determinados ... no... como as escolas quase nunca tem verbas suficientes (aaa) no cabaz da páscoa, no cabaz de natal, (aaa) enviam alimentos, (aaa) nos donativos...Sei lá, muita coisa.

E: Pronto, então obrigada mais uma vez pela disponibilização.

D3: De nada, com todo o gosto.

E: Antes de mais boa tarde. Obrigada por ter aceite realizar esta entrevista e quero dizer que todas as informações que aqui serão dadas serão confidenciais.

Então vamos começar.

E: Quantos anos de serviço tem?

D4: Boa tarde. Tenho (aaa) efetivos tenho 20, tou (estou) no vigésimo nono ano de serviço.

E: Qual a sua formação?

D4: (Aaa) Eu tenho licenciatura em variante matemática e ciências.

E: Quantos alunos têm este ano letivo?

D4: 20.

E: E os alunos têm que idades?

D4: Entre os.... neste momento já (já) fizeram muitos anos, portanto 9, 10, tenho um aluna com 11 a fazer 12.

E: Como é o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos?

D4: (Risos) É assim, que eu tenha conhecimento aqui na escola, (aaa) dos que vêm cá.... devia ser mais, em muitos casos devia ser mais, mas não é infelizmente.

E: Sente que os pais querem participar ativamente neste momento da vida dos filhos?

D4: (Silêncio) Alguns... há outros que, pronto... a vida se calhar já é tão agitada que acabam por ficar sem tempo para (para) dedicar um bocadinho mais à escola e aos filhos e à vida dos filhos na escola. (Aaa) Que devia se calhar ser um bocadinho mais bem acompanhada e não é, seja para os bons seja para os maus, não interessa.

E: Como é estabelecido o contacto com os pais?

D4: (Aaa) Através de caderneta, (aaa) através de contacto telefónico se (se) assim se justificar, email, (aaa) ou então aqui o maior contacto é feito aqui até às vezes na entrada, na saída em que os pais às vezes quando têm alguma coisa, algum problema, alguma coisa que precisam de mim pede para falar comigo, além do horário fixo que há todas as semanas para atendimento aos encarregados de educação.

E: E os pais também contactam com a escola da mesma forma?

D4: (Risos) Não, só quando normalmente precisam de alguma coisa, ou algum problema, de resto são poucos os que vêm simplesmente pedir informações sobre o desenvolvimento do filho ou... (aaa) o seu desenvolvimento pedagógico.

E: Ok. Que tipo de trabalho é desenvolvido em parceria com a escola e a família?

D4: (Aaa) É assim primeiro é sempre pedido aos pais a participação na escola (aaa) a nível, lá está de (de)... dos próprios educando, depois é (éé)... à atividades que são feitas a nível de escola para toda a comunidade educativa (am). Este ano por exemplo tivemos (aaa) no final de cada período, foi pedido aos pais um pequeno trabalho em expressão plástica para decorar a escola, (am) agora vêm aí o dia da família, portanto vai ser aberto à comunidade para virem à escola conhecer, brincarem um bocadinho com os próprios filhos, que hoje me dia é algo que pouco acontece (aa)... para eles também se sentirem pouco envolvidos nas atividades que os filhos fazem aqui na escola.

E: E esse que já foi feito teve muita aderência?

D4: É assim (aaa)... eu só posso falar da minha turma.

E: Sim, sim

D4: Na minha turma posso dizer que não (aaa)... no natal teve mais, na páscoa teve muito pouco.

E: Realizam projetos na qual os pais possam participar?

D4: Sim, alguns.

E: Os pais envolvem-se nesses projetos?

D4: Sim, alguns.

E: E como é que cativa os pais a participar nesses projetos?

D4: (Risos) É assim como é assim (risos)... como é que cativamos... as atividades que propomos tentam ser atividades que apelem (aaa) a que eles estejam com os filhos um bocadinho de tempo extra, sem ser o tempo de casa, sem ser o tempo normal, portanto que (que)... que eles (que eles) tenham uma oportunidade de estar com os filhos num sítio que é a escola, onde os filhos estão a maioria do tempo durante o dia. E que vejam por eles próprios também, como é que é a escola e o que é que fazem com a escola, portanto eles conhecem a escola do virem cá buscar os filhos, de os trabalhos que eles levam para casa, mas conhecer a escola estando cá dentro é diferente, do que conhecer a escola fora daqui.

E: Que vantagens ou desvantagens encontra na participação dos pais na vida escolar dos filhos?

D4: Eu acho que só há vantagens. Tanto para eles, como para nós.

E: Porquê?

D4: Porque é uma maneira de os conhecer melhor. Porque nós sabemos que os meninos dentro da escola têm atitudes que... muito diferentes do que fora da escola, é um meio completamente diferente do meio de casa a (aaa) e é uma maneira de os ajudar a eles, porque eles às vezes revelam aqui sentimentos, medos, alegrias que não revelam em casa e vice-

versa. Eles revelam em casa determinadas coisas que não revelam que nós, também não temos acesso aqui e se houver uma interação entre escola e família e uma partilha (aaa) acho que é muito mais saudável para aquela criança poder crescer (am) de uma forma mais saudável e (ee)... lá está com toda a gente que faz parte da sua vida (aaa) conhecer essa criança e poder ajudá-la no seu crescimento.

E: Ok. Na sua opinião, esta participação é positiva ou não?

D4: (Pausa) Quando há participação (risos). Quando há participação, acho que há sempre algo de positivo a tirar, porque podemos sempre lá está.... há sempre essa partilha de preocupações, de alegrias, de (de) informações da criança por parte dos pais e por parte da escola e portanto acho que é sempre uma mais valia para o aluno. Em vez de ter uma ajuda só em casa, ou uma ajuda só na escola, ter uma de cada lado.

E: Quais as dificuldades que afetam o envolvimento dos pais?

D4: (Pausa) A sociedade em si (risos). A (aaa) não, a vida, os horários, o emprego que é até mais tarde e a escola acaba por ter o mesmo horário dos pais, portanto quando os pais saem, a escola já está fechada. Quando os pais entram é quando a escola abre, portanto os pais acabam por não conseguir muitas vezes vir à escola também, porque o próprio horário que têm não o permite. Outros, não sei têm... porque são muito ocupados, porque não lhes apetece, porque a gente sabe por lei eles têm direito algum tempo legal para vir à escola a (aaa), mas a gente também sabe que às vezes é difícil hoje em dia com os empregos e com a falta de emprego e as exigências que os patrões têm de sair e é muito complicado às vezes, eu sei que é, há pais que dizem que realmente é muito complicado.

E: Quais as dificuldades que afetam o envolvimento dos docentes?

D4: O envolvimento dos docentes?

E: Com os pais.

D4: É (hm) o que... Qual é a minha dificuldade em envolver-me com os..., é só eles não estarem cá (risos), porque se eles tiverem cá eu recebo-os. É assim é como eu disse, nós temos um horário próprio para receber os pais, mas a maior parte das vezes eu falo com os pais fora desse horário e muitas vezes se à alguma coisa que é preciso falar com eles e (eee) eu peço para eles virem à escola, eu sou a primeira a dizer, digam-me qual é o vosso horário, diga-me a que horas é que você pode cá vir, a que dia é que você pode cá vir. E nós vimos se conseguimos conciliar as coisas. (Am) Claro que eu não posso estar a deixar a minha turma, porque o horário do pai é das 10h às 11h, mas eu não posso estar a deixar a minha turma, para ir falar com o pai, a... mas tento sempre que seja um horário que o pai possa, (aaa) dentro do meu horário. Porque depois a gente, nós também temos uma vida. A verdade é que os professores, também têm uma vida pessoal e às vezes isso também é um bocadinho esquecido.

E: Quais são as atividades em que os pais se envolvem mais? Há algumas específicas que veja que eles se envolvem mais do que outras?

D4: É assim da minha experiência, atividades que não incluam eles terem de se deslocar à escola, após serviço laboral (risos). Atividades que sejam pedidas para fazer em casa e que depois sejam simplesmente trazidas para a escola a (aaa)... os resultados pelos filhos, porque atividades em que eles tenham que vir à escola mesmo, fisicamente, é complicado. Eles depois aparecem, alguns sempre como é lógico, mas tirando o início do ano que é a primeira vez, quando começam as aulas, e a festa final de ano se calhar a (aaa), pelo meio é complicado nós termos uma aderência dos pais assim... massiva não é? Parece meia.... aqueles do costume, meia dúzia de eles, pais que têm horários mais flexíveis (aaaa), mas depois os outros... é complicado vê-los cá.

E: Todos os pais participam na vida escolar dos filhos?

D4: (Silêncio) De uma forma ou de outra, uns mais outros menos.

E: Qual a sua reação aos pais que não participam?

D4: A minha reação aos pais?

E: Ou seja, utiliza alguma estratégia para os cativar para eles participarem?

D4: É assim, nós tentamos que eles venham e pedir que eles participem, mas é (ééé)... infelizmente às vezes é um bocadinho chover no molhado, não é? Desculpe a expressão. Mas porque cada um tem a sua vida e eles (hm)... é complicado depois virem cá. Por mais que uma pessoa a pele e vai o recado para casa, e vai haver esta atividade e vai haver aquela atividade e puxamos pelos miúdos, digam aos pais e.... mas.... é complicado.

E: Pode referir mais alguns exemplos de atividades onde tenha pedido a colaboração dos pais?

D4: Foi pedido, como já disse, para o natal e para a páscoa, a realização de um pequeno trabalho de expressão plástica a (am) e mais? (Aaa) Cada vez que pedimos aos meninos material para fazer uma atividade qualquer aqui na escola é pedido aos pais que, também, na recolha desse material. Temos agora... foi pedido material para os meninos fazerem um trabalho na "Lupis" (am) e foi pedido mais? Foi pedido... agora assim de repente não me lembro (pausa). Mas foi pedido mais, já pedimos mais! Mas sinceramente não me lembro.

E: Não faz mal.

E: Pronto, terminamos assim a entrevista, obrigada.

D4: Obrigada eu também.